Verity (Colleen Hoover)

Verity by Colleen Hoover is a gripping psychological thriller that will keep you on the edge of your seat. When struggling writer Lowen Ashleigh is hired to finish a bestselling author’s series, she uncovers dark secrets in Verity Crawford’s unfinished autobiography. Twisting between suspense, romance, and chilling revelations, this novel is perfect for readers who love tense, page-turning stories with shocking twists.

Créditos

I'm ready to start reading the chapter you provide. Please upload the chapter for me to summarize.

Sumário

Sumário
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18



Capítulo Cinco

Capítulo Cinco mostra como a rotina se transformou num ciclo exaustivo e emocionalmente desgastante após o nascimento das gêmeas. A sensação de colapso iminente era constante. Entre o choro alternado das bebês, a fome incessante e o sono escasso, a exaustão não dava trégua. Jeremy ajudava o quanto podia, dividindo as tarefas sempre que estava em casa, mas cuidar de dois recém-nascidos exigia mais do que força de vontade — era uma provação física e mental. Com apenas um bebê, talvez houvesse algum alívio, mas com duas, a impressão era de que não havia descanso, nem espaço para respirar.

Durante as primeiras semanas, Jeremy tentou conciliar seu trabalho como corretor de imóveis com a nova rotina em casa. Tirou duas semanas de licença, mas logo precisou voltar, pois não havia dinheiro para contratar ajuda. O adiantamento do primeiro livro publicado pela narradora não cobria quase nada, o que aumentava sua ansiedade. Curiosamente, o retorno de Jeremy ao trabalho trouxe um inesperado alívio: ela conseguiu reorganizar a própria rotina. Ao colocá-las no berço e desligar a babá eletrônica, ela retornava para a cama, isolada com seus protetores auriculares. A solidão imposta pela maternidade transformou-se, para ela, numa espécie de estratégia de sobrevivência.

Essa nova rotina permitiu que ela recuperasse o sono durante o dia e fingisse uma performance de equilíbrio quando Jeremy chegava à noite. Alimentava, dava banho e simulava uma rotina funcional antes que ele entrasse pela porta. O cansaço das crianças, causado por um dia inteiro de choro ignorado, fazia com que dormissem melhor à noite. Isso, por sua vez, oferecia a ela a oportunidade de trabalhar em sua escrita, o que mantinha sua carreira em andamento. Ainda que tudo fosse baseado em uma construção de aparências, ela sentia que havia reencontrado algum controle sobre sua vida. Isso, de certa forma, a fazia acreditar que estava se saindo bem,

mesmo que à custa do sofrimento das filhas.

Um detalhe que ainda a preocupava era a intimidade com Jeremy, especialmente porque o médico não havia liberado relações sexuais por conta da cesariana. Apesar disso, ela temia que a falta de conexão física afetasse negativamente o casamento. Via o sexo como um elo vital, cuja ausência poderia comprometer o restante da relação, como uma infiltração silenciosa que corrói as estruturas de dentro para fora. Tentou reatar essa conexão íntima, mesmo sem aprovação médica, mas Jeremy hesitou, preocupado com a sua recuperação. O receio dele, embora compreensível, despertou nela uma inquietação sobre como manter viva essa parte do relacionamento.

Muitas mães enfrentam esse tipo de conflito nos primeiros meses do puerpério — uma realidade raramente abordada de forma honesta. A pressão para ser produtiva, manter um casamento saudável e ao mesmo tempo ser uma cuidadora impecável pode se tornar insustentável. Estudos mostram que a privação de sono contínua, aliada à sobrecarga mental, pode desencadear transtornos como a depressão pós-parto, afetando até 15% das mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde. O que a narradora vive é um reflexo desse colapso silencioso que muitas mulheres sentem, mas raramente confessam. No seu caso, a escrita torna-se tanto um refúgio quanto uma válvula de escape.

O leitor, então, é levado a questionar: até que ponto é justificável ignorar os próprios filhos para manter a sanidade? Seria essa uma demonstração de falha moral ou uma forma de autopreservação? A protagonista não se vê como uma má mãe, mas como alguém fazendo o possível para não desaparecer sob o peso da maternidade. Mesmo assim, a distância emocional entre ela e as crianças é nítida. Elas não são vistas como extensões de seu amor, mas como obstáculos silenciosos em seu caminho. A empatia do leitor oscila entre julgamento e compaixão, pois embora os atos descritos sejam difíceis de aceitar, a dor contida nas entrelinhas é palpável.

Conforme a narrativa se desenrola, a vulnerabilidade da protagonista fica evidente. Seu medo de perder Jeremy, de falhar como mãe e de se perder como mulher estão

todos interligados. Não se trata apenas de negligência, mas de uma luta desesperada para preservar sua identidade diante de um papel que a consome. A maternidade não é idealizada aqui — é árdua, confusa e muitas vezes cruel. E ainda que suas escolhas sejam questionáveis, a sinceridade com que ela as relata cria uma conexão desconfortável, porém real, com o leitor. A sensação é de estar diante de alguém que grita por socorro em silêncio, mas que aprendeu a disfarçar a dor com aparências de normalidade.



Capítulo 18

Capítulo 18 começa com um momento de tensão e confusão, onde cada ação parece ser uma encenação cuidadosamente orquestrada. Verity, sentada na sala, está assistindo à TV, mas sua expressão vazia não deixa transparecer qualquer emoção. April a trouxe para lá, e tudo ao redor parece estar em seu lugar, mas um sentimento inquietante paira no ar. O som da televisão não é suficiente para desviar a mente de Lowen, que observa de longe, tentando entender o que realmente está acontecendo com Verity. Ela questiona em silêncio se é possível que alguém consiga manter essa farsa por tanto tempo, fingindo uma lesão que não parece ter explicação.

Lowen fica parada na porta, apenas assistindo, tentando avaliar o que acontece com Verity e o que se passa na mente de Jeremy. A ideia de que Verity pode estar fingindo ou não tendo reação a estímulos que seriam naturais para qualquer pessoa saudável a atormenta. A tensão cresce à medida que ela decide testar a situação, atirando uma bola de madeira em direção a Verity e esperando uma reação, que não vem. Isso a faz questionar ainda mais a veracidade do estado de Verity e as intenções por trás de suas ações. Ela volta para a cozinha, mas a sensação de desconforto permanece, agora com mais perguntas do que respostas sobre o que está acontecendo dentro da casa.

Com a leitura do manuscrito de Verity, a ansiedade de Lowen só aumenta. Cada capítulo é mais perturbador do que o anterior, e ela se vê mergulhada em um mundo de mentiras e manipulações, onde a moralidade de Verity se revela ainda mais complexa e perturbadora. As páginas, que deveriam oferecer clareza, apenas trazem mais escuridão, especialmente quando Lowen chega à parte que fala sobre a morte de Harper. A frustração se mistura com a dúvida: deveria ela revelar a verdade para Jeremy ou continuar escondendo os segredos que o manuscrito contém? Lowen se vê dividida entre a empatia e o medo, questionando se contar a verdade realmente

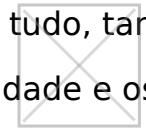
ajudaria alguém ou se causaria mais dor e sofrimento.

Enquanto a busca por respostas continua, Lowen tenta manter uma fachada de normalidade. Ela prepara o jantar para Jeremy e Crew, mas a mente não consegue escapar das questões que surgem com o manuscrito. A tensão na casa se intensifica quando Jeremy começa a descer as escadas, trazendo consigo o peso das responsabilidades que se acumulam, com Verity e sua situação instável ainda presentes. O som da televisão se silencia, e o ambiente na casa parece ainda mais pesado, uma metáfora para o silêncio interior de Lowen, que agora carrega a verdade que ela tem medo de revelar. Ela se afasta da sala, se sentindo mais distante de todos à medida que se perde em seus próprios pensamentos.

No entanto, o momento de silêncio é quebrado por uma tensão crescente entre Lowen e Jeremy. Durante a refeição, uma conversa inevitável surge, com Jeremy pedindo desculpas por ter perdido o jantar. Lowen, ainda abalava pelas últimas revelações do manuscrito, tenta evitar a conversa, mas acaba se deixando levar pela empatia e preocupação com o sofrimento de Jeremy. Ele, por outro lado, parece não entender completamente o que Lowen está tentando expressar, focando apenas em suas próprias lutas internas. No entanto, a sugestão de Lowen de colocar Verity em uma instituição começa a fazer Jeremy questionar suas opções, e a conversa toma um rumo mais sério, refletindo as complexas emoções que ambos estão enfrentando.

O capítulo atinge um clímax emocional quando Jeremy revela, de forma súbita, o que realmente quer: Lowen. A tensão sexual entre eles, que antes parecia inevitável e cheia de culpa, agora se transforma em algo mais intenso. A dinâmica entre eles muda quando eles se envolvem fisicamente, mas essa conexão é marcada por uma dor subjacente que ambos tentam ignorar. A intimidade compartilhada não é apenas um ato de desejo, mas também uma fuga da realidade que os envolve. Porém, ao mesmo tempo que se entregam ao momento, Lowen é forçada a confrontar o que isso significa para ela e para o futuro que ela está construindo dentro daquela casa cheia de segredos.

Quando Jeremy e Lowen estão juntos, as palavras e ações se tornam intensamente pessoais e emocionais, mostrando o quão frágil é a linha entre a necessidade de se conectar e o peso das escolhas passadas. Ambos se sentem perdidos, mas também imersos em uma necessidade que vai além da compreensão lógica. A troca entre eles reflete o que cada um está tentando evitar: o enfrentamento da verdade. Em uma casa cheia de tensões não ditas, Lowen se vê cada vez mais próxima de uma decisão que pode mudar tudo, tanto para ela quanto para Jeremy, mas ela ainda luta com os limites da moralidade e os danos causados pela verdade não revelada.



Capítulo 1

Capítulo 1 marca o início de um dia que prometia ser comum, mas foi interrompido por um impacto repentino que ainda ecoa na minha mente. O som do crânio quebrando antecedeu até mesmo o sangue quente que manchou minha roupa. O homem ao meu lado, distraído pela tela do celular, atravessou fora da faixa e foi colhido por um caminhão que não teve como frear a tempo.

Os instantes seguintes se desdobraram em câmera lenta. Meus reflexos foram inúteis; meus dedos tocaram apenas o ar antes que ele fosse atingido. Era evidente que ele estava morto mesmo antes da sirene da ambulância ecoar pela avenida, e o sangue espalhado por minha blusa contava a história completa.

Pessoas passaram por mim como se nada tivesse acontecido, algumas sequer levantaram os olhos de seus telefones. Nova York é assim: tragédias individuais não causam comoção coletiva. Em outra cidade, gritos e comoção tomariam o espaço; aqui, o fluxo do dia segue quase intacto.

Eu, que sempre busquei anonimato entre os arranha-céus, me vi manchada por uma tragédia que se recusava a ser ignorada. Senti-me deslocada entre a multidão, presa entre a obrigação de seguir para minha reunião e o desejo de desaparecer. No entanto, fiquei ali, paralisada no meio-fio, incapaz de continuar como se nada tivesse acontecido.

Foi então que um estranho me tocou o braço, perguntando se eu estava ferida. Seu tom, carregado de uma empatia rara nessa cidade, me fez hesitar. Disse que o sangue não era meu, mas minha voz falhou ao tentar explicar o resto.

Ele me conduziu até uma cafeteria próxima, indicando o banheiro como refúgio. Mesmo sem saber seu nome, confiei nele. Ao trancar a porta para me proteger de

olhares curiosos, demonstrou mais cuidado do que muitos que conheço há anos.

O espelho revelou o estrago: manchas no rosto, gotas secas escurecendo minha pele, uma sobrancelha suja. Sem dizer palavra, ele molhou papéis para que eu pudesse me limpar. O gesto era silencioso, mas carregado de solidariedade.

Tirei a blusa suja, envergonhada por estar com um sutiã velho na frente de um desconhecido. Em resposta, ele tirou a própria camisa, entregando-a para que eu pudesse me cobrir. A roupa era larga demais, mas oferecia dignidade.

Enquanto me trocava, ele desviou o olhar com respeito. Sua gentileza contrastava com o caos recente, e por um momento, senti que havia encontrado uma âncora no meio da tormenta. Mesmo assim, era impossível ignorar o anel de casamento brilhando em sua mão.

Curiosa, perguntei seu nome. “Jeremy”, ele respondeu, depois de um instante. Não parecia alguém que desejasse ser notado — talvez estivesse, como eu, tentando ser esquecido nesta cidade que nunca para.

Falei do acidente, do sangue, da morte, e ele escutou com um silêncio compassivo. Quando mencionei minha mãe, que havia morrido de câncer uma semana antes, não houve julgamento, apenas compreensão. Pela primeira vez em muito tempo, alguém ouviu sem tentar consertar nada.

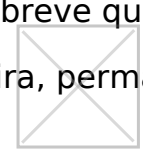
Foi então que ele compartilhou seu próprio abismo: a morte da filha de oito anos, afogada em um lago. Minhas tragédias pareceram pequenas perto disso, mas ele não competia. Apenas compartilhava sua dor de maneira crua e honesta.

Ficamos ali, como dois estranhos unidos pelo trauma. Nenhuma solução foi proposta, nenhuma promessa feita. Apenas silêncio e respeito mútuo.

Antes de sair, Jeremy perguntou se eu ficaria bem. Assenti, embora não tivesse certeza. Sua gentileza havia me tocado, mas eu ainda estava em pedaços.

Na rua novamente, me dirigi ao local do acidente e dei meu depoimento. As autoridades anotaram meus dados, mas duvido que eu tenha contribuído com algo útil. A tragédia já estava sendo esquecida enquanto o trânsito se reorganizava.

Jeremy passou por mim outra vez, com um café nas mãos e o olhar focado em algum destino que não incluía meu nome. Ainda assim, ele deixou uma marca invisível — o tipo de conexão breve que só acontece quando duas dores se reconhecem. E que, mesmo passageira, permanece.



Capítulo Um

Capítulo Um introduz uma narrativa visceral e intensa, na qual o encontro com Jeremy marca não apenas o início de um romance, mas também o ponto de virada de toda uma existência. Desde o início, a protagonista demonstra uma consciência inquietante de que o fim se aproxima, não como uma possibilidade remota, mas como uma certeza que apenas aguarda seu momento. Ainda assim, ela mergulha de cabeça na lembrança daquele primeiro contato, onde cada detalhe – o vestido vermelho, o ambiente, o olhar de Jeremy – se mistura ao desejo de ser vista, desejada, talvez até salva. A sedução é descrita de forma estratégica, não como um acaso, mas como uma coreografia entre dois desconhecidos que sabiam exatamente o que estavam fazendo. E mesmo assim, há algo de autêntico naquele gesto ousado de Jeremy ao pedir que ela bebesse água: um misto de preocupação e arrogância que intriga.

O interesse da protagonista por Jeremy não vem apenas de sua aparência ou do contexto luxuoso em que ele parece estar inserido. Há uma tensão entre o que ele representa – status, beleza, confiança – e o que ele de fato revela: vulnerabilidade, humor e até uma pitada de engano. Quando ele admite que a limusine não era sua e que trabalha como faxineiro, a revelação não afasta a narradora, mas a atrai ainda mais. Essa desconstrução do “homem perfeito” o torna mais humano, mais acessível, e ainda assim incrivelmente desejável. A honestidade inesperada, combinada com o toque hábil de seus dedos, transforma aquela noite em algo que vai além do sexo ocasional. O desejo cresce não apenas por seu corpo, mas pela possibilidade de um novo caminho, talvez até de um recomeço.

As cenas seguintes são carregadas de sensualidade e emoção contida, mas também revelam algo maior: uma conexão profunda entre dois estranhos que parecem se reconhecer em um instante. Comer batatas fritas entre beijos, dividir um milkshake enquanto as mãos exploram os limites do permitido – tudo soa como um ritual de

entrega silenciosa. A ausência de pressa, o cuidado com que Jeremy a conduz, indicam que o que começou como uma noite qualquer estava rapidamente se transformando em algo com raízes. E mesmo que ambos mintam sobre suas idades ou status, a transparência emocional entre eles é mais real do que qualquer verdade factual. É essa intensidade crua, quase selvagem, que torna o encontro tão memorável para ela.

Quando finalmente chegam à casa de Jeremy, a simplicidade do lugar contrasta com a profundidade do momento. Não há luxo, mas há entrega. A cama não é grande, mas é onde ela sente, pela primeira vez, que o ato de fazer amor envolve muito mais do que o físico. Para ela, não é apenas um corpo se oferecendo – é o coração se abrindo, é a alma se despindo junto com as roupas. Esse tipo de conexão raramente acontece à primeira vista, mas aqui é retratado com tanta força emocional que o leitor quase sente estar presenciando algo sagrado. É um instante onde o desejo se mistura à esperança e ao medo, tudo embalado pela sensação de que aquele encontro pode mudar o rumo da vida dela – ou levá-la ainda mais fundo à tragédia.

Do ponto de vista psicológico, o capítulo revela uma mulher que vive na linha tênue entre controle e autodestruição. Seu comportamento, ainda que impulsivo, demonstra uma lucidez surpreendente. Ela sabe o que quer, mas também entende o risco de desejar demais. A frase de Bukowski no início não é gratuita – é uma confissão. Ela escolheu amar algo (ou alguém) com tanta força que está disposta a ser destruída por isso. E isso reflete um padrão observado em traços de personalidades com traumas mal resolvidos ou carências afetivas profundas: a busca por intensidade como forma de preencher o vazio.

Por fim, é interessante destacar que, apesar da narrativa girar em torno de uma noite de paixão, o que a torna inesquecível não é o sexo em si, mas tudo o que o antecede e o que ele representa. A troca de olhares, os silêncios compartilhados, as mentiras confessadas com humor – cada gesto constrói uma ponte entre duas pessoas imperfeitas, mas dispostas a se arriscar. Para leitores, esse tipo de história oferece mais do que entretenimento; ela acende reflexões sobre escolhas, destino e a linha tênue entre amor e obsessão. E como todo bom capítulo de abertura, deixa uma

pergunta no ar: será que esse amor vai salvá-la... ou será o que vai destruí-la?



Capítulo 7

Capítulo 7 começa com a última página do manuscrito escapando das minhas mãos e deslizando silenciosamente pelo chão de madeira. Ao pegá-la, percebo que cada nova linha lida pesa mais do que a anterior. Ainda ajoelhada no escritório, as lágrimas ameaçam surgir, mas recuso-me a deixá-las cair. Foco na dor nos joelhos para desviar dos sentimentos. A mente gira, confusa entre indignação, tristeza e uma raiva silenciosa. A certeza, porém, se cristaliza: Verity escreveu aquilo porque era real para ela. Nenhuma autora colocaria no papel pensamentos tão cruéis sobre seus próprios filhos se não tivessem, em algum momento, passado por sua cabeça. Não se trata mais de ficção — trata-se de uma confissão escrita com frieza.

Guardo o manuscrito no fundo de uma gaveta, escondido sob outras coisas. A ideia de Jeremy descobrir aquilo me perturba, pois ele já carrega dor suficiente com a perda das filhas. Saber que a mãe delas pode ter causado parte desse sofrimento seria insuportável. Rezo para que Verity tenha se redimido em algum momento após o nascimento das meninas, mas estou abalada demais para continuar a leitura. Uma bebida parece necessária. Revisto armários e a geladeira em busca de álcool, mas não encontro nada. Quando Jeremy surge perguntando se estou bem, percebo que minha angústia já transparece. Peço algo com álcool, e ele me oferece uísque com refrigerante. Sento, tremendo, e ele me observa com atenção enquanto bebo.

Jeremy percebe minha inquietação, e tenta entender o que houve. Minto dizendo que o livro de Verity me assustou, evitando revelar a verdade sobre o que li. Ele ri, surpreso com minha reação exagerada a um texto, e sugere que eu deveria escrever histórias românticas. Tento parecer mais tranquila, e ele oferece o jantar que ainda está quente. A comida me acalma mais do que eu esperava. Ao provar o frango, elogio o sabor, e Jeremy parece se aliviar também. A conversa muda de tom, e aproveito para perguntar sobre o estado de Verity. Segundo Jeremy, ela não apresenta avanços.

Seu cérebro funciona de forma quase primitiva, e qualquer recuperação parece distante.

Crew aparece, vestindo pijamas e carregando um iPad, e se senta no colo do pai. Observar essa cena me emociona — Jeremy é um pai presente, e Crew, mesmo com tão pouca idade, parece seguro e feliz em sua companhia. Essa relação entre os dois mostra que ainda há afeto e equilíbrio em meio a tanto caos. Penso em como Verity, com todo seu histórico descrito no manuscrito, teria aceitado ter outro filho. Talvez o nascimento das meninas tenha mudado algo nela. Talvez o manuscrito fosse uma forma de se libertar da culpa, de colocar no papel aquilo que sentia antes de aprender a amar. Como um ato de confissão silenciosa.

Essa conclusão traz algum alívio. O relato de Jeremy sobre as limitações de Verity confirma que ela não é mais uma ameaça. Crew encosta a cabeça no ombro do pai e os dois sobem juntos. O carinho que Jeremy demonstra e o modo como me chama de Laura na frente dos outros, mas de Lowen quando estamos a sós, me fazem perceber que estou começando a gostar demais da proximidade dele. Tento não pensar muito nisso. Lavo a louça do jantar e me sinto melhor, talvez pela comida, pela conversa, ou pela esperança de que o manuscrito possa tomar um rumo menos sombrio nos próximos capítulos. Na saída da cozinha, fotos de família me fazem parar no corredor.

As imagens retratam uma família bonita e unida. As meninas, muito parecidas com Verity, contrastam com Crew, que herdou o rosto do pai. Uma delas, sempre sorridente, tem uma pequena cicatriz na bochecha. A outra raramente sorri. Fico intrigada ao notar que a cicatriz já estava ali desde bebê. Quando Jeremy desce as escadas, pergunto qual das meninas é Chastin, e ele aponta a da cicatriz. Explica que o médico disse ser uma cicatriz natural, causada pela disputa de espaço no útero — algo relativamente comum entre gêmeos.

Minha mente, no entanto, considera outra possibilidade: a tentativa de aborto descrita por Verity. A pergunta que faço sobre a alergia delas escapa sem pensar. Jeremy percebe que pesquisei sobre a morte das meninas, mas não se incomoda. Responde

que apenas Chastin era alérgica a amendoim. O silêncio entre nós se torna mais denso. Ele nota a cicatriz na minha mão e a toca suavemente, perguntando como a adquiri. Fecho a mão, não por vergonha da marca, mas porque o toque dele me causa uma sensação inesperada. Agradeço pelo jantar e vou direto para o quarto, fechando a porta atrás de mim.

Encosto-me, tentando recuperar o controle. Jeremy é gentil, carinhoso e leal. Mesmo com a esposa em um estado vegetativo, continua a tratá-la com respeito e cuidado. Isso o torna ainda mais admirável. Talvez o desconforto que sinto venha da culpa — por me permitir ter sentimentos por alguém que ainda está preso a um passado que não se desfez.

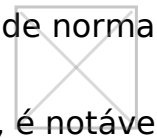
Capítulo 11

Capítulo 11 se desenrola sob um sol que contrasta com a tensão silenciosa dentro da casa de Jeremy. Apesar do dia claro, o ambiente parece pesado, como se algo invisível estivesse sendo evitado por todos ali. Enquanto Jeremy martela no deque e Crew se distrai na areia, a narradora percebe uma inquietação crescente. Os ruídos noturnos, que surgem sem explicação, somam-se ao sentimento de que há mais habitantes naquela casa do que os olhos podem ver. Essa desconfiança alimenta não só o suspense da trama, mas também o desconforto emocional de quem lê, pois a ideia de uma presença invisível estimula o medo mais primitivo: o de não saber com o que se está lidando.

A dinâmica entre os adultos na casa intensifica essa estranheza. A narradora, uma observadora cada vez mais envolvida, nota o distanciamento quase clínico entre Jeremy e Verity, sua esposa em estado vegetativo. A enfermeira April, com sua postura rígida, reforça a ideia de que Verity merece respeito, ainda que pareça ausente de tudo ao seu redor. Mas o que mais a narradora teme não é a ausência, e sim a possibilidade de consciência oculta por trás da imobilidade. Estudos indicam que pacientes em estado vegetativo podem, em alguns casos, manter níveis mínimos de percepção — uma realidade que dá calafrios quando pensamos nas intenções ocultas de Verity.

O momento em que Crew apresenta uma tartaruga à mãe paralisada é devastador em sua doçura. A criança, inocente e cheia de esperança, não compreende a profundidade da situação. Ele só deseja um sinal, uma resposta, qualquer gesto que confirme que sua mãe ainda está com ele de alguma forma. Essa cena reforça o impacto emocional da história, pois evidencia como a tragédia familiar ultrapassa os adultos e atinge em cheio a fragilidade da infância. A falta de resposta não apenas quebra o coração de Crew, como também reforça à narradora o silêncio opressor que domina a casa.

Mais tarde, quando Jeremy convida a narradora para sair para jantar, o clima muda, ainda que momentaneamente. Pela primeira vez em dias, a rigidez do ambiente é suavizada por sorrisos, conversas leves e a espontaneidade de Crew, que com suas piadas infantis oferece um breve respiro aos adultos. Jeremy, por sua vez, demonstra um cuidado crescente pela narradora, algo que vai além da simples convivência. A saída funciona como uma válvula de escape, um lembrete de que ainda é possível viver momentos de normalidade, mesmo sob circunstâncias tão anormais.



Durante o jantar, é notável como Jeremy se permite relaxar. Ele observa a narradora com olhos que antes pareciam cansados demais para demonstrar afeto, e ela, por sua vez, sente que algo está mudando entre eles. Essa mudança não é dita, mas sentida — um toque mais demorado, um sorriso que dura um segundo a mais, um olhar compartilhado em silêncio. A presença de Crew mantém o equilíbrio, impedindo que a tensão emocional transborde, mas não apaga o fato de que uma conexão mais profunda está se formando. Para o leitor, esses detalhes constroem uma antecipação: até onde isso pode ir, e a que custo?

Ao retornarem para casa, o contraste entre o jantar leve e a escuridão habitual da residência é imediato. O clima sombrio parece retomado, como se aquela noite agradável tivesse sido apenas uma ilusão. Ainda assim, a narradora reflete sobre o que viveu — não com arrependimento, mas com uma estranha paz. Ela sabe que está se envolvendo mais do que deveria, mas sente que resistir tornou-se difícil. Jeremy e Crew, cada um à sua maneira, preenchem os vazios que ela carrega, mesmo que ela evite admitir isso em voz alta.

O capítulo termina com uma sensação ambígua: há calor humano onde antes havia apenas frieza, mas ele vem acompanhado de riscos. A narradora se vê dividida entre a empatia por uma família destruída e a crescente atração por um homem emocionalmente disponível, porém cercado de tragédias. O fato de Verity estar viva — e talvez consciente — paira sobre tudo como uma ameaça silenciosa. E, ainda que o leitor deseje por momentos de leveza, a tensão nunca desaparece por completo. Ela apenas muda de forma, como uma sombra que se arrasta por entre as rachaduras da

casa.



Capítulo 3

Capítulo 3 começa com a lembrança de um relacionamento que poderia ter mudado o rumo da vida da protagonista. Seu ex-namorado, Amos, tinha gostos sexuais perigosos, como a asfixia erótica, que a fizeram colocar sua segurança acima da paixão. Às vezes, ela se questionava se teria seguido outro caminho ao ceder aos desejos dele – talvez um casamento, talvez filhos. Mas as memórias de momentos angustiantes, como o risco de ser despejada, a lembravam de que, apesar das dificuldades, tinha escapado de uma situação emocionalmente e fisicamente arriscada. Essa reflexão inicial não é apenas sobre o passado amoroso, mas uma introdução ao padrão de escolhas marcadas pelo medo e pela sobrevivência. A autora cria uma conexão emocional ao mostrar como o trauma pessoal pode ser revivido por eventos aparentemente desconexos, como o som de uma porta ou a chegada inesperada de alguém.

A visita de Corey, seu agente e antigo parceiro ocasional, desencadeia uma série de emoções contraditórias. Embora sua presença traga boas notícias – um novo contrato de escrita que garante um avanço financeiro – também escancara o abismo entre eles. Corey está envolvido com outra mulher, Rebecca, e isso encerra qualquer esperança de reconciliação romântica. Mesmo assim, a comemoração do contrato acontece com uma garrafa de champanhe, criando um contraste entre celebração profissional e tensão pessoal. A protagonista tenta manter a compostura, mas sente que Corey não enxerga sua realidade: a quase falência, a solidão, a dor ainda recente da perda da mãe. É comum que profissionais criativos escondam suas dificuldades atrás de realizações. Isso é um lembrete importante de que sucesso aparente nem sempre representa estabilidade ou bem-estar.

Enquanto discutem o projeto, Jeremy Crawford e sua esposa, Verity, tornam-se o novo foco da conversa. Verity está incapacitada após um acidente, e Jeremy propôs que

outra autora desse continuidade à sua série famosa. A ideia de morar temporariamente na casa dos Crawford para mergulhar nos manuscritos parece desafiadora, mas promissora. Corey, porém, reage com hesitação. Ele compartilha detalhes inquietantes sobre a vida do casal: a morte de duas filhas pequenas em acidentes distintos e o acidente de Verity, envolto em mistério. Para Corey, isso não são apenas coincidências trágicas – é uma sucessão de eventos sombrios demais para serem ignorados. Essa desconfiança instiga o leitor a questionar se há algo mais sinistro sob a superfície da história.

Mesmo com a apreensão de Corey, a protagonista escolhe seguir em frente. Ela está convencida de que as tragédias da família Crawford são apenas fatalidades, não prenúncios de perigo. Isso demonstra uma combinação de coragem, necessidade e negação, comum em momentos decisivos da vida. O apartamento onde ela mora, com sua atmosfera carregada desde o falecimento da mãe, já não parece seguro nem emocionalmente acolhedor. Corey, ao se despedir, deixa uma sensação de fechamento, como se aquele capítulo da vida dela – o luto, a insegurança financeira, e as relações inacabadas – estivesse se encerrando. A autora insere aqui uma metáfora delicada sobre a transição. Às vezes, um adeus não é dramático; é apenas o silêncio que vem quando alguém fecha a porta.

Enquanto o capítulo se encerra, o leitor entende que o verdadeiro desafio ainda está por vir. A protagonista agora precisa lidar com o passado sombrio da casa de Verity, além de explorar os limites criativos de outra autora. Essa tarefa exige mais do que talento; exige resiliência emocional. O medo do fracasso, os ecos das dores anteriores e o peso das expectativas vão acompanhar cada palavra que ela escrever. Ainda assim, há uma força silenciosa em sua decisão de ir – uma convicção que muitos escritores conhecem bem: às vezes, o salto no escuro é o que permite que a história se revele. E essa, como toda boa história, carrega promessas, riscos e um mistério que só poderá ser revelado pelas páginas seguintes.

Capítulo 24

Capítulo 24 marca um ponto de transição silencioso, mas significativo, nas nossas vidas. Sete meses se passaram desde a morte de Verity, e muita coisa mudou nesse tempo. Embora a dor da perda ainda assombre, especialmente para Crew e Jeremy, conseguimos encontrar uma nova rotina em meio à saudade. Saí para Manhattan no mesmo dia em que ela faleceu, evitando complicações desnecessárias e permitindo que Jeremy lidasse com o luto de forma privada. Recebi a aprovação dos argumentos para três romances, e o primeiro rascunho foi entregue recentemente. Pedi mais tempo para os próximos livros, pois uma bebê está a caminho, e a chegada dela vai alterar nossa dinâmica por completo.

Jeremy tem se mostrado um parceiro admirável em todos os sentidos. O apoio dele com Crew e com a gravidez tem sido constante e caloroso. Ficar grávida novamente nos pegou de surpresa, mas aceitamos esse novo capítulo como uma oportunidade de cura. Mesmo após tanta dor, Jeremy mostrou que a perda não apaga a capacidade de amar de novo. Ele me liga todos os dias durante minha breve estadia em Manhattan, e quando pediu para eu voltar, não hesitei. Desde então, não nos separamos mais. Vivemos cada momento com intensidade, sem rotular nossa relação — apenas vivemos, e isso tem sido suficiente.

Mudamos para a Carolina do Norte e recomeçamos. Com os recursos vindos dos livros e o seguro de vida de Verity, compramos uma casa de frente para o mar em Southport. As noites no deque, observando as ondas com Crew entre nós, se tornaram rituais que nos ancoram. Essa nova casa representa mais do que um endereço — é um refúgio emocional, onde construímos lembranças novas, mais leves, mais nossas. Crew vai ter uma irmã, e embora não seja sua família original, ele parece estar encontrando segurança nessa nova estrutura. Jeremy frequentemente expressa sua gratidão por nossa presença, e juntos formamos uma família que, apesar das perdas,

floresce.

Crew foi matriculado na terapia, mesmo com as dúvidas de Jeremy. Eu insisto que isso será benéfico — a terapia me ajudou muito quando criança, e acredito que dará a ele ferramentas emocionais para lidar com o passado. Criar novas memórias é nosso compromisso com ele. Temos consciência de que algumas cicatrizes talvez nunca desapareçam, mas podem ser suavizadas com afeto constante. Jeremy, mesmo com suas reservas, está envolvido no processo. Ele entende que curar não é apagar o que aconteceu, mas transformar a dor em algo suportável — talvez até em algo que nos ensine.

Hoje voltamos à antiga casa. O ambiente está carregado, como se as paredes guardassem cada sussurro de um passado não resolvido. Com o parto se aproximando, era a última chance de empacotar tudo antes que viagens longas se tornem inviáveis. As ofertas pela casa chegaram, e não fazia sentido adiar mais essa despedida. No fundo, sabíamos que era necessário esse fechamento — tanto emocional quanto prático. Percorrer os cômodos é como atravessar ecos de tudo o que foi vivido ali. Cada canto carrega algo que precisa ser deixado para trás com respeito.

O escritório foi o espaço mais difícil de enfrentar. Era o lugar onde Verity passava a maior parte do tempo escrevendo, onde sua presença ainda parecia viva entre papéis, anotações e pequenos objetos pessoais. Revistar esse cômodo trouxe à tona muitas emoções, algumas inesperadas, outras inevitáveis. Havia gavetas trancadas, documentos antigos, até manuscritos inacabados. Em meio a tudo isso, encontrei pedaços da mulher que ela foi — complexa, contraditória, e, em alguns momentos, incompreendida. A decisão de seguir adiante exigiu coragem, e limpar aquele espaço foi, paradoxalmente, um ato de amor, não de esquecimento.

Ao longo dessa jornada, aprendemos que nem toda perda precisa nos definir. A vida continua, não porque esquecemos, mas porque escolhemos lembrar com mais leveza. Jeremy, Crew e eu seguimos em frente — não para apagar o que aconteceu, mas para honrar a chance de recomeçar. Em breve, nossa bebê chegará, trazendo ainda mais sentido para tudo o que superamos. O luto nunca desaparece por completo, mas ele

pode coexistir com a esperança. E é nessa convivência que encontramos nossa força. Porque, mesmo depois de tudo, o amor ainda nos move.



Capítulo 16

Capítulo 16 começa com a incerteza que Lowen sente após um encontro que a deixa confusa e cheia de dúvidas sobre sua própria percepção. Durante a noite, ela acredita ter visto Verity em pé no topo da escada, mas ao acordar, a dúvida sobre o que realmente aconteceu a consome. Será que ela realmente viu Verity, ou foi apenas uma alucinação causada pela exaustão? Essa dúvida começa a corroer sua mente, e ela se questiona sobre sua saúde mental e se a culpa que sente por estar próxima de Jeremy está afetando sua visão da realidade.

Nos dias seguintes, Lowen continua sua rotina de leitura do manuscrito de Verity, mas a experiência se torna cada vez mais insuportável. As cenas detalhadas de sexo entre Jeremy e Verity a incomodam profundamente, criando um crescente desconforto. Ela começa a sentir ciúmes e desgosto ao ler sobre a vida sexual do marido de Verity, especialmente enquanto está envolvida em sua própria atração por ele. Isso leva Lowen a afastar-se do manuscrito, tentando se concentrar em outras coisas, como seu trabalho, mas a tensão emocional e a dúvida continuam a afetá-la. Ela sente como se estivesse presa em uma situação em que não pode se afastar, mas ao mesmo tempo, não tem para onde ir até que o dinheiro seja depositado em sua conta.

Enquanto Jeremy e Lowen tentam manter um equilíbrio desconfortável, o relacionamento deles começa a se aprofundar de forma sutil, mesmo com a presença constante de Verity em suas vidas. Jeremy tenta aliviar a tensão instalando uma nova fechadura no quarto de Verity, algo que deveria ajudar Lowen a se sentir mais segura. No entanto, ela começa a se questionar se ele está apenas tentando manter a fachada de que tudo está normal ou se realmente acredita na ideia de que Verity não pode sair do quarto. O gesto de Jeremy é contraditório, e Lowen não consegue evitar se sentir mais insegura sobre sua própria percepção dos eventos. Ela ainda duvida sobre a autenticidade do comportamento de Verity e sobre como ela deve proceder com as

descobertas do manuscrito.

Lowen também continua a ser atormentada pela ideia de contar a Jeremy a verdade sobre Verity, mas não sabe se deve ou não compartilhar o manuscrito com ele. Ela acredita que ele precisa saber quem sua esposa realmente é, especialmente devido à forma como Verity interage com Crew, mas tem receio de que isso só cause mais dor a ele. Lowen ainda não tem certeza sobre o que fazer com a informação que possui, já que não sabe como o manuscrito termina. Ela sente um impulso de agir, mas a incerteza sobre a veracidade das alegações de Verity a impede de tomar uma atitude. Ao mesmo tempo, ela se encontra cada vez mais imersa em um dilema moral, perguntando-se se deve revelar a verdade, embora isso possa destruir a confiança que Jeremy tem nela.

A situação fica ainda mais complicada quando Lowen tenta relaxar assistindo à televisão. Ela finalmente se permite um descanso e um pouco de preguiça, mas Jeremy aparece e a tensão entre eles ressurge. Eles tentam evitar um ao outro, especialmente após o quase beijo que aconteceu dias atrás, mas a atração ainda é palpável. Quando Lowen menciona que seu aniversário está chegando, Jeremy se surpreende, e a conversa que segue é carregada de emoções não ditas. Ele tenta ser atencioso, fazendo um bolo para ela, mas o ambiente ainda é carregado com o peso do que está por vir. A aproximação entre eles começa a parecer mais inevitável, e Lowen não pode deixar de se perguntar se esse relacionamento será mais uma complicação ou uma solução para a solidão de ambos.

Em um momento de mais intimidade, Jeremy e Lowen compartilham um pequeno, mas significativo gesto, e o clima entre eles começa a mudar. Jeremy mostra uma vulnerabilidade rara ao fazer o bolo e ao se aproximar de Lowen. No entanto, a tensão é interrompida quando algo que Lowen não pode ignorar acontece: ela vê Verity no topo da escada novamente. Esse evento a faz entrar em pânico, e ela tenta desesperadamente fazer Jeremy entender que viu sua esposa, mas ele não acredita nela. Isso a deixa ainda mais assustada e isolada, pois sente que está lutando contra algo que ninguém mais pode ver ou entender. A situação se torna cada vez mais

angustiante, e Lowen se vê em um ponto de ruptura, onde precisa decidir entre confiar em suas próprias percepções ou ceder à pressão e às expectativas de Jeremy.

O medo de estar perdendo o controle é tangível, e o comportamento de Jeremy, apesar de suas boas intenções, não ajuda a aliviar a crescente sensação de desconfiança de Lowen. Ela continua a buscar respostas, mas a verdade parece cada vez mais elusiva. No final, a situação se torna um ciclo interminável de dúvidas e medo, e Lowen não sabe mais em quem confiar, nem o que é real. As emoções e os acontecimentos se misturam de forma confusa, e Lowen percebe que, ao tentar desvendar a verdade sobre Verity, ela pode acabar se perdendo ainda mais em um labirinto de incertezas.

Capítulo 2

Capítulo 2 começa com uma cena cotidiana que, apesar de simples, espelha o estado emocional da narradora. Enquanto observa uma formiga solitária em seu pé, ela se perde em pensamentos sobre isolamento, liberdade e confusão — sentimentos que refletem perfeitamente sua própria realidade após meses de reclusão. A comparação entre ela e o inseto é sutil, mas poderosa, revelando uma sensação crescente de deslocamento após cuidar de sua mãe doente por tanto tempo. A chegada inesperada de uma mensagem de Corey, seu agente e ex-amante, interrompe esse momento introspectivo. Ele a convoca para uma reunião misteriosa, reacendendo uma conexão profissional envolta em mágoas não resolvidas. É um chamado para o mundo exterior — um lugar que agora lhe parece tão estranho quanto reconfortante.

Mesmo com o ressentimento pela falta de empatia de Corey, ela decide comparecer à reunião. Suas expectativas são baixas: busca apenas uma solução para evitar o despejo e equilibrar sua vida financeira, que está por um fio desde a morte da mãe. A caminhada até o prédio da editora é marcada por insegurança e desconforto, amenizados apenas pela camisa emprestada por Jeremy, um homem com quem ela teve um encontro intenso e inesperado naquela manhã. O acaso os reúne novamente na recepção do prédio, gerando um clima desconcertante. Eles descobrem que estão indo para o mesmo andar, mas sem saber exatamente o motivo da reunião. Essa coincidência desperta desconfiança nela, mas também uma curiosidade difícil de ignorar. A naturalidade de Jeremy e seu comportamento respeitoso contrastam com o nervosismo contido dela, reforçando um contraste emocional.

Na sala de reunião, a proposta é finalmente revelada: a famosa autora Verity Crawford está incapacitada, e procuram alguém para finalizar sua série. O nome Verity ressoa como um trovão no ambiente — tanto a protagonista quanto Corey reconhecem o peso dessa oportunidade. Jeremy, o homem com quem a narradora compartilhou

momentos intensos horas antes, é o marido de Verity. Essa conexão complica ainda mais a situação, tornando impossível separar o emocional do profissional. Apesar da proposta de US$ 75 mil por livro, ela hesita — não apenas pelo valor da tarefa, mas pelo desconforto com os holofotes e com a responsabilidade de substituir uma autora consagrada. Jeremy, porém, não a pressiona de forma agressiva. Em vez disso, compartilha perdas devastadoras: suas filhas gêmeas morreram em acidentes distintos, e Verity está em estado grave desde o ocorrido.

Essa revelação muda completamente o tom do encontro. O homem que antes parecia apenas um possível interesse romântico, ou um cliente da editora, se revela um pai devastado e um marido em crise. Ele não tenta convencê-la com argumentos comerciais, mas com um pedido sincero — Verity admirava seu trabalho e gostaria que alguém como ela desse continuidade à série. A proposta evolui: pseudônimo, cláusula de sigilo, nenhum compromisso com mídia ou turnês. Tudo para preservar a privacidade e dar conforto à escritora que irá assumir esse legado. Isso mostra um lado mais humano da indústria editorial, onde o respeito pela obra e pela vida do autor é colocado à frente da ganância. Jeremy demonstra empatia, tentando equilibrar luto, legado e literatura. Em vez de um contrato frio, ele oferece um espaço seguro para criar.

A protagonista, mesmo tomada pela ansiedade e pelo medo de não estar à altura, começa a considerar o que essa oportunidade representa. Ela sabe que a escrita é o único caminho que conhece para sobreviver, mas teme que o peso dessa responsabilidade possa paralisá-la. Ainda assim, o respeito que Jeremy demonstra e o cuidado em não pressioná-la diretamente plantam uma semente de possibilidade. É como se a decisão de aceitar ou não estivesse menos ligada ao dinheiro e mais a um chamado de reconstrução pessoal. Ao fim da conversa, ela não dá uma resposta definitiva, mas pronuncia um “tudo certo” — não como uma aceitação formal, mas como um sinal de que, talvez, esteja pronta para sair da sombra do luto e do anonimato. Essa escolha não é apenas sobre trabalho, mas sobre identidade, confiança e recomeço.

Capítulo 13

Capítulo 13 começa com Lowen acordando de um pesadelo, seu corpo ainda tenso e sua mente confusa. Ela percebe que está em um lugar estranho, mas não consegue entender o motivo de ter acordado na cama de Verity. O cheiro e os sons ao seu redor a deixam ainda mais desconfortável, e ela começa a se questionar sobre como chegou até ali. As paredes amarelas do quarto, em contraste com as de seu próprio quarto, a fazem se sentir deslocada. O pânico cresce à medida que ela tenta processar o que está acontecendo, mas seu corpo reage de forma instintiva, movendo-se rapidamente para longe da cama, até encontrar apoio na parede. Lowen está completamente tomada pelo medo, tentando se manter em silêncio enquanto observa Verity dormindo na cama. A sensação de descontrole é tão intensa que ela mal consegue manter os olhos abertos, lutando contra a vertigem e o pânico que tomam conta de seu ser.

Enquanto o medo a domina, Lowen começa a ouvir os ecos de sua voz interior, lembrando-se das palavras de seu terapeuta sobre sonambulismo. Mesmo sem entender completamente o que está acontecendo, ela tenta racionalizar seus sentimentos e agir para sair daquela situação. Sua mente está em um turbilhão de emoções, mas a única coisa que importa naquele momento é sair de lá, longe de Verity e de qualquer possibilidade de outra crise. Quando ela finalmente consegue abrir a porta, Jeremy a impede, segurando-a com firmeza. Lowen, em lágrimas, tenta se afastar, mas ele parece perceber a gravidade da situação, o que a faz se sentir mais vulnerável e exposta. Com uma sensação de culpa imensa, ela se rende a seus cuidados, sem saber se isso a faz mais fraca ou mais forte.

Depois de sua tentativa de fuga, Lowen se recolhe em seu quarto, tentando organizar seus pensamentos enquanto ainda sente a adrenalina pulsando em seu corpo. Jeremy entra no quarto e, ao vê-la, percebe o estado de aflição em que ela se encontra. A preocupação em seus olhos é evidente, mas Lowen, sem saber como explicar o que

aconteceu, se vê obrigada a dar uma explicação improvisada. Ela começa a falar sobre seu sonambulismo, tentando descrever os episódios que a assombram desde a infância. O medo de ser incompreendida a impede de se abrir completamente, mas ela sabe que Jeremy precisa entender o que aconteceu. Ela tenta tranquilizá-lo, mas a sensação de estar constantemente fora de controle a faz duvidar de si mesma. O som do seu próprio coração batendo tão rápido parece ecoar em seus ouvidos, tornando tudo ainda mais sufocante.



Com o tempo, Lowen começa a perceber que seu comportamento estranho pode estar relacionado a algo mais profundo do que ela imaginava. Os episódios de sonambulismo se tornam mais frequentes e, em um momento de vulnerabilidade, ela se lembra de um incidente ocorrido em sua infância, quando sua mãe teve medo dela devido ao comportamento estranho que ela não conseguia controlar. Ela compartilha essa memória com Jeremy, que a ouve atentamente, mas as palavras dela parecem não ser suficientes para aliviar sua angústia. Lowen sente uma conexão com ele, mas também uma barreira invisível entre eles, que cresce a cada segredo não revelado. O medo de ser julgada e a vergonha por suas ações a tornam ainda mais distante de todos, até mesmo de Jeremy, que tenta ser compreensivo, mas não sabe como lidar com o que está acontecendo.

Jeremy, por mais que tente apoiar Lowen, começa a sentir um peso crescente sobre si. A revelação de que ela tem um histórico de episódios tão perturbadores a faz questionar a sua própria segurança e a de seu filho, Crew. Ele começa a ver a situação sob uma nova perspectiva, não apenas como uma questão de sonambulismo, mas como algo que precisa ser tratado de forma mais profunda. No entanto, ele ainda tenta manter a calma, tentando convencer Lowen de que, apesar do que ela acredita ser incontrolável, ela não é uma ameaça. No entanto, o passado de Lowen, com suas cicatrizes físicas e emocionais, está sempre à espreita, e ela se vê novamente presa em um ciclo de medo e arrependimento, sem saber como sair dele.

À medida que a história avança, Lowen tenta lidar com a crescente tensão entre ela e Jeremy. Ela começa a perceber que a solução não está apenas em esconder seus

medos, mas em enfrentá-los de forma honesta. A relação deles, que já estava sendo testada, se torna ainda mais complexa à medida que os segredos vão surgindo. Lowen sabe que precisa tomar controle de sua vida novamente, mas a dúvida sobre o que ela é capaz de fazer a paralisa. A ideia de ir embora, de encontrar uma forma de escapar de tudo isso, parece ser a única saída possível. No entanto, o peso do que aconteceu e o medo de perder tudo o que ela construiu a impedem de dar esse passo final.



Capítulo Dois

Capítulo Dois marcou o início da fase mais intensa da minha ligação com Jeremy, algo que me pegava desprevenida até nos detalhes mais triviais do dia. Tudo nele era alimento para minha alma: o som da sua risada, a firmeza da sua presença e até a maneira como me olhava com naturalidade. Não era apenas amor; era uma dependência emocional que se confundia com sobrevivência — como se meu corpo tivesse sido projetado para funcionar somente quando ele estivesse por perto.

Mesmo quando Jeremy se mudou temporariamente para Los Angeles, continuei vivendo como se ele ainda estivesse comigo. Minhas noites eram preenchidas por fantasias em que seu toque substituía a ausência dele. Ninguém jamais soube o quanto eu me desdobrava para manter o controle, fingindo leveza enquanto me quebrava em silêncio entre travesseiros vazios e chamadas de vídeo que terminavam cedo demais.

A solidão trouxe algo inesperado: inspiração. Comecei a escrever sobre ele, ou melhor, sobre um reflexo dele chamado Lane — um personagem que me permitia continuar tocando Jeremy sem parecer obcecada. Em poucos meses, transformei minha saudade em um romance completo, como se cada linha escrita devolvesse uma parte da minha sanidade. Na ausência física de Jeremy, minha mente encontrou outro modo de manter viva nossa história, ainda que disfarçada sob a ficção.

O dia em que ele voltou de surpresa foi um divisor de águas. Justamente quando terminei de revisar a última página do manuscrito, ele entrou, e minha reação foi uma mistura de nervosismo e euforia. Estava tão feliz que engoli o orgulho junto com tudo o que mais viesse, literalmente — uma metáfora viva do quanto eu estava disposta a agradá-lo.

Ainda assim, minha maior vulnerabilidade não foi o ato íntimo, mas deixá-lo ler meu texto. Tive medo de não estar à altura do que ele esperava de mim, como se um julgamento ruim sobre minha escrita pudesse abalar a base do nosso relacionamento. Mas sua reação me surpreendeu e me emocionou profundamente: ele se apaixonou também pela autora em mim, não só pela namorada.

Ouvir de Jeremy que eu era brilhante teve mais impacto do que qualquer declaração física. Era a primeira vez que alguém lia algo que eu havia escrito com o coração escancarado, e ele não apenas gostou — ele se viu ali. Foi esse momento que me transformou: de alguém que dependia de outro para viver, para alguém que também tinha algo a oferecer, algo valioso, vindo de dentro.

Depois disso, tudo mudou entre nós. A admiração se somou ao amor, e ele passou a ver em mim não apenas a mulher que o desejava, mas também a artista que criava mundos com palavras. Talvez por isso o pedido de casamento tenha vindo na sequência, num momento íntimo onde o desejo e o orgulho se misturavam. Para ele, não era só paixão: era respeito, era parceria, era a certeza de que havia algo maior sendo construído.

O que senti naquela noite foi diferente de todas as outras. Era como se finalmente fôssemos completos — dois corpos, duas mentes e duas almas funcionando em sintonia. Cada toque vinha carregado de promessas, e quando ele disse que queria casar comigo, parecia mais uma celebração da minha evolução do que uma simples proposta.

Nos dias que se seguiram, continuei escrevendo. Não mais apenas para amenizar a ausência de Jeremy, mas porque descobri o poder que havia dentro de mim. Ele me fez enxergar algo que eu ainda não sabia que existia: meu talento, meu valor e minha voz.

Desde então, aprendi que amor verdadeiro não é apenas aquele que completa, mas o que também inspira. Jeremy fez mais do que me amar — ele me revelou a mim mesma. E quando ele disse que era meu maior fã, entendi que não era só por mim

como mulher, mas por tudo que eu podia ser.



Capítulo 15

Capítulo 15 retrata uma noite tensa e reveladora para Lowen, em que ela lida com os sentimentos conflitantes em relação a Jeremy e o impacto das suas decisões. Sentada na cadeira, ela se vê completamente consumida pela leitura do manuscrito de Verity, cujas revelações perturbadoras a deixam física e emocionalmente abalada. A leitura do manuscrito a leva a uma sensação de desconforto crescente, à medida que ela descobre detalhes horríveis sobre o comportamento de Verity. À medida que os capítulos se tornam mais focados em Chastin, sua filha, Lowen começa a perceber que algo mais profundo está acontecendo, uma mudança no comportamento de Verity que a deixa cada vez mais incomodada. Em meio a tudo isso, Lowen tenta manter o controle da situação, mas o peso das palavras de Verity começa a afetá-la profundamente.

A interação com Jeremy traz à tona mais do que ela poderia antecipar. Quando ele sugere que ela saia para jantar, um momento de leveza parece surgir. Eles se sentam juntos para assistir a uma chuva de meteoros, onde Jeremy começa a abrir um pouco mais sobre sua vida e seus sentimentos, revelando partes do passado, como o motivo da mudança para Vermont e a relação com sua família. O que começa como uma conversa tranquila logo toma um rumo mais íntimo e, à medida que a noite avança, Jeremy e Lowen se encontram cada vez mais próximos. No entanto, apesar de seu desejo mútuo, Lowen luta contra a atração, sabendo que a situação entre eles é complicada devido ao seu casamento com Verity.

Jeremy compartilha com Lowen que, apesar de sua desconexão com Verity, ele ainda carrega a responsabilidade por ela e pelas filhas. Ele revela detalhes de sua relação com os pais de Verity, que cortaram relações com ela devido ao conteúdo dos livros dela. O gesto de desaprovação dos pais de Verity a faz refletir sobre a falta de apoio familiar que Jeremy teve, o que contribui para as inseguranças e o desgaste emocional

dele. A noite, inicialmente marcada por um momento de leveza e compreensão mútua, termina com uma revelação ainda mais impactante: Jeremy confessa que leu o livro de Lowen, algo que ela nunca imaginaria que ele faria. Esse gesto de validação da parte dele marca um momento de mudança significativa para Lowen, que pela primeira vez recebe reconhecimento pelo seu trabalho, algo que ela jamais esperava.

A revelação de que Jeremy mentiu para ela sobre não ter lido seu livro a deixa surpresa, mas também a faz refletir sobre o quanto ela está disposta a confiar nele. Ela percebe que, apesar de suas falhas e do mistério que envolve seu casamento com Verity, Jeremy tem sentimentos genuínos por ela. A aprovação que ele lhe dá finalmente preenche uma lacuna emocional que Lowen carregava, a sensação de não ser suficientemente boa ou reconhecida como escritora. Em um momento de sinceridade, Jeremy revela que a escrita de Lowen é importante para ele, algo que a toca profundamente. Por mais que as coisas entre eles ainda sejam complicadas, esse simples gesto de aceitação a faz questionar os limites de sua relação com ele e o que o futuro pode reservar para ambos.

À medida que Lowen se acomoda na cama, ela reflete sobre como as palavras de Jeremy, embora demoradas, significaram mais do que ela jamais poderia imaginar. Ao mesmo tempo, ela se sente dividida entre seus sentimentos por ele e as questões ainda não resolvidas que giram em torno de sua relação com Verity. O manuscrito de Verity, com suas verdades e mentiras, continua a atormentar Lowen, mas ela agora encontra um tipo de força nas palavras de Jeremy. Esse momento de validação, embora pequeno, é um ponto de virada para Lowen, que finalmente sente que pode começar a se libertar das sombras de Verity e começar a ser reconhecida por quem realmente é.

Capítulo 9

Capítulo 9 começa com a percepção de que, mesmo tendo chegado há apenas cinco dias, já me sinto completamente absorvida pela lentidão e estranheza dessa casa. A diferença em relação à vida agitada que levava em Nova York é tão marcante que parece que meses se passaram. Com a notícia de que Verity está com febre e permanecerá mais isolada, sinto um alívio desconcertante, como se sua ausência temporária clareasse o ar. No entanto, esse alívio é logo substituído por uma observação intensa: Jeremy, sentado na varanda, envolto em pensamentos, atrai minha atenção. Seu olhar perdido, a barba por fazer e a expressão carregada de dor silenciosa me causam um fascínio inquietante. Quando nossos olhos se encontram por um instante, há algo compartilhado, como um pensamento silencioso entre dois estranhos que carregam peso demais para expressar em palavras.

A tensão impregnada nas paredes dessa casa é constante, como se cada cômodo guardasse uma lembrança incômoda. Sinto meu corpo reagir fisicamente, com ansiedade à flor da pele, a ponto de pensar em tomar um comprimido para aliviar a angústia. Antes que eu possa agir, um grito corta o silêncio, vindo do andar de cima. Corro e encontro Crew com um corte na mão e uma faca ao lado. Seu relato, embora simples, é perturbador: ele afirma que Verity lhe disse para não tocar na faca. Essa frase carrega implicações que me paralisam. É como se, de repente, Verity — mesmo debilitada — estivesse se comunicando de formas que desafiam a lógica. O medo começa a se infiltrar, não como um susto passageiro, mas como uma dúvida constante sobre o que é real e o que minha mente pode estar fabricando.

Enquanto cuido do ferimento de Crew, tento manter a calma, mas minha mente corre em círculos. Decido verificar o quarto de Verity, em busca da faca ou qualquer outra prova do que Crew disse, mas não encontro nada. Essa ausência de evidência me deixa vulnerável e desacreditada. Pouco depois, ao voltar ao quarto, percebo Verity

imóvel em sua cama — porém seus olhos parecem me seguir. Por um segundo, acredito que ela me observa. Esse momento é breve, mas assombroso. A sensação de ser observada por alguém que supostamente não está consciente altera minha percepção da casa inteira. Uma pesquisa da *National Institutes of Health* revelou que certos pacientes em estado vegetativo podem demonstrar níveis mínimos de consciência, o que torna ainda mais inquietante a ideia de Verity estar ciente, mas incapaz de responder.

Quando Jeremy chega para verificar a situação, ele parece mais preocupado com o bem-estar de Crew do que com os detalhes da faca. Tento explicar, mas percebo que ele não compartilha da mesma urgência. Ele examina o ambiente, mas como a faca não está mais lá, nada parece fora do comum aos olhos dele. Isso me isola emocionalmente, como se estivesse sendo vítima de minha própria imaginação. Ainda assim, dentro de mim, há algo que não consigo ignorar: o olhar de Verity, o tom da voz de Crew, e a constante sensação de que estou sendo manipulada por forças invisíveis. Cada detalhe, cada gesto, carrega uma tensão silenciosa.

Naquela noite, fico acordada, revivendo a cena repetidas vezes, tentando encontrar sentido em tudo. As dúvidas crescem: teria Crew inventado aquilo? Teria eu interpretado mal o que vi? Ou será que Verity está consciente e se comunicando com o filho de maneira que ninguém mais percebe? A ideia de que ela possa estar mais presente do que finge se torna cada vez mais plausível. E, se for verdade, o que mais ela poderia estar fazendo sob o disfarce da imobilidade? A incerteza me consome.

A experiência deixa marcas que vão além do medo. A confiança entre os moradores da casa começa a se desintegrar. Jeremy, apesar de gentil, parece alheio às camadas mais profundas do que está acontecendo. A casa, por sua vez, deixa de ser um abrigo e começa a parecer um labirinto emocional, onde tudo pode ser real ou produto do delírio. No fim, tomo a decisão de dormir com a porta trancada. Não porque tenho certeza de que algo está errado — mas porque não posso mais garantir que esteja tudo certo. Quando a dúvida se torna maior que a realidade, o medo deixa de ser um sintoma e passa a ser uma proteção. E talvez, naquela casa, o medo seja o único

aliado confiável.



Capítulo Nove

Capítulo Nove começou com Lowen tentando lidar com a crescente tensão em sua relação com Jeremy. Ela estava convencida de que algo estava errado entre eles, mas não conseguia identificar o que exatamente. Durante as últimas semanas, as interações de Jeremy se tornaram mais frias e distantes, e embora ainda houvesse momentos de intimidade, como o sexo, havia algo faltando. O que antes parecia ser uma rotina natural entre eles agora se sentia forçado, quase como se ele estivesse apenas cumprindo com um compromisso, e não com um desejo genuíno. Tentando quebrar essa barreira, Lowen resolveu preparar uma refeição especial para Jeremy, frango com dumplings, na esperança de que isso pudesse reacender alguma conexão entre eles. No entanto, quando Jeremy jogou o prato na parede da sala de jantar, ficou claro que nada poderia mudar a atmosfera entre eles de forma tão simples.

A origem da frustração de Jeremy parecia ser mais profunda do que o simples estresse do trabalho. Lowen logo percebeu que sua decisão de matricular as meninas na creche sem consultá-lo foi o principal fator de desconforto para ele. Jeremy não estava apenas preocupado com o bem-estar de Chastin, que tinha uma alergia grave a amendoim, mas também com o fato de que ele sentia que deveria ser o único a cuidar delas. Isso levou à uma grande tensão entre os dois, já que Lowen, sentindo-se sobrecarregada, não conseguia equilibrar o trabalho e as responsabilidades domésticas. A falta de uma babá, algo que anteriormente facilitava sua rotina em Nova York, a fez tomar a decisão de buscar ajuda de uma creche próxima. Embora soubesse que Jeremy não ficaria feliz com isso, ela sentia que era uma medida necessária para que ela pudesse continuar com seu trabalho, que era o que sustentava a casa financeiramente.

A atitude de Jeremy, jogando a comida na parede, foi um reflexo de uma tensão que vinha se acumulando há muito tempo. Lowen se sentiu impotente e frustrada com a situação, já que não sabia mais como lidar com a distância emocional que ele parecia

ter em relação a ela. Ao tentar entender o que havia de errado, ela foi confrontada com uma revelação dolorosa: Jeremy se sentia culpado por não estar mais presente para as meninas, especialmente por não conseguir lidar com as necessidades emocionais de Harper, que era mais introspectiva e exigente. Lowen tentou justificar suas ações ao falar sobre as diferenças entre suas filhas, dizendo que era mais fácil para ela reagir às necessidades de Chastin porque ela era mais extrovertida. Ela usou isso como uma forma de tentar apaziguar Jeremy, mas sabia que, no fundo, essa explicação não resolvia os problemas maiores que estavam se acumulando. Jeremy ainda estava irritado e desconfiado, mas ao menos parecia estar disposto a ouvir.

A conversa sobre as filhas tomou um rumo ainda mais sério quando Lowen mencionou que uma das funcionárias da creche sugeriu que Harper fosse avaliada para Síndrome de Asperger. Isso trouxe à tona as preocupações de Jeremy de uma maneira mais intensa. Ele estava preocupado com o diagnóstico e, embora Lowen tentasse tranquilizá-lo, ela sabia que essa informação poderia se tornar um ponto de tensão. A situação ficou ainda mais delicada quando Jeremy começou a focar sua atenção na possibilidade de um diagnóstico precoce para Harper. Ele estava preocupado que a pressão sobre ela fosse aumentar e que ele não soubesse como lidar com isso de forma adequada. Mesmo com todas as suas inseguranças, Lowen tentou manter a calma, garantindo que ela já havia agendado uma consulta com um especialista. Mas, em sua mente, a pressão de lidar com essa nova situação estava apenas começando.

No entanto, entre todas as discussões e conflitos, houve um momento de conexão entre eles quando Jeremy pediu desculpas por sua reação. Embora tivesse agido de forma impulsiva, ele reconheceu que estava sobrecarregado com o trabalho e as responsabilidades, o que afetou sua relação com Lowen. Ela, por sua vez, estava em um ponto de exaustão, já que o equilíbrio entre suas responsabilidades profissionais e pessoais estava se tornando insustentável. Quando Jeremy perguntou sobre a possibilidade de ela ficar em casa com as meninas, ela tentou tranquilizá-lo, dizendo que a situação financeira já estava estabilizada o suficiente para que ele pudesse focar mais no cuidado das crianças. Mas, apesar de suas boas intenções, Lowen sabia que

essa era uma conversa que eles precisavam ter com mais calma, para garantir que estivessem tomando as melhores decisões para todos na casa.

No fim, o alívio de Jeremy foi palpável quando Lowen lhe disse que estava grávida. Embora fosse uma mentira, Lowen usou essa notícia como uma forma de suavizar a tensão e dar a Jeremy algo positivo para focar. Ele parecia genuinamente feliz com a ideia de aumentar a família, e isso trouxe um momento de leveza para a noite tensa. Mas, no fundo, Lowen sabia que, mesmo com um sorriso no rosto de Jeremy, as questões que os separavam ainda estavam longe de ser resolvidas. Ela continuava a se perguntar se alguma vez seria possível equilibrar sua carreira e suas responsabilidades familiares de uma maneira que satisfizesse a todos.

Capítulo 19

Capítulo 19

A segunda rodada foi no chuveiro, meia hora depois. Nossas mãos passeavam por nossos corpos, as duas bocas eram uma só, e logo ele estava dentro de mim de novo, eu com as mãos apoiadas na parede enquanto ele me penetrava debaixo d’água. Ele gozou nas minhas costas e depois me lavou.

Estamos na cama agora. São quase três da manhã e sei que em breve ele vai voltar para o quarto dele. Mas não quero que vá. Estar com ele foi exatamente como eu imaginei e, de certa forma, só me sinto bem nesta casa quando estou em seus braços. Ele me deixa segura, mesmo que não saiba dos perigos que nos rondam.

Seu braço me envolve e estou aconchegada, deitada em seu peito. Seus dedos perambulam pelo meu braço. Estamos fazendo perguntas um ao outro para evitar que o sono chegue. Agora as perguntas ficaram mais pessoais: ele quer saber como foi meu último relacionamento.

— Foi superficial.
— Por quê?
— Não sei nem se era um relacionamento — respondo. — A gente definia assim, mas era apenas sexo. Não nos encaixávamos na vida um do outro fora da cama.
— E quanto tempo durou?
— Um bom tempo — respondo, levantando e olhando para ele. — Era com o Corey, meu agente.

Os dedos de Jeremy param em meu braço.
— Aquele agente que eu conheci?
— É.

— E ele ainda é seu agente?
— Ele é um ótimo agente.

Volto a deitar a cabeça em seu peito e os dedos de Jeremy voltam a perambular em meu braço.
— Fiquei com um pouco de ciúmes — diz.

Eu rio porque sinto que ele também está rindo. Há um momento de silêncio e então pergunto algo sobre o qual estava curiosa.
— E como era seu relacionamento com Verity?

Jeremy dá um suspiro que faz minha cabeça se mover em seu peito. Então ele me coloca no travesseiro e se deita de lado, para olhar nos meus olhos.
— Vou responder à sua pergunta, mas não quero que tenha uma impressão ruim de mim.
— Não terei — prometo, balançando a cabeça.

— Eu a amava. Era a minha esposa. Mas às vezes eu tinha a impressão de que a gente não se conhecia de verdade. Morávamos juntos, mas era como se nossos mundos não estivessem conectados. — Ele leva a mão aos meus lábios, tocando-os com a ponta dos dedos. — Tinha uma atração louca por ela, o que imagino que você não queira ouvir, mas é verdade. Nossa vida sexual era ótima. Mas o resto... Não sei. No início eu achava que faltava alguma coisa, mas fiquei com ela, casei e comecei uma família porque achava que aquela conexão mais profunda estava prestes a acontecer. Achava que ia acordar um dia, olhar para ela e tudo faria sentido, como se o pedaço que faltava no quebra-cabeça fosse aparecer.

Eu percebi que ele disse que a amava, no passado.
— E você sentiu essa conexão em algum momento, afinal?
— Não, não do jeito que eu imaginava. Mas senti algo parecido com isso, uma espécie de intensidade que me mostrou que a conexão pode vir a existir.
— E quando foi isso?
— Foi há algumas semanas — diz, cauteloso. — No banheiro de uma cafeteria, com

uma mulher que não era a minha.

Ele me beija assim que termina de dizer essa frase, como se não quisesse que eu reagisse. Talvez esteja se sentindo culpado por dizer isso. Culpado por sentir uma conexão momentânea comigo depois de anos tentando sentir a mesma coisa com a mulher.

Ainda que ele tenha evitado minha reação àquela confissão, posso sentir algo crescendo dentro de mim. É como se aquelas palavras entrassem e se expandissem em meu peito. Ele me puxa para mais perto e fecho os olhos, aninhada em seu peito. Não falamos mais nada e caímos no sono.

Acordo duas horas depois, com a voz dele em meu ouvido.
— Merda. — Ele senta na cama e puxa as cobertas com ele. — Merda.

Esfrego os olhos e me deito de costas.
— O que houve?
— Eu não queria cair no sono. — Jeremy levanta e começa a pegar as roupas. — Não posso estar aqui quando Crew acordar.

Ele me dá dois beijos e caminha até a porta. Vira a chave e depois puxa a maçaneta. A porta não se mexe.

Ele gira a maçaneta enquanto eu me sento na cama, cobrindo os seios com o lençol.
— Merda — diz novamente. — A porta está emperrada.

Algo se esvai dentro de mim. De repente, todo o prazer da noite passada se foi. Estou de volta à situação de me sentir destruída dentro desta maldita casa.

Balanço a cabeça, mas Jeremy está olhando para a porta.
— Não está emperrada — digo em voz baixa. — Está trancada. Pelo lado de fora.

Jeremy se vira para mim, seu rosto começando a ficar preocupado. Ele tenta puxar a porta com ambas as mãos. Quando se dá conta de que estou certa, e que a porta está trancada por fora, começa a bater nela. Continuo onde estou, apavorada com o que

ele pode encontrar quando a porta finalmente se abrir.

Jeremy tenta de tudo para abrir a porta, até que resolve começar a chamar por Crew.
— Crew! — grita, batendo na porta.

E se ela o levou embora?
Não sei se ela faria isso. Ela nem gosta dos filhos. Mas gosta de Jeremy. Ela ama Jeremy. Se Verity sabia que ele estava no quarto comigo, pode ter levado Crew por vingança.

Jeremy ainda não está pensando nisso. Na cabeça dele, Crew está pregando uma peça na gente. Ou a fechadura trancou acidentalmente quando ele fechou a porta ontem à noite. Essas são as únicas explicações possíveis para ele. Neste momento, está aborrecido, mas não preocupado.

Ele olha para o relógio na cabeceira e bate à porta novamente.
— Crew, abra a porta! — Ele apoia a testa na porta. — April vai chegar em breve — diz, em voz baixa. — Ela não pode nos encontrar aqui juntos.

Essa é sua preocupação?
Eu aqui pensando que a mulher dele raptou o filho no meio da noite, e ele preocupado que a enfermeira o flagre transando com a hóspede.

— Jeremy?
— O quê? — diz, ainda batendo na porta.
— Sei que não acha isso possível, mas... você trancou a porta do quarto de Verity ontem?

Ele faz uma pausa nas batidas.
— Não me lembro — responde, cauteloso.
— Se por algum motivo bizarro foi Verity que nos trancou... Crew talvez não esteja mais aqui.

Quando ele me encara, seus olhos estão cobertos de medo. Num piscar de olhos, vai até o outro lado do quarto para abrir a janela. Ele consegue levantar, mas há dois painéis de vidro, e um deles não está abrindo. Sem hesitar, Jeremy pega uma das fronhas do travesseiro, enrola na mão e dá um soco no vidro. Chuta o que restou e sai pela janela.

Alguns segundos depois, ouço-o abrir a porta do quarto por fora e seguir para a escada. Ele já está no quarto de Crew antes mesmo de eu conseguir sair do quarto principal. Depois, escuto Jeremy correndo pelo corredor até o quarto de Verity. Quando ele volta ao topo da escada, meu coração está saindo pela boca.

Ele balança a cabeça e curva o corpo, segurando os joelhos, sem fôlego.
— Eles estão dormindo.

Ele se agacha, como se os joelhos não estivessem aguentando, e passa as mãos pelo cabelo.
— Os dois estão dormindo — diz mais uma vez, aliviado.

Estou aliviada. Mas não estou. Minha paranoia está começando a atingir Jeremy.
Não estou ajudando nada ao levantar essas dúvidas.

April chega pela porta de entrada segundos depois. Ela olha para mim e depois para Jeremy, agachado no topo da escada. Ele olha de relance e vê que April o encara.

Jeremy se levanta, desce a escada, abre a porta e vai lá para fora, sem dirigir o olhar a mim ou a April.
A enfermeira olha para mim e depois para a porta.
Dou de ombros.
— Jeremy teve uma noite difícil com Crew.

Querido Jeremy,

Querido Jeremy,

Espero que seja você lendo esta carta. Se não for, espero que seja entregue a você, porque tenho muito a dizer.

Quero começar pedindo desculpas. Estou certa de que, quando estiver lendo isso, terei fugido com Crew no meio da noite. Só de pensar em deixá-lo sozinho nesta casa onde compartilhamos tantas memórias já me machuca. Tivemos uma vida tão linda com nossos filhos. Um com o outro. Mas somos Crônicos. Devíamos ter imaginado que nossa dor não acabaria depois da morte de Harper.

Depois de anos sendo a esposa perfeita, nunca imaginei que seria minha carreira, essa que amo e à qual dedico boa parte do meu tempo, a responsável por acabar com tudo entre nós. Nossa vida era perfeita até que entramos numa espécie de universo paralelo no dia em que Chastin morreu. Queria me esquecer do dia em que tudo começou a dar errado, mas fui amaldiçoada com uma memória muito boa.

Estávamos em Manhattan jantando com Amanda, minha editora. Você estava usando aquele suéter cinza que eu adorava — aquele que sua mãe te deu de Natal. Meu primeiro livro tinha acabado de sair e eu havia assinado um contrato para outros dois com a Pantem. Esse era o motivo do jantar. Estava discutindo o próximo livro com Amanda. Não sei se você ignorou essa parte da conversa, mas imagino que sim. Conversas de escritores sempre te deixaram entediado.

Eu dizia a Amanda que estava preocupada porque não tinha muita certeza sobre que abordagem usar no novo livro. Devia escrever algo diferente? Ou manter a fórmula que fez sucesso no primeiro livro e escrever sob a perspectiva do vilão? Ela sugeriu que eu mantivesse a fórmula, mas queria que eu fosse ainda mais ousada no segundo

livro. Eu disse a ela que era difícil construir uma voz autêntica que fosse tão diferente de mim, de como penso na vida real. Estava achando que não conseguiria melhorar minhas habilidades para o próximo livro.

Foi então que ela me disse para tentar fazer um exercício que aprendeu na faculdade, chamado “diário do antagonista”. Teria sido um ótimo momento para prestar atenção na conversa, mas você estava no telefone, provavelmente lendo um e-book de alguém que não era eu. Você percebeu que eu estava te encarando e me olhou de volta, mas dei um sorriso. Não estava irritada. Estava feliz por você estar lá pacientemente esperando enquanto eu pegava dicas com minha nova editora. Você começou a apertar minha perna por baixo da mesa e eu voltei a olhar para Amanda, mas minha atenção ficou na sua mão, desenhando círculos no meu joelho.

Mal podia esperar para voltar para casa naquela noite; seria a nossa primeira sem as meninas. Mas também estava muito interessada nas dicas de Amanda. Ela disse que o diário do antagonista era uma ótima maneira de melhorar minhas habilidades de escrita. Segundo ela, para entrar de verdade na mente de um personagem mau, a técnica era escrever um diário da minha própria vida... coisas que realmente aconteceram... mas fazer com que o diálogo interno do personagem fosse o oposto do que eu realmente estava pensando na hora. Ela me disse para começar pelo dia em que nos conhecemos. Sugeriu descrever o que eu estava vestindo, onde nos conhecemos e sobre o que conversamos naquela noite, mas deixar o diálogo um pouco mais sinistro do que a realidade.

Parecia simples. Inofensivo. Vou te dar um exemplo de um parágrafo que acabei de escrever aí em cima.

“Olho para Jeremy, esperando que ele esteja prestando atenção. Ele não está. Está olhando a merda do telefone de novo. Este jantar é muito importante para mim. Entendo que não seja muito a cara dele — jantares e encontros chiques em Manhattan —, mas não é como se eu o obrigasse a fazer isso o tempo inteiro. Em vez de prestar atenção, ele está lendo o e-book de algum outro escritor, sendo totalmente

desrespeitoso. Ele lê o tempo inteiro, mas não fica confortável para ler os MEUS livros? É o maior insulto de todos. Estou com vergonha do comportamento dele, mas sei que preciso disfarçar. Se Amanda notar minha irritação, vai notar também o desrespeito dele. Jeremy olha para mim e dou um sorriso forçado. Posso deixar a raiva para depois. Volto a prestar atenção em Amanda, torcendo para ela não notar o comportamento de Jeremy. Alguns segundos depois, ele aperta a minha perna, bem acima do joelho, e congelo com aquele toque. Na maior parte do tempo, aquilo é tudo o que desejo. Mas, neste momento, a única coisa que desejo é um marido que apoie a minha carreira.”

Pronto. É fácil assim para um escritor fingir que é outra pessoa. Assim que voltamos para casa, fui direto para o computador e escrevi sobre a noite em que nos conhecemos. Na versão alternativa, fingi que meu vestido vermelho era roubado. Fingi que estava lá para transar com algum cara rico, o que não é verdade. Você devia me conhecer melhor do que isso, Jeremy.

Acho que não fui muito bem-sucedida em me retratar como a vilã na primeira vez que tentei, então passei a sempre escrever sobre nossos momentos mais marcantes. Escrevi sobre a noite em que você me pediu em casamento, a noite em que descobri que estava grávida, o dia em que as meninas nasceram. A cada vez que escrevia sobre um novo momento, eu me tornava mais hábil em reproduzir a mente de um vilão. Era incrível. E me ajudou. Aquilo me ajudou muito e foi a razão de eu ter criado personagens tão assustadores e realistas em meus livros. Era por isso que eles vendiam, porque eu era boa nisso.

Quando terminei o terceiro livro, senti que já dominava a técnica de escrever sob um ponto de vista que não era o meu. Os exercícios me ajudaram tanto que decidi pegar todos os momentos do diário e juntar numa autobiografia que poderia ser usada para ajudar outros autores. Precisei encadear os capítulos numa única história para dar coerência à autobiografia, então levei aquilo ao limite, deixando o texto cada vez mais chocante. Mais perturbador.

Não me arrependo de ter escrito porque minha única intenção era ajudar outros escritores. Só me arrependo de escrever sobre a morte de Harper poucos dias depois que aconteceu. Mas minha mente estava num lugar tão sombrio e, às vezes, o único jeito para um escritor lidar com isso é deixar as trevas jorrarem direto para o teclado. Aquilo foi a minha terapia, mesmo que seja muito difícil para você compreender. Além disso, nunca achei que você fosse ler. Além do meu primeiro livro, você nunca leu nada do que eu escrevia. Então por quê? Por que decidiu ler justo esse texto?

A intenção não era que ninguém lesse e acreditasse. Era um exercício. Só isso. Foi uma maneira de lidar com o luto que estava me consumindo e jogar tudo nas batidas do teclado. Colocar a culpa nessa vilã ficcional foi uma das minhas maneiras de aguentar a dor.

Sei que é difícil para você ler esta carta, mas não pode ser mais difícil do que a leitura do manuscrito na noite em que você o encontrou. E se algum dia vamos nos perdoar por tudo isso, precisa continuar lendo até o fim para saber a verdade sobre aquela noite. Não a versão que você descobriu dias depois da morte de Harper.

Quando levei Harper e Crew para o lago naquele dia, estava tentando me divertir com eles. Naquela manhã, você mencionou que eu não brincava mais com eles, e era verdade. Era muito difícil porque eu sentia muita falta de Chastin. Ao mesmo tempo, eu tinha aquelas duas lindas crianças que ainda precisavam de mim. E Harper queria muito ir para a água naquele dia. Era por isso que ela tinha corrido para o quarto chorando, porque eu disse que não podia. Nunca a confrontei por sua falta de emoções, como escrevi no manuscrito. Era só liberdade artística para conduzir a história. Fico ofendida por você acreditar que eu falaria com um dos nossos filhos dessa maneira. Fico ofendida por você acreditar em qualquer coisa escrita naquele manuscrito — ou que eu seria capaz de machucá-los.

A morte de Harper foi um acidente. Foi um acidente, Jeremy. Eles queriam passear de canoa e estava um dia lindo. E, sim, eu devia ter colocado os coletes salva-vidas neles. Mas quantas vezes já tínhamos andado de barco sem os coletes? O lago não era tão

fundo. Eu não tinha ideia de que a rede de pesca estava ali. Se não fosse por aquela merda de rede de pesca, eu a teria encontrado e a levado até a borda, e estaríamos rindo daquele dia em que o barco virou.

Não tenho palavras para dizer como sinto muito por não ter feito tudo diferente naquele dia. Se pudesse voltar no tempo, eu o faria. E você sabe disso.

Quando você a tirou da água, eu queria arrancar meu coração e dá-lo a você, porque sabia que você não tinha mais um. Eu não queria mais viver depois de testemunhar a sua angústia. Meu Deus, Jeremy. Perder as duas. As duas.

Eu percebi sua desconfiança alguns dias depois da morte de Harper. Estávamos na cama e você começou a me fazer todas aquelas perguntas. Não conseguia acreditar que você estava cogitando a possibilidade de eu ter feito algo assim de propósito. E mesmo que tenha sido um pensamento efêmero, era quase como se eu conseguisse ver seu amor por mim se esvaindo, como se nunca tivesse existido. Todo o nosso passado... todos os momentos maravilhosos que passamos juntos. Tudo aquilo sumiu.

Porque, sim, eu disse a Crew para prender a respiração. Disse isso na hora que a canoa virou. Estava tentando ajudá-lo. Pensei que Harper ficaria bem porque já tínhamos brincado na água tantas vezes. Então foquei em Crew na hora que caímos da canoa. Quando eu o segurei, ele estava em pânico, então fui nadando o mais rápido que podia para a margem, antes que nos afundasse. Não havia passado nem trinta segundos quando percebi que Harper não tinha vindo atrás da gente.

Até hoje, me sinto culpada. Eu era a mãe dela. Eu devia protegê-la. E eu presumi que ela ficaria bem, então me concentrei em Crew por longos trinta segundos. Quando percebi, tentei voltar para encontrá-la, mas a canoa tinha ido para mais longe por causa da agitação na água. Não sabia nem onde ela havia afundado, e Crew ainda estava se debatendo, em pânico. Eu sabia que, se não fosse com ele para a margem, nós três morreríamos afogados.

Procurei por ela com todas as minhas forças, Jeremy. Precisa acreditar em mim. Cada centímetro do meu corpo se afogou naquele lago junto com ela.

Não o culpo por desconfiar de mim. Se fosse o contrário, e Harper estivesse sob sua supervisão, provavelmente eu também me daria o direito de explorar todos os cenários possíveis. É natural esperar o pior das pessoas, mesmo que a desconfiança dure apenas um segundo.

Pensei que você perceberia o quão ridícula tinha sido sua acusação no dia seguinte. Eu nem tentei argumentar naquela noite porque estava sofrendo muito para discutir. Harper tinha morrido havia poucos dias e, sinceramente, eu mesma só queria morrer. Queria entrar naquele lago e me juntar a ela, porque tinha sido culpa minha. Foi um acidente, sim. Mas se eu tivesse colocado um colete nela, ou se tivesse conseguido segurá-la junto com Crew, ela ainda estaria viva.

Não conseguia dormir, então fui para o escritório e abri o computador pela primeira vez em seis meses. Tente imaginar por um momento. Uma mãe de luto pela morte das duas filhas escrevendo um texto de ficção em que acusava uma criança de ter matado a outra. Era muito perturbador. Eu tenho noção disso, e é por isso que não parei de chorar o tempo inteiro enquanto digitava.

Mas pensei que, talvez, se jogasse toda a minha culpa e meu sofrimento naquela vilã da ficção que eu havia criado, aquilo me ajudaria de alguma maneira bizarra. Escrevi tudo sobre a morte de Chastin. Escrevi tudo sobre a morte de Harper. Fui até o início do manuscrito e coloquei alguns presságios do que aconteceria, para fazer sentido com nossa realidade sombria. E, de certa forma, culpar aquela versão fictícia de mim mesma, em vez de aceitar a culpa na vida real, ajudou a aliviar uma pequena parte da responsabilidade e da dor.

Não posso explicar a mente de uma escritora para você, Jeremy. Especialmente uma escritora que já passou por mais tragédias do que a maioria dos outros escritores juntos. Temos a capacidade de separar a nossa realidade e a ficção. É quase como se vivêssemos nos dois universos, mas nunca ao mesmo tempo. Meu universo real tinha

ficado tão sombrio que eu não queria viver nele naquela noite. Foi por isso que escapei e passei a noite escrevendo sobre um universo ainda mais sombrio. A cada vez que eu trabalhava no texto da autobiografia, eu sentia alívio ao fechar o computador. Sentia alívio ao sair do meu escritório, fechar a porta e deixar todo o mal que eu havia criado lá dentro.

Foi isso. Eu precisava que a versão imaginária do meu mundo fosse pior do que a real. Porque, se não fosse isso, eu não ia querer mais viver em nenhum dos dois mundos.

Depois de passar a noite e parte da manhã trabalhando no manuscrito, finalmente cheguei à última página. Senti que o manuscrito estava terminado porque, afinal de contas, o que mais eu poderia acrescentar? Era como se nosso universo estivesse terminado. Fim.

Imprimi e guardei numa caixa, imaginando que um dia eu voltaria àquilo. Talvez incluísse um epílogo. Talvez eu simplesmente o queimasse. O que quer que eu fizesse, não estava esperando que você fosse ler. Não esperava que você fosse acreditar.

Depois de passar a noite em claro escrevendo, dormi durante a maior parte do dia. Quando finalmente acordei, à noite, não conseguia te encontrar. Crew já estava dormindo, mas você não estava com ele. Estava parada no meio do corredor tentando imaginar para onde você tinha ido quando ouvi um barulho no meu escritório.

Você estava fazendo aquele barulho. Não sei muito bem que tipo de som era aquele, mas foi pior do que das duas vezes em que descobrimos que as meninas haviam morrido. Andei em direção ao escritório para consolá-lo, mas parei antes de abrir a porta porque seu choro se transformou em ódio. Algo foi atirado na parede. Dei um pulo para trás tentando entender o que estava acontecendo.

Foi aí que me lembrei do computador. A autobiografia tinha sido o último arquivo que eu abri. Abri a porta para explicar sobre o que você tinha acabado de ler. Nunca vou me esquecer da sua expressão ao olhar para mim naquele dia. Era uma total e completa... aflição.

Não era como a tristeza de alguém que acabou de descobrir a morte da filha. Era uma tristeza devastadora, como se cada memória feliz da nossa família tivesse sido apagada pelas palavras do manuscrito. Apagada. Não havia nada dentro de você que não fosse ódio e destruição.

Balancei a cabeça e tentei falar. Queria dizer: “Não, não é verdade, Jeremy. Está tudo bem. Não é verdade.” Mas tudo que consegui dizer foi um “Não” patético e cheio de medo.



Quando me dei conta, você já estava me arrastando pelo pescoço para o quarto. Eu não era páreo para a sua força. Você segurava meus braços com os joelhos e apertava minha garganta cada vez mais forte.

Se você tivesse me dado cinco segundos... apenas cinco segundos para explicar, eu poderia ter nos salvado. Tentei muitas vezes dizer: “Por favor, me deixe explicar”, mas eu não conseguia respirar.

Não sei muito bem qual foi a sequência dos acontecimentos depois disso. Sei que desmaiei. Talvez você tenha entrado em pânico ao perceber que quase me matou. Se eu tivesse morrido naquela cama, você teria sido preso por assassinato. Crew não teria um pai.

Acordei no banco do carona do meu Range Rover e você estava dirigindo. Eu estava amordaçada com uma fita. Meus pés e mãos estavam amarrados. Mais uma vez, eu só queria explicar que aquilo tudo não era verdade. Mas eu não conseguia falar. Olhei para baixo e percebi que não estava com cinto de segurança. Então, naquele momento, entendi o seu plano.

Era uma frase do manuscrito! Eu dizia que poderia desativar o airbag do passageiro, deixar Harper no banco do carona sem cinto e bater com o carro numa árvore. Assim a morte dela pareceria um acidente.

Você ia me matar e fazer parecer um acidente. Sem querer, eu tinha traçado o meu destino nas últimas frases do manuscrito.

Se esse for o caso... que seja. Eu jogo meu carro numa árvore.

Eu me dei conta naquele momento que, se algum dia alguém desconfiasse da minha morte, tudo o que precisava fazer era mostrar o manuscrito. Se eu morresse, aquela seria a carta de suicídio perfeita.

Claro, nós dois sabemos como essa parte da história terminou. Imagino que você tenha tirado a mordaça e me desamarrado, me colocado no banco do motorista e voltado para casa, esperando a ligação da polícia avisando que eu morri.

Mas seu plano não funcionou muito bem. Nem sei se fico aliviada por isso. Acho que teria sido mais fácil morrer no acidente, porque fingir que estou machucada tem sido bem difícil. Certamente você está se perguntando por que estou fazendo isso há tanto tempo.

Tenho pouquíssimas memórias do primeiro mês que se seguiu à morte de Harper. Imagino que eu estivesse em coma induzido por causa do inchaço no cérebro. Mas me lembro claramente do dia em que acordei. Graças a Deus estava sozinha no quarto, o que me deu tempo para pensar no que fazer em seguida.

Como eu ia explicar que cada uma daquelas palavras negativas que você leu eram mentira? Você não acreditaria se eu desmentisse o manuscrito porque, afinal, eu o tinha escrito. Aquelas eram as minhas palavras, mesmo que não fossem reais. Quem acreditaria que aquilo tudo era mentira?

Certamente não alguém que não entende o processo de escrita. E se você soubesse que eu estava recuperada, ia me entregar para a polícia. Tenho certeza de que teria havido uma investigação depois da morte de Harper se não fosse o acidente. E com meu próprio marido contra mim, certamente eu seria condenada pelo assassinato dela. Você usaria minhas próprias palavras contra mim.

Durante três dias, fingi que ainda estava em coma quando alguém entrava no quarto. Médicos, enfermeiros, você, Crew. Mas me descuidei um dia, e você me pegou de olhos abertos no quarto do hospital. Ficou olhando para mim. Olhei para você. Vi você

cerrando os punhos, com raiva porque eu tinha acordado. Parecia que queria subir em cima de mim e apertar minha garganta de novo.

Você andou em minha direção, mas decidi não te seguir com o olhar, porque estava com medo. Se eu fingisse estar alheia ao mundo à minha volta, talvez você não tentasse me matar de novo. Talvez não fosse à polícia para dizer que eu tinha me recuperado.



Então continuei fingindo por semanas, porque achei que era a única maneira de sobreviver. Decidi fingir que estava com dano cerebral até conseguir bolar um plano para consertar a situação.

Não pense que foi fácil. Foi humilhante muitas vezes. Quis desistir. Quis me matar. Quis te matar. Estava com muita raiva por tudo ter terminado daquele jeito, por você acreditar que aquele manuscrito pudesse ser verdade depois de tantos anos de casamento. Sério, Jeremy! Os homens acham mesmo que as mulheres são tão obcecadas por sexo? Era ficção! É claro que eu adorava transar com você, mas, na maior parte das vezes, era só para te agradar! Isso é o que casais fazem um pelo outro. Não era porque eu não conseguia viver sem.

Você foi um bom marido para mim e, apesar do que você acredita ou não, eu fui uma boa esposa também. Você ainda é um bom marido para mim. Acredita do fundo do coração que eu matei nossa filha e, mesmo assim, continua cuidando de mim. Talvez porque acha que não estou mais aqui — que todo o meu lado mau morreu naquele acidente e agora eu sou apenas alguém de quem você sente pena. Acho que é por isso que me trouxe para casa. Depois de tudo o que Crew passou, seu coração é muito bom para deixá-lo longe de mim. Você sabe que, depois de perder as duas irmãs, perder a mãe seria devastador para ele.

Apesar do que está escrito no manuscrito, seu amor por nossos filhos sempre foi sua característica de que mais gosto. Houve momentos nos últimos meses em que quis te contar que estou aqui. Que sou eu. Que estou bem. Mas seria um desperdício do meu fôlego. Não podemos sobreviver a duas tentativas de assassinato, Jeremy. E sei que,

caso você descubra que estou fingindo, sua terceira tentativa de me matar vai acabar sendo bem-sucedida.

Não estou fazendo tudo isso para tentar fazer você mudar de ideia, ou provar que está errado. Você nunca mais vai confiar em mim de novo.

Tudo que estou fazendo é por Crew. Só penso no meu menininho. Tudo o que fiz desde o dia em que acordei no hospital é por Crew. Ainda que eu não queira afastá-lo de você, não tenho escolha. Ele é meu filho e precisa ficar comigo. Ele é o único que sabe que estou aqui. Sabe que ainda tenho pensamentos, uma voz e um plano. Fico segura em ser eu mesma com ele, porque ele só tem 5 anos. Se ele disser a você que nós conversamos, você vai achar que é imaginação ou até mesmo o trauma depois de tudo o que aconteceu.

É por causa dele que procurei tanto por esse manuscrito. Sei que, se algum dia você nos encontrar depois que eu fugir, vai tentar usá-lo contra mim. Vai tentar fazer Crew acreditar nele, como você acredita.

Na primeira noite depois que voltei do hospital para casa, fui até o escritório para apagar o manuscrito do computador, mas você já tinha feito isso. Tentei encontrar a cópia impressa, mas já não sabia mais onde estava. Depois do acidente, tive alguns lapsos de memória, e esse era um deles. Mas sabia que tinha que me livrar dele para que você não o usasse contra mim.

Sempre que tinha uma chance, procurava o manuscrito em todos os lugares, o mais silenciosamente possível. No escritório, no porão, no sótão. Até procurei no quarto algumas vezes enquanto você dormia. Sabia que não podia fugir com Crew antes de destruir aquela prova que você usaria contra mim.

Também precisava encontrar um jeito de conseguir dinheiro. Mas não sabia muito bem como, não dava para sair dirigindo até o banco. Quando ouvi suas conversas com a Pantem Press sobre a ideia brilhante deles para continuar a série com um novo autor, sabia que aquela era a minha chance.

Quando contratou uma enfermeira noturna e viajou para a reunião em Manhattan, entrei no escritório e abri uma nova conta no banco pela internet. Dias depois da reunião, a nova autora já estava se mudando para cá para começar a escrever a série. Era uma questão de tempo até que o pagamento dos três livros restantes caísse na conta, eu pudesse transferir para a minha nova conta e fugir daqui com Crew.

Só me resta esperar pela melhor oportunidade, mas a nova coautora está deixando as coisas difíceis. De alguma forma ela encontrou o manuscrito que eu procurava. Certamente você achou que teria se livrado dele ao apagar do computador. Mas não. Agora são dois contra mim. Não me importo mais em destruir o manuscrito a essa altura. Só quero ir embora daqui.

Eu admito, ela está ficando desconfiada por minha culpa. Sei que fica assustada quando percebe que estou olhando para ela, mas é difícil evitar. Essa mulher entrou em nossa vida, está assumindo o controle da minha carreira, está se apaixonando por você. E, pelo que estou vendo, você está se apaixonando por ela também.

Ouvi vocês dois transando no nosso quarto agora há pouco. Por mais que esteja magoada, estou igualmente irritada. No entanto, você está tão ocupado com ela agora que me pareceu o momento mais seguro para escrever esta carta. Tranquei a porta do quarto principal, assim vou ouvir quando vocês tentarem sair. Vai me dar tempo para escrever esta carta e voltar para o meu lugar antes que você suba para o segundo andar.

Está sendo difícil, Jeremy, não vou mentir. Tudo isso. Saber que você acreditou mais naquelas palavras do que em todas as minhas ações ao longo do nosso casamento. Saber que preciso me humilhar dessa maneira para evitar ser condenada pelo crime mais abominável que uma mãe poderia cometer. Saber que você se apaixonou por outra mulher enquanto passo meus dias fingindo estar alheia ao que nossa vida se transformou.

Mas continuo insistindo porque tenho certeza de que vou conseguir sair daqui assim que o dinheiro cair. É por isso que estou deixando esta carta. Talvez você a encontre,

talvez não. Espero que encontre. Espero mesmo. Porque, mesmo depois de tentar me enforcar e bater com...



Capítulo 20

Capítulo 20 é carregado de uma tensão psicológica intensa, enquanto Lowen lida com o peso das revelações que encontrou no manuscrito de Verity. Ela segura o vaso com força, sentindo o enjoo físico e emocional que a leitura a causou. É como se tivesse sido transportada para aquele momento trágico, como se tivesse testemunhado tudo o que aconteceu com Harper, com Jeremy, e com Verity. O sentimento de impotência e culpa a invade, e Lowen se vê diante de uma escolha angustiante. Deve contar a Jeremy sobre o que descobriu? Ela questiona se isso trará alívio ou, pelo contrário, aumentará ainda mais o sofrimento. Ela se sente paralisada, com medo de que a verdade acabe por destruir o que ainda resta da confiança entre ela e Jeremy, ou pior, que algo mais doloroso venha à tona.

Com sua mente em um turbilhão, Lowen tenta encontrar alguma forma de afastar esse peso. Ela recorre ao Xanax e ao whisky, tentando afogar a dor, mas sabe que nada disso pode apagar a sensação de estar vivendo em uma mentira. Enquanto Jeremy não está em casa, ela se dá um tempo para processar tudo, mas a dúvida sobre a decisão que tomou a consome. O fato de estar vivendo com Jeremy, enquanto sua esposa está em um estado vegetativo, faz com que Lowen se sinta culpada e dividida entre o desejo de aliviar o sofrimento de Jeremy e a necessidade de proteger a integridade emocional de sua própria vida. É um ciclo vicioso de emoções contraditórias, e Lowen sabe que, independentemente de sua decisão, nada será simples daqui para frente.

A presença de Jeremy, no entanto, oferece um alívio temporário para Lowen. Quando ele entra no quarto e a beija, ela sente um conforto imediato. Seus lábios, ainda que um gesto de carinho, trazem uma sensação de reconciliação, mas também a lembrança do que está acontecendo em suas vidas. Jeremy não sabe, mas a tristeza que Lowen sente não é apenas pelo estado de Verity, mas pela realidade cruel de que

ela está envolvida em um dilema moral e emocional profundo. A relação deles, já complicada, agora se torna um campo minado de emoções conflitantes. Lowen sente que está ajudando Jeremy a se distrair de algo que, no fundo, ele talvez ainda não esteja pronto para encarar, mas ela também não pode deixar de questionar até que ponto sua própria presença está ajudando a perpetuar essa situação insustentável.

Quando Jeremy sugere que Verity fique em um centro de enfermagem, Lowen sente que talvez, finalmente, haja uma solução para a situação. A proposta traz uma sensação de alívio, já que isso diminuiria a tensão na casa e, ao mesmo tempo, ofereceria a Verity o cuidado necessário sem a presença constante de Jeremy, que já demonstrou estar fisicamente e emocionalmente esgotado. No entanto, mesmo com a proposta de Jeremy, Lowen sabe que isso não resolve tudo. O manuscrito, com suas revelações pesadas, ainda está em suas mãos, e ela fica com o dilema moral de saber se deve ou não expor a verdade a Jeremy. Ela se pergunta se realmente vale a pena expor a dor e a tristeza de Jeremy, especialmente considerando que, ao fazer isso, ela pode destruir a última ideia de felicidade que ele tem. A verdade pode ser libertadora, mas também pode ser devastadora.

Enquanto Lowen tenta equilibrar suas próprias emoções e decisões, ela chega à conclusão de que o manuscrito não precisa ser revelado de imediato. Ela decide que a melhor solução, pelo menos por enquanto, é garantir que Verity seja supervisionada de perto em um centro de enfermagem. Assim, ela pode observar de longe sem precisar lidar com o peso emocional de ter que revelar a verdade ainda mais dolorosa. A solução de Jeremy, de monitorar Verity com sensores de movimento, também traz uma sensação de segurança, pois Lowen acredita que isso pode ser suficiente para manter a paz dentro da casa sem provocar mais danos. O que resta é o medo de que, mesmo com todas as precauções, a verdade, eventualmente, venha à tona, e quando isso acontecer, nada mais será o mesmo.

O capítulo termina com uma sensação de paz aparente, mas Lowen sabe que a verdadeira calma está distante. A ideia de continuar vivendo com Jeremy enquanto a situação de Verity não se resolve continua a martelar em sua mente. Ela vê a relação

deles se tornando cada vez mais insustentável, mas ao mesmo tempo, ela não pode deixar de querer aproveitar os momentos que ainda tem com ele, sem a pressão constante de Verity. No entanto, no fundo, ela entende que essa falsa sensação de segurança não durará para sempre, e em algum momento, as escolhas feitas até ali terão que ser enfrentadas. O futuro, para Lowen e para Jeremy, agora está em jogo, e o que ela decidir fazer com a verdade será determinante para todos os envolvidos.



Capítulo Quinze

Capítulo Quinze

Apenas alguns dias se passaram desde a morte de Harper, mas parece que minha vida virou de cabeça para baixo. A polícia pegou meu depoimento. Duas vezes. É compreensível que eles quisessem garantir que não havia furos na minha história. É o trabalho deles. As perguntas eram simples. Fáceis de responder.

— Pode explicar o que aconteceu?

— Harper se debruçou na borda da canoa. Ela virou. Todos afundamos, mas Harper nunca voltou à superfície. Tentei encontrá-la, mas estava ficando sem fôlego e precisava levar Crew até um lugar seguro.

— Por que as crianças não estavam com coletes salva-vidas?

— A gente achou que estava no raso. Estávamos tão perto do deque no começo, mas depois... não estávamos mais.

— Onde estava seu marido?

— Jeremy tinha ido ao mercado. Ele me sugeriu que levasse as crianças para a água antes de sair.

Respondi todas as questões em meio a períodos de choro desesperado. De vez em quando eu me contorcia, como se a morte dela estivesse me afetando fisicamente. Minha atuação estava tão boa que se sentiram desconfortáveis em me fazer mais perguntas.

Quisera eu tivesse acontecido o mesmo com Jeremy. Ele tem sido pior que os policiais. Ele não tira os olhos de Crew desde que Harper morreu. Nós três estamos dormindo no

quarto principal no andar de baixo. Crew dorme sempre entre a gente. Mais uma vez Jeremy e eu fomos separados por uma criança. Mas esta noite foi diferente. Eu disse a Jeremy que queria abraçá-lo, então ele colocou Crew ao seu lado e se deitou no meio. Fiquei enroscada nele por meia hora, na esperança de que dormíssemos naquela posição, mas ele não parava com as malditas perguntas.

— Por que os levou para andar de canoa?

— Eles quiseram ir.

— Por que eles não estavam com colete salva-vidas?

— Pensei que íamos ficar só perto da margem.

— Qual foi a última coisa que ela disse?

— Não me lembro.

— Ela ainda estava na superfície quando você chegou à margem com Crew?

— Não. Acho que não.

— Você sabia que a canoa estava prestes a virar?

— Não. Tudo aconteceu tão rápido.

As perguntas pararam por um tempo, mas eu sabia que ele ainda estava acordado. Finalmente, depois de muitos minutos de silêncio, ele voltou a falar:

— É que não faz sentido.

— O que não faz sentido?

Jeremy se afastou, deixando um espaço entre meu rosto e seu peito. Ele queria que eu olhasse para ele, então levantei a cabeça. Ele tocou minha bochecha gentilmente, com a parte de trás dos dedos.

— Por que pediu para Crew prender a respiração, Verity?

Foi o momento em que eu soube que tudo estava acabado. Foi o momento em que ele soube que tudo estava acabado. Um homem que achava que conhecia sua mulher...

Essa foi a primeira vez que ele realmente entendeu meu olhar. Não importava o quanto eu tentasse convencê-lo... ele nunca acreditaria na minha palavra contra a de Crew. Ele não era esse tipo de cara. Jeremy era o tipo que colocava os filhos à frente da própria mulher, e essa era a única coisa da qual eu não gostava nele.

Mas eu tentei. Tentei convencê-lo. É difícil ser convincente quando há lágrimas escorrendo pelo rosto e sua voz está trêmula.

— Eu disse isso na hora que estávamos virando. Não antes.

Ele ficou me olhando por um instante. E depois me soltou. Afastou-se de mim naquela que eu sabia que seria a última vez. Virou-se para o outro lado e abraçou Crew, como se fosse seu segurança. Seu protetor. Para protegê-lo de mim.

Tentei ficar parada para que ele achasse que eu estava dormindo, mas só consegui chorar em silêncio. Quando as lágrimas começaram a ficar mais intensas, fui para o escritório e fechei a porta antes que Jeremy me ouvisse soluçar.

No escritório, comecei a digitar. Mas sinto que não há nada mais a dizer. Nenhum futuro sobre o qual escrever. Nenhum passado para redimir. Cheguei ao fim da minha história?

Não sei o que acontece depois. Eu pude prever o assassinato de Chastin, mas não posso fazer o mesmo com minha vida. Ela vai terminar pelas mãos de Jeremy? Ou pelas minhas próprias mãos? Ou talvez não termine. Talvez Jeremy acorde amanhã e me veja dormindo ao seu lado. Talvez se lembre dos bons tempos, de todos os boquetes, de todas as vezes que engoli. E perceba que vamos ter mais tempo para fazer essas coisas agora que só temos um filho. Ou... talvez ele acorde convencido de que a morte de Harper não foi um acidente. Talvez ele me entregue para a polícia. Talvez ele queira me ver sofrer pelo que fiz a ela.

Se esse for o caso... que seja. Eu jogo meu carro numa árvore.

Capítulo Seis

Capítulo Seis

Já haviam passado seis meses desde que elas nasceram e eu ainda preferia que não existissem.
Mas elas existiam e Jeremy as amava. Então eu seguia tentando. Às vezes me perguntava se aquilo valia a pena. Às vezes queria arrumar minhas coisas e ir embora. Mas eu sabia que uma vida sem Jeremy não era o que eu queria. Então eu tinha duas opções:

1. Viver com ele e aquelas duas meninas que ele amava mais do que a mim.

2. Viver sem ele.

Àquela altura, não havia o que fazer. Elas estavam no pacote. Odiava a mim mesma por não ter usado nenhum método anticoncepcional, por ter achado que ficaria tudo bem. Não estava tudo bem. Não comigo, pelo menos. Era como se a minha família estivesse dentro de um globo de neve. Lá dentro era tudo aconchegante e perfeito, mas eu não fazia parte. Eu estava do lado de fora, olhando.

Nevava naquela noite, mas o apartamento estava quentinho. Mesmo assim, acordei com calafrios. Com uma tremedeira, na verdade. Não conseguia parar de tremer. Tive um pesadelo tão vívido que continuei sentindo seus efeitos por horas depois de acordar, como se fosse uma ressaca.

Sonhei com o futuro: meu, das meninas, de Jeremy. Elas tinham uns 8 ou 9 anos. Não tenho certeza, não entendo muito de crianças e seus tamanhos. Só me lembro de acordar com a sensação de que tinham 8 ou 9 anos.

No sonho, eu passava pelo quarto delas e dava uma espiada para dentro. Não entendia muito bem o que eu via. Harper estava em cima de Chastin, cobrindo sua cabeça com um travesseiro. Corri até lá com medo de que fosse tarde demais, tirei Harper e o travesseiro de cima da irmã. Ao olhar para Chastin, levei um susto.

Não havia nada ali. Seu rosto estava liso, como se fosse uma cabeça careca. Não havia cicatriz. Nem olhos. Ou boca. Nada que pudesse ser asfixiado.

Olhei para Harper, que me encarava com uma expressão sinistra.
— O que você fez?

E então eu acordei.

Não foi exatamente o sonho que me deixou tão abalada. Mas a sensação de que era uma premonição. Aquilo me afetou muito. Sentei na cama, segurando os joelhos e balançando para a frente e para trás, tentando entender o que era aquele sentimento. Dor. Era dor. Uma... dor no coração.

Eu senti meu coração doer no sonho? Quando achei que Chastin estava morta, minha vontade era cair de joelhos e chorar. É exatamente como me sinto quando penso na possibilidade de Jeremy morrer. Eu simplesmente pararia de funcionar.

Fiquei lá sentada chorando. Era um sentimento muito intenso. Será que finalmente tinha me conectado com elas? Com Chastin, pelo menos? Ser mãe era isso, esse sentimento? Amar alguma coisa de uma maneira tão intensa que a simples ideia de perdê-la causa dor física?

Foi o máximo de sentimento que experimentei desde que elas foram concebidas. Mesmo que fosse só por uma delas, acho que já contava.

Jeremy rolou pela cama, abriu os olhos e me viu sentada lá, segurando os joelhos.
— Você está bem?

Não queria que ele me perguntasse isso porque Jeremy era bom em desvendar meus pensamentos. A maioria deles, pelo menos. E não queria que ele desvendasse esse.

Como eu poderia contar que finalmente amava uma de nossas filhas sem admitir que, desde o início, não gostava de nenhuma das duas?

Eu precisava fazer alguma coisa. Deixá-lo ocupado para que não fizesse mais perguntas. Pela minha experiência, ele não conseguiria tirar nada de mim se eu estivesse com seu pau na minha boca.

Engatinhei por cima dele e Jeremy já estava duro antes mesmo de eu começar. Fui com tudo para cima dele.

Adorava ouvi-lo gemer. Normalmente ele era silencioso, mas quando eu o pegava desprevenido, ele se soltava. Naquele momento, estava eufórico. Fiquei imaginando... quantas mulheres o fizeram gemer antes de mim? Quantos outros lábios já estiveram naquele pau?

Esperei ele sair da minha boca para perguntar.
— Quantas mulheres já chuparam seu pau?

Apoiado nos cotovelos, ele me olhou, chocado.
— É sério isso?

— Fiquei curiosa.

Ele riu, deitando no travesseiro.
— Sei lá. Nunca contei.

— Tantas assim? — provoquei.

Montei em cima dele. Ele se mexeu por baixo de mim e agarrou minhas coxas, o que eu adorava.
— Se demorou tanto a responder, devem ser mais do que cinco.

— Com certeza foram mais de cinco — disse ele.
— Mais de dez?

— Talvez. Acho que sim. Sim.

É muito louco que aquilo não me deixasse com ciúmes, mas duas crianças me tirassem do sério. Talvez fosse porque as meninas estavam na vida dele agora, enquanto todas essas outras vagabundas... estavam no passado.

— Mais de vinte?

Ele levantou as mãos e agarrou meus seios. Pela sua cara, estava prestes a meter em mim. Com força.

— Acho que é uma boa estimativa — sussurrou, me puxando para perto.

Ele aproximou seus lábios dos meus e desceu uma das mãos, me acariciando lá embaixo.

— E quantos caras já te chuparam?

— Dois. Não sou promíscua igual a você.

Ele riu, ainda com os lábios grudados aos meus, e me deitou na cama.

— Mas você está apaixonada por um promíscuo.

— Ex-promíscuo. — Deixei claro.

Eu estava enganada a respeito da cara dele antes. Ele não meteu com força naquela noite. Ele fez amor comigo. Beijou cada centímetro do meu corpo. Ele me fez permanecer deitada enquanto me provocava e torturava, quando tudo que eu queria era chupar seu pau. Toda vez que eu tentava me mexer e tomar a frente, ele me impedia.

Não sei por que sentia tanto prazer em satisfazê-lo. Mas era ainda melhor do que quando ele me satisfazia. Deve ter alguma definição para isso na “linguagem do amor”, ou seja lá a bobagem que chamem. Minha linguagem de amor era servir. A de Jeremy era ter alguém chupando seu pau. Nós éramos uma combinação perfeita.

Ele estava prestes a gozar quando uma das meninas começou a chorar. Ele resmungou, eu revirei os olhos e ambos fomos pegar a babá eletrônica. Jeremy queria olhar o que tinha acontecido. Eu queria desligá-la.

Ele já começava a amolecer dentro de mim, então tirei o aparelho da tomada. Ainda dava para ouvir o choro no fim do corredor, mas certamente eu conseguiria abafá-lo se continuássemos de onde paramos.
— Vou lá checar — disse ele, tentando se afastar.

Puxei-o para perto e fiquei por cima.
— Deixa que eu vou... assim que você gozar. Deixe as duas chorarem um pouquinho. Faz bem.



Jeremy não ficou muito feliz com a ideia, mas, assim que coloquei seu pau na boca de novo, ele aceitou.

Ficou bem mais fácil engolir depois daquela primeira vez que tentei. Senti que ele estava prestes a gozar, então fingi que estava engasgada. Não sei por quê, mas aquilo sempre o deixava animado, achar que eu estava engasgando com seu pau. Homens. Ele gemeu, eu o coloquei ainda mais fundo na garganta, e então terminou. Engoli, limpei a boca e levantei.
— Pode dormir. Eu resolvo isso.

Eu realmente queria resolver desta vez. Era a primeira vez que a necessidade de amamentá-las me fazia sentir alguma coisa além de irritação. Queria amamentar Chastin. Queria abraçá-la, fazer carinho, dar amor. Estava animada enquanto ia até o quarto.

Mas a animação foi toda embora quando entrei e vi que era Harper quem estava chorando.

Que decepção.

Os berços eram colados e, surpreendentemente, Chastin estava dormindo, apesar dos gritos de Harper. Passei por ela e fui até Chastin.

Sentia tanto amor por ela naquele momento que até doía. Sentia tanta vontade que Harper calasse a boca que também doía.

Tirei Chastin do berço e a levei até a cadeira de balanço. Quando sentei, ela se aninhou em meus braços. Eu me lembrei do sonho e de como fiquei apavorada ao ver Harper tentando machucá-la. Estava prestes a chorar só de pensar em perdê-la. Só de pensar que aquele sonho pudesse se tornar real.

Talvez aquilo fosse intuição de mãe. Talvez, no fundo, eu soubesse que algo horrível aconteceria a Chastin, e é por isso que estava sentindo aquele amor tão repentino e intenso. E se aquela tivesse sido a maneira que o universo encontrou para me fazer amar aquela garotinha, já que eu não a teria por perto por tanto tempo quanto Harper?

Talvez por isso eu não sentia nada por Harper. Porque Chastin teria a vida interrompida muito cedo. Ela ia morrer, e então Harper ficaria sendo a única. Eu sabia que, em algum lugar dentro de mim, estava escondendo o amor por Harper. Guardando-o para depois que Chastin tivesse partido.

Já estava ficando com dor de cabeça com a gritaria de Harper, então fechei os olhos bem apertados. Cala a porra da boca! Não para de chorar, chorar, chorar. Estou tentando criar um laço com meu bebê aqui.

Tentei ignorá-la por mais alguns minutos, mas tive medo de que Jeremy ficasse preocupado. Acabei colocando Chastin de volta no berço, e ela surpreendentemente continuava dormindo. É uma criança ótima mesmo. Fui até o berço de Harper e a olhei, cheia de raiva. Parecia que, de alguma forma, o sonho era culpa dela.

Talvez eu estivesse interpretando o sonho errado. Talvez não fosse uma premonição. Talvez fosse um aviso. Se eu não fizesse nada a respeito do comportamento de Harper, Chastin morreria.

De repente senti uma necessidade incontrolável de evitar aquilo que eu sabia que estava para acontecer. Nunca antes eu tive um sonho tão real. Se não fizesse nada a respeito, ele ia se tornar realidade. Pela primeira vez, não podia suportar a ideia de perder Chastin. Doía quase como a ideia de perder Jeremy.

Não sabia nada sobre matar alguém, muito menos uma criança. Da única vez que tentei, o máximo que consegui foi uma cicatriz. Mas já tinha ouvido falar da Síndrome da Morte Súbita Infantil. Jeremy me obrigou a ler sobre isso. Sei que não é incomum de acontecer, mas não tinha informações suficientes para saber se poderiam diferenciar sufocamento intencional e SMSI.

Mas já ouvi falar de pessoas que morreram dormindo sufocadas em seu próprio vômito. Esse caso seria mais difícil de apontar como intencional.

Coloquei os dedos nos lábios de Harper. Ela moveu a cabeça para a frente e para trás, achando que era uma mamadeira. Começou a sugar a ponta do meu dedo, mas não ficou satisfeita. Largou o dedo e começou a gritar novamente.

Chutava e se debatia. Enfiei o dedo mais fundo em sua boca.

Ela continuava chorando, então continuei enfiando o dedo. Fez um som como se tivesse engasgado, mas ainda assim continuava chorando. Talvez um dedo só não seja suficiente.

Enfiei os dois dedos em sua boca, indo até a garganta, até que minhas articulações estivessem tocando sua gengiva. Ela não estava mais chorando.

Fiquei olhando por um momento, e logo seus braços começaram a se contrair a cada espasmo violento de seu corpo. Suas pernas estavam crispadas.

Ela teria feito o mesmo à irmã se eu não estivesse fazendo isso agora. Estou salvando a vida de Chastin.

— Ela está bem? — perguntou Jeremy.

Droga. Droga, droga, droga.

Tirei os dedos da boca de Harper e a peguei no colo rapidamente, colocando seu rosto em meu peito para que Jeremy não percebesse sua falta de ar.
— Não sei — respondi, virando-me para ele. Jeremy vinha em minha direção. Minha

voz soava alucinada. — Não consigo deixá-la feliz. Já tentei de tudo — disse, fazendo carinho na cabeça dela, tentando demonstrar preocupação.

Foi então que ela vomitou em mim. E, assim que vomitou, gritou. Berrou. A voz estava rouca, e ela engasgava a cada grito. Foi um tipo de choro que nunca tínhamos ouvido antes. Jeremy rapidamente a tirou de mim e tentou acalmá-la. Ele nem ligou que ela tivesse vomitado em mim. Nem olhou para mim. Estava muito preocupado, com as sobrancelhas arregaladas e a testa franzida. Aquela preocupação toda não era para mim. Era tudo para Harper.

Prendi a respiração e fui até o banheiro sem querer sentir aquele cheiro. Era o que eu mais odiava na maternidade. Aquela merda daquele vômito todo em cima de mim.

Enquanto estava no banheiro, Jeremy preparou uma mamadeira para Harper. Quando saí do banho, ela já tinha voltado a dormir e ele estava na nossa cama ligando o vídeo da babá eletrônica novamente.

Congelei ao deitar na cama. Dei uma olhada no vídeo, uma imagem perfeita dos berços de Harper e Chastin.

Capítulo 14

Capítulo 14 começa com Lowen, ainda assombrada pelas experiências da noite anterior, tentando lidar com os sentimentos conflitantes que surgiram em sua mente. Ela acorda cedo, sem conseguir voltar a dormir, e se vê parada na cozinha, olhando pela janela enquanto tenta processar o que aconteceu. O peso do manuscrito de Verity ainda está em sua mente, deixando-a inquieta e incapaz de se concentrar no presente. O que mais a angustia é o fato de que, enquanto Jeremy e ela têm uma relação que parece estar se desgastando, ela continua incapaz de entender completamente a dinâmica entre eles. A cada dia que passa, Lowen se sente mais presa e desconectada de sua própria realidade, como se estivesse navegando em uma maré de inseguranças.

A primeira interação do dia com Jeremy, apesar de parecer normal, tem um toque de estranheza que Lowen não consegue ignorar. Ele sugere instalar uma fechadura na porta dela, mas não da maneira como ela imaginaria. A proposta de Jeremy de colocar uma fechadura do lado de fora do quarto é algo que soa excessivamente controlador, como se estivesse tentando limitar ainda mais a liberdade de Lowen. Ela se vê dividida entre a necessidade de manter a paz e a vontade de ser livre para agir e pensar sem restrições. No entanto, ao mesmo tempo, Lowen reconhece que a proposta de Jeremy, apesar de ser desconfortável, pode ajudar a aliviar suas preocupações sobre segurança, algo que está constantemente em sua mente.

A tensão aumenta à medida que Jeremy e Lowen tentam seguir com a rotina diária. Jeremy sugere que Lowen tire um dia de descanso, algo que ela resiste em fazer, optando por manter-se ocupada com o trabalho. O dilema de Lowen é claro: ela está tentando escapar da ansiedade que a consome, mas, ao mesmo tempo, se sente cada vez mais incapaz de manter seu foco e concentração. O trabalho em si se tornou uma forma de distração, mas mesmo isso não é suficiente para impedir que as questões

pessoais e emocionais invadam sua mente. Ela tenta lidar com os e-mails de Corey, respostas de entrevistas e novas propostas de trabalho, mas a mecânica de suas respostas é mais uma maneira de afastar os pensamentos sombrios do que uma tentativa genuína de seguir adiante.

À medida que o dia se desenrola, Lowen tenta se afastar ainda mais de seus sentimentos de desconforto, escolhendo se concentrar em tarefas simples, como a criação de um argumento para o sétimo livro. No entanto, a exaustão mental a impede de ser eficaz. Ela sabe que está exausta, tanto física quanto emocionalmente, mas não consegue se dar ao luxo de parar. O cheiro de tacos, vindo da cozinha, é uma lembrança das tentativas de Jeremy de trazer um pouco de normalidade para a casa, mas até isso a incomoda. Sentada à mesa, comendo ao lado de Jeremy e April, Lowen não consegue deixar de se sentir desconfortável em sua própria pele. A presença de Verity, ainda que ausente, paira sobre eles, como um fantasma silencioso que ameaça destruir qualquer tentativa de convivência tranquila.

A chuva de meteoros, que deveria ser um momento de alívio, se torna mais uma metáfora para a situação de Lowen: algo distante e intangível, que ela sabe que está acontecendo, mas que nunca poderá alcançar. No momento em que Jeremy começa a se abrir um pouco mais sobre seu passado, ela tenta se concentrar na conversa. Ele fala sobre a casa em Vermont, a decisão de se mudar e as dificuldades que ele e Verity enfrentaram antes do acidente. Lowen, embora curiosa, se sente mais distante de Jeremy a cada nova revelação. Ela começa a questionar o quanto sabe realmente sobre ele e, mais importante, o quanto ele está disposto a compartilhar.

Quando Jeremy menciona a falta de relacionamento com os pais de Verity, Lowen se sente dividida entre a compreensão e a repulsa. A história de como eles cortaram relações com Verity depois que ela se envolveu com a escrita de livros de suspense é chocante, mas também começa a lançar luz sobre a natureza de Verity e seu próprio comportamento. Jeremy, por mais que tente se mostrar desapegado, não pode deixar de carregar o peso das ações de sua esposa. Lowen sente uma conexão crescente com ele, mas ao mesmo tempo, uma sensação de que ela está sendo puxada para

algo que não pode controlar. Eles compartilham um momento de silêncio, onde as palavras entre eles não são suficientes para preencher o vazio crescente.

Quando Jeremy pergunta se Lowen acredita que Crew precisa de terapia, ela se vê sendo puxada de volta à realidade. As perguntas que ele faz são profundas, e Lowen, apesar de suas próprias angústias, tenta ser honesta. Sua experiência com a terapia no passado a faz refletir sobre como ela poderia ajudar Jeremy a lidar com suas próprias emoções. Ela compartilha sua própria luta com a terapia, explicando como o apoio que recebeu foi crucial para sua recuperação emocional. A troca entre eles, embora pareça pequena, é um reflexo de algo mais profundo: o desejo de ambos de encontrar alguma forma de paz em meio ao caos que os envolve.

À medida que a conversa avança, a tensão entre eles se dissolve momentaneamente. Jeremy, aparentemente mais relaxado, compartilha algo pessoal sobre seu passado, enquanto Lowen, mais uma vez, tenta manter a distância emocional que sente ser necessária para proteger seu coração. As palavras que trocam são carregadas de um subtexto mais íntimo, algo que ela não pode negar. Mas Lowen, apesar de seus próprios sentimentos, sente que ela precisa manter a compostura. Ela tenta se convencer de que, apesar da conexão que sente com Jeremy, há barreiras que não podem ser cruzadas.

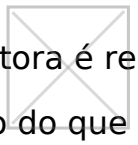
Capítulo 4

Capítulo 4 começa com um pensamento que muitos escritores relutam em admitir: a dúvida sobre sua própria capacidade. A protagonista, durante uma longa viagem de carro, poderia ter feito diversas coisas – ligar para uma amiga distante, planejar seu futuro, ou até relaxar ouvindo música – mas opta por mergulhar no audiolivro de Verity Crawford. Essa escolha, aparentemente inofensiva, acaba desestabilizando sua autoestima. Ao ouvir o talento cru e a ousadia da autora, ela sente as mãos apertarem o volante, como se estivesse segurando sua própria insegurança. A qualidade da escrita de Verity é inegável, e isso gera uma comparação inevitável, típica do mundo literário onde a confiança se alterna entre arrogância e autoquestionamento. É um lembrete poderoso de como os escritores muitas vezes se tornam seus maiores críticos, mesmo diante de conquistas.

Essa viagem também revela algo mais profundo: a tensão entre sucesso e anonimato. Apesar da proposta promissora de finalizar a renomada série de Verity, a protagonista hesita. Ela nunca buscou fama; queria apenas sobreviver com sua escrita. Mas agora, sendo colocada sob os holofotes, teme que seu nome seja engolido por expectativas irreais. O desafio não está só em escrever os próximos volumes, mas em lidar com a pressão de dar continuidade a uma obra que já impactou milhões de leitores. No universo editorial, esse tipo de transição é raro e sensível – e pode determinar o rumo de uma carreira inteira. Essa insegurança é agravada pela instabilidade financeira que ela enfrenta, o que mostra o quanto o glamour da escrita é muitas vezes apenas uma fachada para realidades duras e silenciosas.

A chegada à casa de Verity marca uma virada de atmosfera. O portão de ferro, o caminho cercado por árvores, e o silêncio pesado criam uma sensação de isolamento quase cinematográfica. A casa, estimada em mais de 3 milhões, não transmite aconchego, mas sim uma aura sombria e densa. A arquitetura imponente e os

elementos como a hera cobrindo a fachada remetem a uma narrativa gótica, em que os espaços físicos refletem os traumas emocionais dos moradores. O encontro com Crew, o filho de Jeremy, é desconcertante. A criança, com semblante sério e poucas palavras, carrega nos olhos a dor de alguém que viveu perdas imensuráveis. Isso já nos prepara emocionalmente para o ambiente de luto e incerteza que se estende por todos os cômodos da casa.



Ao entrar, a escritora é recebida por Jeremy, que está visivelmente mais casual e menos misterioso do que quando o conheceu. O contraste entre a grandiosidade da casa e o clima intimista entre pai e filho oferece um alívio breve, mas eficaz. Jeremy mostra o quarto onde ela ficará, revelando que agora dorme no andar de cima com Crew para mantê-lo próximo da mãe. Apesar da gentileza, a sensação de estar invadindo um espaço alheio é constante. Ainda mais ao ser levada ao quarto de Verity, onde ela encontra a autora deitada, com os olhos vagos, alheia ao mundo ao seu redor. Essa imagem é chocante. Verity, antes um símbolo de talento e força criativa, agora é apenas a sombra do que foi, confinada a uma cama e dependente de cuidados.

A apresentação à enfermeira April, que expressa surpresa com a juventude da protagonista, reforça o ceticismo ao redor da nova autora. Isso é comum em ambientes profissionais, onde idade e aparência ainda são usadas como métrica de competência. Mesmo assim, ela se mantém firme. A visita ao escritório de Verity é outro momento simbólico. Ali, entre papéis desorganizados, ideias escritas em guardanapos e livros traduzidos em várias línguas, a escritora percebe o peso da missão que lhe foi confiada. O caos criativo de Verity é intimidador, mas também inspirador. Muitos escritores desenvolvem processos únicos de escrita, e entender isso pode ajudar a desmistificar a ideia de que a genialidade segue regras rígidas.

Ao folhear um dos livros da série, a nova autora se vê presa em sua trama, incapaz de largar a leitura por horas. Esse momento serve como um lembrete do que a literatura pode fazer: prender, perturbar, transformar. Ela percebe que para continuar essa série, terá que mergulhar nesse mesmo estado mental – sombrio, intenso e visceral. A

escrita, aqui, não é apenas um ofício, mas um ato de coragem. Jeremy, por sua vez, admite que não consegue mais ler os livros da esposa. Essa confissão traz à tona a complexidade emocional envolvida no relacionamento deles e como a linha entre ficção e realidade, para ele, se tornou dolorosamente tênue.

Esse capítulo reforça que escrever não é só sobre técnica, mas também sobre suporte emocional, ambiente e segurança. E talvez o conforto – ou a ausência dele – influencie mais do que imaginamos no processo criativo. Verity tinha todas as ferramentas, mas agora está ausente. A nova autora tem a chance, mesmo com receios, de transformar dor e dúvida em algo poderoso. E no fundo, esse é o coração da literatura: transformar sentimentos brutos em palavras que tocam.

Capítulo Treze

Capítulo Treze

Engravidei de Crew duas semanas depois de mentir a Jeremy que estava grávida. Era como se o destino estivesse a meu favor. Rezei e agradeci a Deus, embora não acreditasse que Ele tivesse algo a ver com aquilo.

Crew era um bebê bonzinho (eu imagino). Àquela altura eu ganhava tanto dinheiro que podia pagar por uma babá para ficar em tempo integral na casa nova. Jeremy tinha largado o trabalho para cuidar das crianças e achava que era desnecessário ter uma babá. Então passei a chamá-la de governanta (mas ela era uma babá).

Com a babá em casa, Jeremy passava os dias fazendo trabalhos e reparos manuais na propriedade. Mandei instalar janelas enormes no escritório para conseguir vê-lo de quase todos os ângulos.

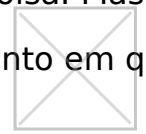
A vida foi muito boa durante um tempo. Eu cuidava de todas as partes fáceis da maternidade enquanto Jeremy e a babá ficavam com as difíceis. E eu viajava muito. Fazia turnês de lançamento e entrevistas. Era ruim ficar sem o Jeremy, mas ele preferia ficar em casa com as crianças. Com o tempo, no entanto, passei a gostar desses intervalos. Percebi que, quando eu ficava longe por uma semana, Jeremy me dava muito mais atenção quando eu voltava, algo parecido com o que tínhamos antes das crianças.

Às vezes eu inventava que tinha trabalho em Nova York, alugava um apartamento no Chelsea e ficava uma semana lá assistindo à TV. Então, quando eu voltava, Jeremy transava comigo como se fosse a primeira vez. A vida estava maravilhosa.

Até não estar mais.

Foi uma questão de segundos. Como se o sol congelasse de repente, as trevas caíssem sobre nossas vidas e, não importava o quanto tentássemos, não conseguíamos ver a luz de novo.

Estava parada em frente à pia, limpando um frango. Uma porra de um frango cru. Podia estar fazendo qualquer coisa... molhando as plantas, escrevendo, fazendo tricô, qualquer outra coisa. Mas para sempre vou me lembrar daquele frango cru nojento ao pensar no momento em que soubemos que tínhamos perdido Chastin.



O telefone tocou. Eu estava limpando o frango.

Jeremy atendeu. Eu estava limpando o frango.

Começou a levantar a voz. Ainda limpando o maldito frango.

E aí veio aquele som... um som gutural, lancinante. Eu o ouvi dizer “não” e “como e onde ela está” e “já estamos indo”. Quando desligou, olhei para ele pelo reflexo da janela. Ele estava no corredor, segurando a porta como se fosse cair de joelhos sem aquele apoio. Eu ainda estava limpando o frango. As lágrimas começaram a escorrer em meu rosto, meus joelhos vacilaram. Meu estômago começou a revirar.

Vomitei no frango.

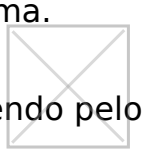
E é assim que sempre vou me lembrar de um dos piores momentos da minha vida.

Durante todo o caminho até o hospital, eu só imaginava como Harper tinha conseguido fazer aquilo. Harper a tinha sufocado, como no meu sonho? Ou tinha inventado uma maneira mais inteligente de matar a irmã?

Elas foram para uma festa do pijama na casa da Maria, uma amiguinha. Já tinham ido lá diversas vezes. E a mãe da Maria, Kitty — que nome idiota —, sabia da alergia de Chastin. Minha filha nunca saía de casa sem sua “caneta” de adrenalina, mas Kitty a encontrou desacordada naquela manhã. Chamou a emergência e ligou para Jeremy assim que a ambulância a levou.

Quando chegamos ao hospital, Jeremy ainda tinha uma frágil esperança de que eles tivessem se confundido e de que ela estivesse bem. Kitty nos encontrou no corredor e não parava de dizer: “Sinto muito. Ela não queria acordar.”

Foi tudo o que ela disse. “Ela não queria acordar.” Ela não disse “Ela está morta”, apenas “Ela não queria acordar”, como se Chastin fosse uma menina birrenta que não queria sair da cama.



Jeremy saiu correndo pelo meio do corredor de pacientes da emergência. Eles o tiraram de lá e avisaram que precisávamos esperar na sala da família. Todo mundo sabe que é o lugar onde ficam os parentes de alguém que morreu. Foi naquele instante que Jeremy entendeu que ela havia morrido.

Nunca tinha ouvido Jeremy gritar daquele jeito. Um homem adulto, de joelhos, soluçando como uma criança. Teria ficado com vergonha alheia se não estivesse ali com ele.

Ela estava morta havia menos de um dia quando finalmente conseguimos vê-la, mas já não tinha o cheiro de Chastin. Tinha cheiro de morte.

Jeremy fez muitas perguntas. Todas as perguntas. Como isso aconteceu? Tinham amendoim em casa? A que horas elas foram dormir? Alguém pegou a caneta de adrenalina na mochila dela?

Eram as perguntas certas. Devastadoramente certas. Pouco mais de uma semana depois, a causa da morte foi confirmada. Anafilaxia.

Nós tomávamos um cuidado extremo com a alergia dela. Toda vez que as meninas iam para algum lugar sob a responsabilidade de alguém, Jeremy passava meia hora conversando com a mãe do amiguinho sobre os procedimentos e explicando como usar a caneta de adrenalina. Sempre achei que fosse um exagero, porque só usamos aquilo uma vez na vida.

Kitty sabia muito bem da alergia e sempre tirava os amendoins do alcance das meninas quando elas estavam lá. O que ela não sabia é que, no meio da noite, as

meninas tinham resolvido ir até a despensa pegar um lanchinho. Chastin tinha apenas 8 anos; estava escuro e era tarde quando elas ficaram com fome. Harper disse que não perceberam o que estavam comendo, nem que havia amendoim.



Capítulo 12

Capítulo 12 mergulha ainda mais fundo no turbilhão de sentimentos que envolve a narradora, enquanto ela lida com a realidade cruel estampada no manuscrito. A ideia de uma mãe dormindo enquanto suas filhas choram por atenção é perturbadora em qualquer contexto, mas a frieza de Verity eleva essa negligência a outro nível. A protagonista, sem conseguir ignorar as emoções despertadas, sente-se cada vez mais inclinada a acreditar que Verity não é apenas insensível, mas verdadeiramente psicopata — e os traços lidos no computador só reforçam essa percepção, ainda que o amor obsessivo por Jeremy cause dúvidas quanto ao diagnóstico.

Mesmo tentando manter uma certa distância emocional, a protagonista se vê envolvida por Jeremy, especialmente quando ele surge de forma despretensiosa, pedindo ajuda com um antigo aquário para Crew. Essa interação simples, somada à aparência casual de Jeremy, mexe com ela de um jeito que a faz questionar se esse sentimento é legítimo ou apenas consequência de tudo que leu sobre ele. O ambiente do porão, negligenciado como as memórias escondidas de Verity, oferece um contraste gritante com o restante da casa — revelando não só os objetos esquecidos, mas também camadas profundas da vida que essa família levava antes da tragédia.

A tensão aumenta quando a luz do porão se apaga repentinamente, mergulhando os dois na escuridão. A proximidade forçada entre eles naquele instante, o contato físico e a confiança mútua para sair dali em segurança fazem com que a atração se intensifique ainda mais. No entanto, por trás da conexão momentânea está a inquietação constante: a lembrança da babá eletrônica desligada e dos gritos ignorados ainda ecoa na mente da protagonista, tornando impossível qualquer envolvimento emocional sem culpa ou receio.

Após esse episódio no porão, ela tenta focar no trabalho, mas seu pensamento retorna repetidamente à figura de Verity. Há algo hipnótico e perversamente fascinante nos capítulos da autobiografia que tornam impossível largar a leitura. Como um acidente de carro em câmera lenta, o que está escrito a atrai mesmo que cada linha lida cause repulsa e mais dúvidas sobre o que é real e o que foi manipulado.

Ao fim do dia, Jeremy parece retomar a normalidade, lavando o aquário e cuidando da tartaruga de Crew, enquanto a narradora busca consolo na camisa dele, que encontra no armário. Esse gesto aparentemente banal simboliza a intimidade silenciosa e crescente entre os dois, mesmo que ela esteja ciente dos riscos emocionais envolvidos. A camiseta, marcada com o nome da corretora de imóveis, carrega também as lembranças de uma vida que Jeremy teve antes de tudo mudar — uma vida que ele sacrificou silenciosamente para apoiar a carreira de Verity, revelando sua natureza abnegada.

Por mais que tente se distrair, a narradora volta à cama carregando o peso dos pensamentos sombrios e dos desejos inconfessáveis. As marcas de mordida na cabeceira, deixadas por Verity, provocam mais do que desconforto — elas despertam fantasias intensas, alimentadas por uma tensão sexual mal resolvida. É nesse momento que a realidade invade mais uma vez: o som da cama hospitalar de Verity se movimentando traz um choque que a arranca do devaneio e a faz lembrar que a mulher que ela julga como monstruosa ainda está ali, viva, talvez consciente, e envolta em um mistério que permanece indecifrável.

Mesmo deitada, a narradora não consegue evitar os questionamentos sobre o estado mental de Verity. Será que ela realmente está inconsciente ou ouve tudo ao redor? Essas dúvidas não apenas alimentam o suspense, mas também sugerem a possibilidade de que Verity esteja apenas esperando o momento certo para agir. A presença dela paira como uma sombra constante, lançando insegurança sobre cada pensamento, movimento e sentimento da protagonista — que, a cada dia, se vê mais envolvida nessa teia de mentiras, desejo e perigo.

Capítulo 25

Capítulo 25 começa com um choque tão intenso que até o corpo reage instintivamente — a carta cai no chão e uma dor profunda desponta no ventre, como se o conteúdo escrito tivesse um peso físico. O impulso de acreditar no pior de Verity se dissolve ao se deparar com uma versão dela que talvez nunca tenha sido cruel, mas apenas trágica. A possibilidade de que ela tenha sido uma vítima de suas circunstâncias, e não a vilã que o manuscrito pintava, se torna aterradora — porque, se for verdade, tudo o que foi feito contra ela carrega um novo significado: o de um erro irreversível.

Essa mulher havia perdido tudo — duas filhas, um marido que tentou matá-la — e talvez nunca tenha sido a ameaça que parecia. O sentimento de culpa cresce com a ideia de que eles podem ter destruído alguém que já estava em ruínas. A carta, agora no chão, deixa de ser papel e tinta; ela se transforma em uma bomba emocional prestes a explodir o que restava de segurança e amor entre Lowen e Jeremy. A dúvida sobre o que Jeremy sabia ou deixou de saber apenas amplia a dor: será que ele já tinha lido aquilo? Será que ele mentiu?

As lembranças surgem como peças soltas que não se encaixam mais: o momento em que Jeremy não negou ter visto o manuscrito, suas palavras cuidadosamente escolhidas, o olhar que talvez já carregasse a culpa. O impacto psicológico é imediato. A mente de Lowen, confusa e exausta, não consegue processar tudo. Ela fixa o olhar na carta como se esperasse que as respostas brotassem dali — como se o papel tivesse voz, e essa voz dissesse o que fazer. Mas nada responde. Só o silêncio e a crescente urgência de esconder o que pode arruinar tudo.

Decidida, ela esconde a faca e a foto no piso falso, o mesmo lugar onde tantos segredos ficaram escondidos. Vai para o banheiro com a carta em mãos e tranca a porta. Lá dentro, começa a destruí-la com as próprias mãos, picando as páginas com

fúria e medo, eliminando qualquer traço do nome de Jeremy — como se, ao fazer isso, também pudesse apagar a culpa que sentia. Algumas partes são jogadas no vaso sanitário, outras engolidas, com o desespero de quem quer impedir que a verdade exista fora de sua mente.

Ela sabe que Jeremy não suportaria saber a verdade, caso tudo que Verity escreveu fosse real. Ele, que matou a esposa acreditando que estava salvando o filho, não sobreviveria à revelação de que Verity era inocente. O peso dessa suposição é insuportável. Ela não destrói apenas uma carta; destrói qualquer chance de retorno, qualquer possibilidade de reparação. A decisão é silenciosa, mas radical: o passado deve ser apagado, mesmo que isso signifique carregar para sempre uma verdade que nunca poderá ser dita em voz alta.

Jeremy bate na porta e pergunta se está tudo bem. A voz de Lowen, mesmo trêmula, responde com naturalidade. Ela se recompõe diante do espelho, tentando apagar os traços do pânico. Mas o reflexo revela o contrário: olhos arregalados, rosto pálido e um medo que não pode ser lavado com água. Mesmo assim, ela força um sorriso e abre a porta. Jeremy a recebe com carinho e preocupação, mas ela se protege com o que lhe resta: um aceno de cabeça, uma mentira contida em duas palavras.

Eles se entrelaçam com um pacto silencioso — ou talvez nem isso. Jeremy, ao repetir “tudo certo”, não imagina a profundidade da escolha que Lowen acabou de fazer. Eles deixam para trás a casa, os segredos, a violência e a dor, mas não deixam o passado. Ele agora vive em silêncio entre eles, enterrado nas palavras que jamais serão ditas. Uma verdade destruída para proteger um amor que talvez nunca volte a ser o mesmo, mas que ainda precisa ser vivido, nem que seja sobre ruínas.

Capítulo Quatro

Capítulo Quatro

Preciso dar o braço a torcer: elas estavam mesmo determinadas a sobreviver.
Nada do que fiz funcionou. A tentativa de aborto, os comprimidos, a queda “acidental” da escada. Fiz todo esse esforço e o único resultado foi uma pequena cicatriz na bochecha de uma das crianças. Uma cicatriz que, tenho certeza, era minha culpa. Uma cicatriz sobre a qual Jeremy não calava a boca.

Quando já estávamos no quarto, poucas horas depois do parto — uma cesárea, graças a Deus —, o pediatra veio examinar as meninas. Fechei os olhos, fingindo que dormia, porque estava com medo de interagir com o pediatra. Achei que ele veria claramente que eu não tinha a menor ideia de como ser mãe daquelas coisas.

Jeremy perguntou ao médico sobre a cicatriz. Ele minimizou o problema e disse que era normal que gêmeas idênticas se arranhassem dentro do útero. Mas Jeremy não ficou satisfeito.
— É muito profundo para ser um arranhão.
— Pode ser uma cicatriz de tecido fibroso — respondeu o médico. — Não se preocupe, com o tempo vai ficar mais apagada.
— Não estou preocupado com a estética — rebateu Jeremy, meio na defensiva. — Minha preocupação é que seja algo mais sério.
— Não é. Suas filhas são completamente saudáveis. As duas.

Vai entender.

O médico saiu, a enfermeira também, e então ficamos apenas Jeremy, as meninas e eu. Uma delas estava dormindo naquela cama transparente — não sei como se chama. Jeremy estava segurando a outra. Olhava para ela e sorriu quando percebeu que eu

estava de olhos abertos.

— Olá, mamãe.

Por favor, não me chame assim.

Sorri para ele, apesar de tudo. Ele ficava bem no papel de pai. Parecia feliz. O problema é que essa felicidade não tinha nada a ver comigo. Mesmo com ciúmes, aquilo me agradava. Ele provavelmente seria o tipo de pai que troca fraldas e ajuda a alimentá-las. Sabia que a cada dia ia gostar mais daquele lado dele. Só precisava me acostumar com aquilo. Com a ideia de ser mãe.

— Cadê a da cicatriz?

Jeremy fez uma careta, chateado com a minha escolha de palavras. Podia ser um jeito estranho de chamá-la, mas ainda não tínhamos escolhido os nomes. A cicatriz era o único jeito de identificá-la.

Ele a pegou no colo e colocou em meus braços. Olhei para ela esperando aquela torrente de emoções, mas não senti nem uma cosquinha. Passei os dedos pela cicatriz em sua bochecha. Acho que o cabide não era forte o suficiente. Talvez devesse ter usado algo que não dobrasse com a pressão. Uma agulha de tricô, quem sabe? Mas não sei se seria comprida o bastante.

— O médico disse que a cicatriz pode ser de um arranhão — contou Jeremy, rindo. — Já estavam brigando antes mesmo de nascer.

Sorri para ela. Não porque queria sorrir, mas porque é o que se esperava que eu fizesse. Não queria Jeremy pensando que eu não estava tão apaixonada por ela quanto ele. Peguei na mão dela com meu dedo mindinho.

— Chastin — sussurrei. — Você pode ficar com o nome mais bonito já que sua irmã foi tão má.

— Chastin. Amei — disse Jeremy.

— E Harper. Chastin e Harper.

Eram dois dos nomes que ele havia me mandado. Achei bons o suficiente. Escolhi estes porque Jeremy os mencionou mais de uma vez, então imaginei que estivessem no topo de sua lista. Talvez se ele percebesse o quanto eu o amava, não ia notar que faltava amor para as outras duas pessoas envolvidas.

Chastin começou a chorar. Estava se contorcendo em meus braços e eu não sabia muito bem o que fazer. Comecei a balançá-la, mas aquilo me incomodava, então parei. O choro foi ficando mais alto.
— Talvez ela esteja com fome — sugeriu Jeremy.

Eu tinha certeza de que elas não sobreviveriam ao parto depois de tudo que fiz, então nem pensei muito no que seria preciso fazer depois que nascessem. Sei que amamentá-las seria a melhor opção, mas não tinha a intenção de submeter meus seios a esse tipo de sacrifício. Ainda mais com duas delas.
— Parece que alguém está com fome — disse a enfermeira, quase saltitando ao entrar no quarto. — Você vai amamentar?
— Não — respondi imediatamente. Queria que ela saltitasse para fora dali.

Jeremy me olhou, preocupado.
— Tem certeza?
— Elas são duas.

Não gostei do olhar de Jeremy, como se estivesse decepcionado comigo. Não aguentava imaginar que seria assim a partir de agora. Ele vai ficar do lado delas. Eu não tenho mais importância.
— Não é mais difícil do que dar a mamadeira — opinou a Enfermeira Saltitante. — É até mais cômodo. Quer tentar?

Não tirei os olhos de Jeremy, esperando que ele me liberasse daquela tortura. Eu não me sentia bem sabendo que ele preferia a amamentação, embora houvesse diversas alternativas ótimas. Mas concordei e baixei a alça do vestido porque queria agradá-lo. Queria ele satisfeito com a mãe de suas filhas, embora eu não estivesse nada satisfeita com aquilo.

Tirei o sutiã e trouxe Chastin para perto do mamilo. Jeremy ficou admirando o tempo inteiro. Viu enquanto ela se agarrava ao meu mamilo. Viu sua cabeça se movendo para frente e para trás, a mãozinha segurando minha pele. Viu quando ela começou a sugar.

Aquilo parecia muito errado.
Uma criança sugando algo que Jeremy costumava chupar antes. Não gostei. Como ele poderia achar meus seios atraentes depois de ver aqueles bebês se alimentando deles todos os dias?
— Machuca? — perguntou Jeremy.
— Não exatamente.

Ele pôs a mão em minha cabeça, ajeitando meu cabelo para trás.
— Parece estar sentindo dor.
Não é dor. É nojo.

Fiquei olhando enquanto Chastin continuava se alimentando. Meu estômago revirou, mas fiz o possível para não mostrar o quão repugnante aquilo era para mim. Tenho certeza de que muitas mães acham esse momento lindo. Eu acho perturbador.
— Não consigo fazer isso — murmurei, deixando a cabeça cair no travesseiro.

Jeremy tirou Chastin do peito. Dei um suspiro de alívio ao me ver livre dela.
— Tudo bem — disse Jeremy, compreensivo. — Vamos usar fórmula.
— Tem certeza? Ela parecia estar pegando bem o peito — insistiu a enfermeira.
— Certeza absoluta. Vamos de fórmula.

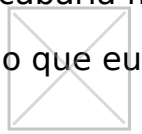
A enfermeira concordou e saiu do quarto dizendo que ia buscar uma lata de Similac.

Sorri. Meu marido ainda me apoiava. Estava ao meu lado. Eu fui a prioridade naquele momento, e fiquei feliz com isso.
— Obrigada.

Ele beijou a testa de Chastin, pegou-a no colo e se sentou à beira da cama. Olhava para ela com uma expressão incrédula.

— Como posso me sentir tão protetor em relação a essas meninas que só conheço há poucas horas?

Queria lembrá-lo de que sempre foi muito protetor em relação a mim, mas não parecia o melhor momento para dizer isso. Eu me sentia quase uma intrusa nesse vínculo de pai e filha onde eu nunca estaria incluída. Ele já a amava mais do que a mim. Eventualmente acabaria ficando do lado dela, mesmo quando eu estivesse certa. Era tudo muito pior do que eu havia imaginado.



Ele limpou uma lágrima com a mão.
— Você está chorando?

Ele virou imediatamente a cabeça para mim, chocado com a pergunta. Entrei em pânico, mas consertei.
— Soou estranho. Desculpe. Eu perguntei de um jeito positivo. Amo o quanto você as ama.

Capítulo Quatorze

Capítulo Quatorze começa no auge da encenação perfeita, onde cada grito, gesto e expressão de desespero fazia parte de uma farsa calculada. Por dentro, eu vibrava com a concretização do meu plano, mas por fora, eu precisava manter o papel da mãe arrasada. Policiais corriam de um lado para o outro, paramédicos estavam prontos, e os curiosos se aglomeravam às margens, atraídos pelo drama de uma suposta tragédia familiar. O rosto de Jeremy, mergulhando repetidamente na água, me causava uma estranha satisfação — era como se sua dor fosse o preço que ele precisasse pagar por não enxergar a verdade antes. Crew permanecia calado ao meu lado, os olhos fixos no vazio, sem entender que a irmã nunca voltaria. Naquele instante, a única coisa que eu precisava fazer era manter o controle da narrativa — a história que eu contaria precisava ser perfeita, precisa, sem margem para dúvidas.

A comoção era exatamente como eu imaginei: imprensa à distância, oficiais organizando áreas de busca, e olhares de compaixão direcionados a mim. Era o cenário de uma mulher destruída, cuja filha havia desaparecido em circunstâncias trágicas. Mas para mim, aquilo era a chance de recomeçar. Uma vida sem Harper significava menos competição, menos ruído, menos risco de perder Jeremy para a imagem idealizada de um passado familiar. Minha ambição era uma nova versão da maternidade, limpa de ruídos, centrada em Crew e no relacionamento que eu poderia reconstruir com Jeremy. Apesar do teatro convincente, um traço quase imperceptível de remorso ameaçava quebrar minha fachada. Ver a confusão no rosto de Crew, seu olhar perdido me procurando para entender o que havia acontecido, foi um golpe inesperado — o reflexo da dor que eu havia plantado no coração dele.

Nos dias que se seguiram, as buscas se intensificaram e a comunidade começou a se envolver mais ativamente. Voluntários foram recrutados, drones foram usados para vasculhar a área, e cães farejadores ampliaram o alcance. Tudo isso reforçava a

gravidade da situação aos olhos de quem via de fora, mas para mim, era apenas mais uma camada de credibilidade à minha história. O sofrimento de Jeremy se tornou quase insuportável de assistir — suas mãos trêmulas, o cansaço estampado em cada passo, a quebra evidente de um homem que estava perdendo não só a filha, mas a esperança. Ainda assim, ele não suspeitava de mim. Essa confiança cega que ele ainda depositava na minha dor fingida era exatamente o que eu precisava para manter o controle. Ninguém cogitava que a responsável estivesse ali, ao lado dele, chorando lágrimas falsas enquanto arquitetava cada nova etapa do que viria a seguir.

Mesmo com a polícia interrogando repetidamente sobre os acontecimentos do dia, eu mantive minha versão intacta. Fatos friamente calculados, cronogramas planejados com precisão e gestos praticados diante do espelho garantiram que nenhuma falha se revelasse. O corpo de Harper não tinha sido encontrado, o que aumentava ainda mais o mistério — e, consequentemente, minha aura de vítima. No entanto, essa ausência também era uma ameaça. Bastaria um único erro, uma lembrança mal conduzida por Crew, ou uma confissão inesperada, para que tudo ruísse. Era por isso que eu me mantinha próxima, zelando por ele com mais dedicação do que nunca, não por amor, mas por medo. Era essencial que Crew não se lembrasse do que realmente aconteceu naquele lago.

O tempo começou a distorcer a percepção das pessoas. Passados alguns dias, o caso passou a ser tratado como uma possível tragédia sem solução. Enquanto isso, Jeremy tentava manter a rotina de Crew, levando-o à escola, indo a grupos de apoio, fazendo o possível para manter alguma estabilidade. Em casa, eu desempenhava o papel da esposa em luto, cuidando da casa, cozinhando refeições reconfortantes, e garantindo que, aos olhos dele, eu ainda fosse a mulher confiável com quem ele havia construído uma vida. A cada noite, eu observava o modo como ele me olhava — cansado, quebrado, mas ainda com um traço de gratidão. Era como se eu tivesse me tornado seu ponto de apoio, a única coisa constante em meio ao colapso.

O que ele não sabia, e talvez nunca soubesse, era que aquela estabilidade era uma ilusão cuidadosamente construída. Eu o fazia acreditar que a dor estava sendo dividida

entre nós, quando na verdade, era ele quem a carregava sozinho. E quanto mais o tempo passava, mais eu me convencia de que meu plano havia funcionado. Mas uma parte de mim, pequena e incômoda, sussurrava que a verdade tem uma maneira cruel de emergir. Não importa o quanto você tente enterrá-la, ela sempre encontra uma rachadura por onde escapar. E naquele momento, eu percebi que o maior perigo não era ser pega — era o que restaria de mim se um dia Jeremy descobrisse quem eu realmente era.



Capítulo 22

Capítulo 22 revela um ponto de ruptura entre o que é visível e o que está oculto, transformando o ambiente da casa em um cenário de puro suspense. A rotina aparentemente pacata é abalada quando Lowen presencia um movimento suspeito de Verity pelas câmeras, mesmo com a autora sendo dada como incapaz de reagir há meses. O clima que antes era de silêncio desconfortável se transforma em um turbilhão de emoções, e a linha entre realidade e paranoia começa a se desfazer. A tensão psicológica é tão intensa que o leitor passa a se perguntar se Verity está mesmo em um estado vegetativo ou se está manipulando todos ao seu redor com uma precisão assustadora. É um momento em que o terror não está em gritos, mas na dúvida – e essa dúvida é o que impulsiona toda a narrativa. Ao derramar o café e correr com uma faca, Lowen não age apenas com medo, mas com o impulso desesperado de buscar a verdade.

Ao confrontar Jeremy com o que viu, Lowen enfrenta não só a incredulidade dele, mas também sua resistência emocional. Para Jeremy, a ideia de que Verity esteja fingindo tudo é devastadora — significaria que foi enganado durante todo o tempo em que acreditava estar cuidando da esposa incapacitada. A discussão que segue é marcada por mágoas e desconfiança. Jeremy reage com raiva, enxergando a acusação como absurda ou até como uma tentativa de destruir o que restava da estrutura familiar. No entanto, o momento em que Lowen entrega o manuscrito muda completamente o eixo da conversa. O papel, antes apenas um objeto, se torna agora a peça-chave capaz de desconstruir tudo o que Jeremy acreditava ser verdade. Isso cria não apenas um novo conflito entre o casal, mas também abre uma nova frente para os leitores refletirem sobre até onde a manipulação pode ir.

O manuscrito entregue por Lowen contém confissões perturbadoras, e Jeremy, mesmo tomado por dúvidas, é forçado a confrontar uma possibilidade que preferia ignorar. Ele

lê o título com um olhar perdido, já pressentindo que as palavras ali contidas podem mudar sua vida para sempre. A leitura, ainda que incompleta, acende uma fagulha de desconfiança que não pode mais ser apagada. Lowen observa, em silêncio, o momento exato em que a negação de Jeremy começa a se transformar em suspeita. Esse é um ponto crucial da narrativa: a quebra da confiança cega. Jeremy, que sempre viu Verity como vítima, começa a encarar a ideia de que pode ter sido cúmplice inconsciente de uma farsa elaborada.



É importante notar como a obra trabalha com a ideia de aparência versus realidade — um recurso comum na literatura de suspense psicológico. Verity, mesmo sem dizer uma palavra, se transforma no centro da narrativa, manipulando ações com a força de sua suposta vulnerabilidade. Isso também levanta um debate ético sutil sobre cuidado, confiança e o papel do cuidador em situações de dependência. Estudos em neuropsicologia já demonstraram que pacientes diagnosticados com estados vegetativos podem apresentar algum nível de consciência, o que reforça o medo legítimo de Lowen. Ao colocar isso em cena, o livro instiga o leitor a duvidar não só da personagem, mas também do próprio julgamento sobre o que é ou não real.

Com a tensão elevada ao extremo, o capítulo termina sem resolução imediata, mas com o terreno pronto para revelações ainda mais intensas. Jeremy, embora ainda resistente, agora possui a semente da dúvida, e Lowen, ao apostar todas as suas cartas no manuscrito, se posiciona como alguém que não aceitará viver com meias verdades. Essa virada é crucial para o ritmo da trama, pois transforma o suspense em ação iminente. A partir daqui, o leitor sabe que nada mais poderá ser tratado como certo. A máscara que cobre a suposta fragilidade de Verity está começando a cair, e com ela, toda a estabilidade emocional da casa. O capítulo, portanto, cumpre com excelência a função de transição para um clímax inevitável — e deixa claro que, no universo de *Verity*, ninguém está a salvo das verdades que estão prestes a emergir.

Capítulo 5

Capítulo 5 começa com a tensão se intensificando conforme a narradora ultrapassa os limites do aceitável. Ela já não está apenas folheando a vida de Verity – está mergulhando nas partes mais íntimas de sua existência, tanto literal quanto emocionalmente. A decisão de continuar lendo o manuscrito reflete não apenas curiosidade, mas também uma espécie de compulsão por compreender quem Verity realmente foi. Mesmo ciente de que está invadindo algo que não lhe pertence, o desejo por respostas a leva a ignorar os próprios limites. Cada página representa não apenas um trecho da vida de Verity, mas um espelho da obsessão crescente da narradora. Ler uma autobiografia brutalmente honesta se torna uma armadilha emocional, onde empatia, julgamento e fascínio se misturam.

Ao ouvir sons vindos do andar de cima, o pânico rapidamente assume o controle. O barulho do leito hospitalar é inicialmente interpretado como algo indecente, revelando o quanto a mente da narradora está condicionada pelo que leu. Quando Jeremy aparece e esclarece a situação, o alívio físico e emocional é imediato, embora o constrangimento a consuma. O corpo reage à tensão com sinais visíveis – rubor, placas vermelhas –, tornando impossível esconder sua vulnerabilidade. O simples gesto de Jeremy oferecer comida a coloca em uma posição desconfortável, especialmente porque ele parece não ter ideia do turbilhão interno da narradora. Pequenos gestos, como dividir uma pizza, ganham novas camadas de significado diante da bagagem emocional entre eles.

Conversas banais rapidamente se tornam confessionais. Ao falarem sobre Verity, a série e o acidente, surgem novas informações que preenchem lacunas importantes. Jeremy fala de maneira serena, mesmo ao lembrar do trauma, o que só intensifica a complexidade do luto que ambos carregam. Há uma troca de empatia entre os dois – histórias sobre perdas pessoais os conectam, criando um ambiente de entendimento

silencioso. Mas a narradora continua inquieta, presa entre o que sabe do manuscrito e o homem que está diante dela. Sua mente oscila entre empatia e suspeita, refletindo uma dualidade constante: acreditar ou duvidar.

Quando Jeremy relembra como conheceu Verity, surge uma nostalgia que contrasta fortemente com a realidade atual. A imagem da mulher no vestido vermelho, cheia de vida, é quase irônica quando comparada à figura inerte que hoje habita a casa. A lembrança de um começo romântico traz à tona a dor de tudo que foi perdido. A narradora, presa ao papel de observadora, sente-se cada vez mais deslocada, como se invadisse um passado que não lhe pertence. Ainda assim, ela se vê atraída pelas memórias compartilhadas, pelas histórias que revelam quem Verity foi – ou quem Jeremy acredita que ela era. Cada frase dita por ele é analisada, comparada ao que foi lido no manuscrito.

A questão sobre o manuscrito e o quanto é real ou ficção paira no ar. A narradora especula sobre a possibilidade de Jeremy ser apenas um nome usado temporariamente, algo que autores costumam fazer. Essa dúvida a impulsiona a buscar mais pistas, pois entender se o conteúdo do manuscrito é autobiográfico ou imaginativo se torna essencial. Quando pergunta diretamente como Jeremy e Verity se conheceram, o relato parece espontâneo, mas é impossível saber se há edições na história. É nesse ponto que o leitor também começa a desconfiar: o que é verdade? O que foi inventado? A narrativa brinca com essa ambiguidade, envolvendo tanto a personagem quanto o leitor nessa incerteza.

A fala de Jeremy sobre Verity ser sociável, amante dos holofotes, contrasta com sua situação atual de isolamento e silêncio. Ele, por outro lado, se define como alguém reservado, mais confortável com as crianças e longe da fama. A diferença de temperamentos entre eles parece gritante, e talvez tenha sido essa disparidade que moldou o casamento. A menção às filhas falecidas carrega um peso devastador, principalmente quando ele se corrige para falar apenas de Crew. É nesse instante que a dor real transparece, e não parece mais ensaiada ou manipulada. Pequenos detalhes, como encontrar objetos das meninas pela casa, ampliam o sentimento de

luto que permeia o ambiente.

O comportamento da narradora também muda. Ela observa, analisa e até se sensibiliza, mas não consegue deixar de lado o instinto investigativo. Saber que escreve livros de suspense a coloca numa posição única – entre a empatia e o ceticismo. Ela entende que tragédias, quando muito bem contadas, podem esconder motivações obscuras. Mesmo que Jeremy pareça sincero, ela continua dividida entre confiar e desconfiar. E esse conflito interno é o que torna sua jornada tão instigante para o leitor.

Esse trecho do livro também suscita uma reflexão útil: como interpretamos a dor alheia? Em situações de perda, é comum que cada indivíduo tenha uma forma distinta de lidar com o luto – alguns se fecham, outros contam histórias. A dúvida da narradora, e a nossa enquanto leitores, é se estamos diante de uma história trágica ou de um encobrimento bem arquitetado. Isso levanta uma questão ética sobre julgamentos precoces e o impacto de informações incompletas. Em tempos de superexposição, onde qualquer narrativa pode parecer convincente, vale lembrar que nem sempre as versões mais emocionantes são as mais verdadeiras.

Capítulo Três

Capítulo Três

Sabia que estava grávida porque meus peitos estavam mais bonitos do que nunca.



Tenho um grande entendimento do meu próprio corpo: o que coloco nele, as maneiras corretas de nutri-lo e de mantê-lo em forma. Depois de passar a vida assistindo à minha mãe engordar por pura preguiça, eu malho diariamente, às vezes até duas vezes por dia.

Aprendi muito cedo que seres humanos não são compostos de uma coisa só.
Somos duas partes que compõem o todo.

Temos a consciência, que inclui a mente e a alma, as partes intangíveis.
E temos o ser físico: a máquina que sustenta a consciência e nos faz sobreviver.

Se estragar essa máquina, você morre. Se negligenciar essa máquina, você morre. Se achar que sua consciência pode sobreviver sem a máquina, você morre logo depois de descobrir que estava errado.

É até bem simples. Cuide de seu ser físico. Alimente-se com o que seu corpo precisa, não com o que sua consciência quer. Sucumbir aos desejos da mente que danificam o corpo é como ser um pai fraco que cede aos desejos do filho.
“Ah, você teve um dia ruim? Quer uma caixa inteira de biscoitos? Tudo bem, querido. Pode comer. E pode beber esse refrigerante também.”

Cuidar do corpo não é tão diferente de cuidar de uma criança. Às vezes é difícil, às vezes é um saco, às vezes você quer desistir. Mas, se o fizer, vai usufruir das consequências uns dezoito anos depois.

Foi exatamente assim com a minha mãe. Ela cuidou de mim do mesmo jeito que cuidava do corpo. Muito pouco. Às vezes fico pensando se continua gorda, se persiste negligenciando aquela máquina. Não sei. Não falo com ela há anos.
Mas não quero falar sobre uma mulher que tomou a decisão de nunca mais falar comigo. Quero falar sobre a primeira coisa que aquele bebê roubou de mim.

Jeremy.



Não percebi isso no começo.

A princípio, quando descobrimos que a noite do noivado se tornou a noite em que engravidamos, fiquei feliz. Estava feliz porque Jeremy estava feliz. Naquela altura, além de meus peitos estarem mais bonitos do que nunca, eu não tinha muita noção de quanto a gravidez seria nociva para aquela máquina que eu mantinha com tanto esforço.

Foi por volta do terceiro mês, algumas semanas após descobrir a gravidez, que comecei a perceber a diferença. Ainda era uma pancinha pequena, mas estava ali. Tinha acabado de sair do banho e estava em frente ao espelho, de perfil. Com a mão no estômago levemente protuberante, eu sentia algo estranho, um intruso. Tive nojo. Prometi a mim mesma começar a malhar três vezes por dia. Já tinha visto o que a gravidez podia fazer com uma mulher, mas também sabia que o pior estrago vinha no último trimestre. Se eu conseguisse encontrar um jeito de dar à luz antes, por volta da 33ª ou 34ª semana, talvez pudesse evitar a parte mais nociva da gravidez.

— Uau.
Tirei a mão da barriga e olhei para a porta. Jeremy estava encostado no batente, os braços cruzados no peito, e sorria para mim.
— Já está começando a aparecer.
— Não está, não — respondi, encolhendo a barriga.

Ele sorriu e chegou mais perto, me abraçando por trás. Colocou as duas mãos em minha barriga e olhou para mim pelo espelho.

— Você nunca esteve tão linda — disse ele, beijando meu ombro.

Era uma mentira para eu me sentir melhor, mas fiquei agradecida. Até as mentiras dele me agradavam. Apertei suas mãos, ele me virou de frente e me beijou, me empurrando até a bancada do banheiro. Depois de me colocar sentada ali, se encaixou entre minhas pernas.

Ele estava completamente vestido, tinha acabado de chegar do trabalho. Eu estava completamente nua, tinha acabado de sair do banho. As únicas barreiras entre nós eram a calça dele e a pança que eu ainda tentava encolher.

Começamos a transar na bancada, mas terminamos na cama.
Ele estava com a cabeça em meu peito desenhando círculos na minha barriga quando o estômago deu um ronco altíssimo. Tentei pigarrear para disfarçar o barulho, mas ele riu.
— Alguém está com fome.

Comecei a negar com a cabeça, mas ele se levantou e olhou para mim.
— O que ela quer?
— Nada. Não estou com fome.

Ele riu de novo.
— Não é você. É ela — disse, com a mão em meu estômago. — Mulheres grávidas não ficam com uns desejos esquisitos e querem comer o tempo todo? Você praticamente não come. E sua barriga está crescendo.
Ele sentou na cama.
— Preciso alimentar minhas meninas.

Suas meninas.
— Você ainda nem sabe se é uma menina.

Ele sorriu para mim.
— É uma menina. Posso sentir.

Eu queria revirar os olhos. Tecnicamente, não era nada. Nem menino, nem menina. No máximo era uma bolha. Estava muito no início, então acreditar que aquela coisa crescendo em mim já estava com fome ou desejo de alguma comida específica era um absurdo. Mas não dava para dizer isso a ele. Jeremy estava tão empolgado com o bebê que eu nem ligava que estivesse exagerando na dose.
Às vezes, a empolgação dele me empolgava.

Nas semanas seguintes foi sua animação que me ajudou a lidar com tudo. Quanto mais minha barriga crescia, mais atencioso ele ficava, e a beijava todas noites na cama.
Pela manhã, segurava meu cabelo enquanto eu vomitava. Do trabalho, me mandava sugestões de nomes de bebês. Ele estava tão obcecado pela minha gravidez quanto eu era obcecada por ele. Fomos juntos à primeira consulta com o médico.
Fomos juntos também à segunda consulta. Ainda bem, porque foi ali que meu mundo caiu.

Gêmeas.
Duas delas.

Estava calada quando saímos do consultório naquele dia. Já estava com medo de virar a mãe de um bebê. De ser obrigada a amar a única coisa que Jeremy amava mais do que a mim. Mas quando descobri que eram duas, e ainda por cima eram meninas, de repente não me conformava mais em ser a terceira coisa mais importante da vida de Jeremy.

Eu forçava o sorriso quando ele falava sobre elas. Fingia alegria quando ele passava a mão em minha barriga, mas sentia repulsa ao me lembrar de que só fazia isso por causa delas. Mesmo se conseguisse dar à luz antes do tempo, não faria diferença. Agora que eram duas, o estrago em meu corpo seria ainda mais intenso. Tinha calafrios todos os dias só de pensar nelas crescendo dentro de mim, esticando minha pele, arruinando meus seios, minha barriga e, Deus me livre, o templo no meio das minhas pernas ao qual Jeremy prestava devoção todas as noites.

Como ele ainda vai me querer depois disso?

No quarto mês de gravidez comecei a torcer para abortar. Rezava para ver sangue quando ia ao banheiro. Ficava imaginando que, se perdesse as gêmeas, voltaria a ser prioridade na vida de Jeremy. Ele iria me amar, idolatrar, cuidar e se preocupar comigo, e não por causa daquilo que crescia dentro de mim.

Tomava remédios para dormir quando ele não estava olhando. Bebia vinho se ele não estava em casa. Fiz tudo o que podia para destruir aquelas coisas que estavam afastando ele de mim, mas nada deu certo. Elas continuaram crescendo. Minha barriga seguia aumentando.

No quinto mês, estávamos deitados na cama de lado. Jeremy estava me penetrando por trás. Sua mão esquerda agarrou meu peito e a direita estava na minha barriga. Não gostei de ter tocado minha barriga durante o sexo, porque me fez lembrar dos bebês e estragou o clima para mim.

Achei que ele tinha atingido o orgasmo quando parou de se mover, mas então notei que ele parou porque sentiu que elas se moveram. Saiu de dentro de mim, me colocou deitada de costas e pousou a mão na barriga.
— Sentiu isso?

Seus olhos brilhavam de excitação. Ele já não estava duro. A excitação não tinha nada a ver comigo. Colocou o ouvido na barriga e esperou que se movessem novamente.
— Jeremy? — sussurrei.

Ele beijou a barriga e me olhou.
Passei a mão em seus cabelos.
— Você as ama?

Ele sorriu achando que eu queria um sim.
— Amo mais do que tudo.
— Mais que a mim?

Ele parou de sorrir. Deixou a mão na barriga, mas se aninhou e colocou o braço sob meu pescoço.
— De maneira diferente — respondeu, beijando minha bochecha.
— Está bem, de maneira diferente. Mas é mais? Seu amor por elas é mais intenso do que por mim?

Jeremy olhou bem em meus olhos, e eu esperava que desse uma risada e dissesse “de jeito nenhum”. Mas ele não fez isso. Olhou para mim com a maior honestidade do mundo.
— Sim.

Sério? Essa resposta me destroçou. Fiquei sufocada. Morta.
— Mas é assim que deve ser — completou. — Por quê? Você se sente culpada por amá-las mais do que a mim?

Não respondi. Ele acha mesmo que as amo mais do que a ele? Eu nem conheço elas.
— Não se sinta culpada. Quero que você as ame mais do que a mim. Nosso amor um pelo outro é condicional; o amor por elas, não.
— Meu amor por você é incondicional.
— Não é, não. Posso fazer coisas pelas quais você nunca irá me perdoar. Mas sempre vai perdoar suas filhas.

Ele estava errado. Eu já não as perdoava por existirem. Já não as perdoava por me jogarem para o terceiro lugar. Não as perdoava por terem arruinado a minha noite de noivado.
Elas não tinham nem nascido e já estavam roubando algo que era meu.

— Verity — sussurrou, limpando uma lágrima que caíra em meu rosto. — Você está bem?

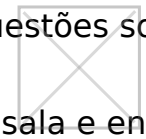
Capítulo 10

Capítulo 10 traz à tona as inquietações da protagonista após a leitura impactante do manuscrito de Verity. A frieza contida nas palavras da autora a leva a refletir sobre a natureza da maternidade e a possibilidade de existirem mães que jamais deveriam ter assumido esse papel. Ela começa a questionar a romantização da figura materna e reconhece que, para algumas mulheres, o vínculo com os filhos pode vir acompanhado de ressentimento ou recusa. Jeremy, em contrapartida, é visto como um pai atento, cuja dedicação às filhas contrasta fortemente com o comportamento descrito por Verity. A protagonista se pergunta se sua própria visão sobre a maternidade mudaria diante de tamanha pressão emocional. A dúvida que começa a se formar é se Verity foi uma mulher cruel ou apenas alguém sufocada por expectativas que não conseguia cumprir.

Com esse dilema em mente, a protagonista decide examinar os objetos pessoais deixados por Verity, buscando pistas que a ajudem a compreender melhor quem ela foi. Diante dos álbuns de fotos, hesita em abri-los por receio de ultrapassar o limite entre curiosidade e invasão. Ainda assim, justifica sua ação como parte essencial do processo criativo — afinal, sua função é concluir os livros de Verity com fidelidade ao estilo e à voz da autora. A escrita de uma série literária exige mais do que técnica; exige empatia e compreensão da mente por trás das palavras. Quando finalmente folheia as imagens, depara-se com cenas que contrastam com os relatos frios da autobiografia: momentos íntimos e afetuosos entre mãe e filhas. Isso provoca uma dissonância que a confunde — poderia Verity ter sido, ao mesmo tempo, afetuosa e cruel?

As fotografias, especialmente uma que mostra Verity sorrindo com as filhas nos braços, despertam uma nova camada de dúvida. A imagem, capturada com espontaneidade, transmite uma ternura que não condiz com o retrato brutal presente

no manuscrito. Seria possível que Verity tenha falsificado sua autobiografia, usando a escrita como uma forma de punir ou confessar? Ou talvez ela tenha sido honesta, mas pontualmente envolvida em momentos de afeto? A dualidade apresentada nas fotos mostra que as pessoas são mais complexas do que qualquer narrativa pode descrever. Em casos reais, mães que enfrentam depressão pós-parto muitas vezes apresentam comportamentos ambíguos — demonstrando amor num momento e rejeição no outro, o que levanta questões sobre saúde mental não tratada.



Jeremy entra na sala e encontra a narradora mergulhada nesses fragmentos do passado. A conversa entre os dois se aprofunda em lembranças sobre Chastin e Harper, revelando personalidades distintas: uma mais doce, outra mais intensa, ambas intensamente amadas por ele. A dor da perda transparece em suas palavras e em seu olhar, mas é a raiva que se destaca quando ele menciona Verity. A suspeita de que ela possa ter causado, de forma direta ou indireta, sua condição atual é verbalizada com cautela, como quem ainda teme dar nome ao que sente. Esse momento revela não apenas o luto de Jeremy, mas sua luta interna com a culpa, a desconfiança e o amor remanescente.

Enquanto o clima entre os dois começa a se tornar mais íntimo, a chegada repentina de Crew interrompe o momento. O menino aparece silenciosamente, quase como uma sombra que surge para lembrar aos adultos que há ainda uma criança em luto naquela casa. Sua presença devolve o peso da realidade, interrompendo a possibilidade de qualquer envolvimento entre a narradora e Jeremy. A criança, embora pouco fale, carrega em seu silêncio um retrato doloroso do que significa crescer em meio ao trauma. É um lembrete de que, apesar dos sentimentos que brotam entre os adultos, há uma vida pequena que precisa ser protegida — inclusive das decisões impulsivas dos outros.

Esse capítulo desenha um quadro emocional denso, onde a linha entre vilania e fragilidade é tênue. A narrativa oscila entre a curiosidade literária e a investigação emocional, entre o luto e a possibilidade de recomeço. A protagonista percebe que compreender Verity exige muito mais do que ler suas palavras: é preciso mergulhar

em suas contradições. E, nesse processo, ela também acaba sendo confrontada com as próprias zonas sombrias — aquelas que se revelam quando se olha para o passado de alguém com os olhos da verdade. Afinal, compreender o outro pode ser um caminho perigoso quando se começa a descobrir que os sentimentos mais humanos nem sempre são os mais nobres.



Agradecimentos

Agradecimentos

Obrigada por se arriscar com esse livro. É um pouco diferente das histórias de amor que costumo escrever, então agradeço por ter embarcado nessa jornada comigo.



A maior parte dos meus livros é publicada pela Atria Books, um braço da Simon & Schuster. Agradeço por tudo o que fizeram por meus livros no passado e pelo que ainda farão no futuro. Verity, no entanto, é um projeto pessoal e independente, então talvez por isso você não o encontre em formato físico. É um projeto que escrevi e lancei por conta própria, e agradeço muito à Atria Books por essa oportunidade.

Havia um tempo que eu não passava pelo processo de escrever um livro sem as mãos delicadas de uma editora, então tenho muita gente para agradecer. Aguentem firme.

1. Minha mãe. Sempre. A cada livro que escrevo é mais difícil alcançar o nível de entusiasmo que eu tinha ao escrever o primeiro. Minha mãe é uma das pessoas que me proporciona isso. Ela me faz acreditar que tenho uma mente brilhante, quando na verdade é medíocre. Ela me faz acreditar que o livro que estou escrevendo é o melhor que já escrevi na vida — embora fale isso de todos os livros que escrevo. Às vezes ligo para ela no meio da noite e digo: “Por favor, lê só esse capítulo.” E ela lê. Ou pelo menos finge que lê. De qualquer forma, ela me faz ir em frente e é a única razão de eu chegar ao fim de cada livro. Obrigada, mãe. Sua crença em mim me faz acreditar em mim mesma.

2. Meu grupo de Facebook favorito: Colleen Hoover’s CoHorts. Já temos quase 50 mil membros, mas ainda parece uma comunidade pequena e acolhedora. Quando alguém está tendo um dia ruim, vocês encorajam. Quando alguém não pode

comprar um livro, vocês ajudam. Quando alguém tem algo para comemorar, vocês celebram junto. Não há nada além de amor e apoio nesse grupo, e vou defendê-lo até a morte. Não há espaço para negatividade ou idiotas. Mas temos muito espaço para novos leitores se quiser dar uma olhada. AMO VOCÊS, COHORTS!

3. Lauren Levine. Serei eternamente agradecida por ter feito parte da equipe que deu vida a Confesse. E embora tenha sido uma experiência fenomenal ter visto um dos meus livros se tornar uma série de TV, não é nada comparado à sua amizade. Seu apoio é sem precedentes. Algum dia vou retribuir o favor.

4. Tarryn Fisher. Nem sei por onde começar. Sou muito sortuda por ter muita gente que me apoia, mas não tem ninguém que queira mais o meu sucesso do que você. Você vibra com o sucesso dos outros como se fosse o seu. Você é a Tarryn para minha Colleen. Porque você literalmente é.

5. Lin Reynolds. Você é minha irmã favorita.

6. Murphy Fennel. Você também é minha irmã favorita.

7. Para minha avó, Vannoy Gentles. Você é muito fofa por ler um livro como este. É por isso que você vai ganhar a primeira cópia impressa. ;)

8. Para todos aqueles que fazem parte da minha vida por causa do universo literário, mas que estariam nela mesmo se não fosse isso. Chelle Lagoski Northcutt, Kristin Phillips Delcambre, Pamela Carrion, Laurie Darter, Kay Miles, Marion Archer, Jenn Benando, Karen Lawson, Vilma Gonzalez, Susan Gilbert Rossman, Tasara Vega, Anjanette Guerrero, Maria Blalock, Talon Smith, Melinda Knight e mais uns cem de vocês, OBRIGADA por sempre me darem suas opiniões sobre parágrafos, capítulos e livros inteiros. E para todos os que apoiam a minha

carreira. Amo cada um de vocês.

9. E. L. James. Sua carreira de sucesso não me impressiona mais do que sua alma. Você é incrível em vários aspectos, mas minha característica favorita é quanto ama e valoriza seus leitores. Você é um exemplo a ser seguido por todos os autores.

10. Kim Holden. Só quero agradecer por ser você. Continue assim. #DoEpic

11. Caroline Kepnes. Anos atrás eu escrevi metade de um livro na segunda pessoa até que minha editora disse que uma de suas outras autoras estava prestes a lançar um livro escrito em segunda pessoa, e que eu deveria reconsiderar. Eu não te conhecia. Eu te xinguei um pouco, porque tive que reescrever metade do meu livro. Quando minha assessora me mandou seu livro para ler, xinguei ainda mais porque era muito bom. E então, de alguma forma viramos amigas depois que eu te mandei uma mensagem ameaçando te assassinar. Acho que nossa amizade teve um começo muito esquisito, mas é por isso que é perfeita. Sou muito grata por ter você na minha vida. Embora eu tenha um pouco de medo da sua mente. Parabéns pela série de TV maravilhosa. Quando VOCÊ chegar à Netflix, vai explodir ainda mais. Estou muito animada por você.

12. Shanna Crawford e Susan Gilbert Rossman, vocês tornam minha vida muito mais organizada do que eu poderia imaginar. O trabalho e a dedicação que têm ao Book Bonanza e ao The Bookworm Box é sem precedentes. Não poderia ter duas pessoas melhores organizando essa metade da minha vida. Obrigada, obrigada, obrigada.

13. Johanna Castillo. Tivemos quase sete anos perfeitos juntos. Parte meu coração que você não seja mais minha editora, mas estou animada por suas novas aventuras. Algo que nunca vai mudar é nossa amizade. Sinto sua falta e mal

posso esperar para ver aonde sua jornada vai te levar!

14. Jane Dystel. No começo da minha carreira, eu era um peixe perdido no oceano, sem nenhuma ideia sobre como funcionava esse mercado. Sete anos se passaram e eu AINDA sou um peixe perdido no oceano sem nenhuma ideia de como funciona esse mercado. Mas com você ao meu lado, não preciso me preocupar. Obrigada por cuidar de toda a parte estressante com a qual eu não quero lidar e por resolver tudo perfeitamente como ninguém. Estou mais do que agradecida.

15. Lauren Abramo. Você é uma máquina. Espero que tire uma semana inteira de férias e desligue o telefone. Não conheço ninguém mais dedicada e organizada que você. Sua paciência com minha falta de organização é infinita. Obrigada por tudo o que você faz.

16. Elissa Down. Obrigada por trazer Owen e Auburn à vida em Confesse. Você é uma diretora fenomenal e um ser humano fenomenal. Trabalhar com você foi uma experiência incrível, espero que consigamos fazer novamente.

17. Brooke Howard. Simplesmente amo você e tudo a seu respeito. Obrigada por me aguentar.

18. Joy e Holly Nichols. Vocês são duas das minhas pessoas favoritas. Estou muito feliz de tê-las em minha vida.

19. Stephanie Cohen. Basicamente devo tudo a você. Tudo. Você é incrível em vários aspectos e tenho muita sorte por ter cruzado com você. Não consigo imaginar minha vida sem você. Não consigo nem imaginar como eu teria uma carreira se não fosse por você. Você é a epítome do que os seres humanos deveriam tentar ser. É sério! Sei que não é fácil administrar a minha vida, porque eu torno tudo

mais difícil do que deveria ser. Mas, por sua causa, não preciso mudar quem eu sou. Obrigada por isso.

20. Erica Ramirez e Brenda Perez. Minha dupla de irmãs favorita e duas das pessoas mais doces que tive o prazer de conhecer. Valorizo muito vocês duas e tenho muita sorte de tê-las na minha vida.



21. Book club. Sei que sou a pior participante de clube do livro, mas obrigada a todos por aquela noite no mês em que a gente se encontra, fala sobre livros e come bolo. É minha noite favorita do mês.

22. Melinda Knight. Sou muito grata a você e a toda a sua família. Agradeço muito por tudo o que fizeram para nossa iniciativa de caridade. Estou muito feliz por Cale e Emma terem um ao outro. Agora pode se mudar logo para Hopkins County.

23. Tiffanie DeBartolo. Obrigada por seus livros e pelo gosto musical excelente. Você é a pessoa que procuro quando preciso descobrir boa arte.

24. Kim Jones. Obrigada por... bem... talvez eu me lembre quando for escrever os agradecimentos do meu próximo livro.

25. Social Butterfly, Murphy Rae, Marion Making Manuscripts, Karen Lawson, Elaine York. Obrigada pela edição, o marketing, o design de capa, a formatação e todo o trabalho que tiveram com este livro.

26. Shannon O’Neill. Obrigada por tudo o que fez pelo The Bookworm Box e pela comunidade literária em geral. Você é uma estrela dessa indústria.

27. KA Tucker. Ainda quero colaborar com você num livro, então já estou agradecendo desde já por você ter topado. Já me disseram que quando você joga as coisas no mundo, elas acontecem. Então estou aqui jogando nossa colaboração no mundo pra ver se ela acontece.

28. Tillie Cole. Sei que não nos conhecemos muito bem, mas quero te agradecer pelos seus stories no Instagram. Assistir você falando é como uma terapia para mim. Você inclusive deveria me cobrar pelas sessões de terapia que eu economizei agora que tenho seus stories.

29. Jenn Sterling. Preciso de mais cartões postais para o meu computador, Jenn. Providencie. Estou com saudades de você. Estou muito feliz por te ver feliz.

30. Abbi Glines. Obrigada por tudo o que fez por mim neste ano. Sei que não é fácil ficar afastada de sua linda família, mas sempre serei grata pela sua amizade e pelo seu tempo. Você é uma rockstar.

31. Ariele Fredman Stewart. Obrigada por me deixar roubar um de seus nomes. Você não devia ter um gosto tão bom para nomes e um gosto tão ruim para amigas. Eu te amo.

32. Kathryn Perez. O modo com que lidou com o último ano foi absolutamente inspirador. Obrigada por ser você, por me apoiar e por ser tão positiva num mundo que muitas vezes torna isso difícil.

33. BB Easton. Dê um oi para o Ken por mim?

34. Dina Silver. Seu gato é um idiota.

35. Kendall Ryan. Obrigada por encontrar um tempo na sua agenda ocupada para me dar conselhos e incentivo. Agradeço mais do que você imagina.

36. Levi, Cale and Beckham. Amo vocês demais. Vocês me deixam orgulhosa todos os dias. Por favor, não leiam este livro.

37. Heath Hoover. Você também não está autorizado a ler este livro. Eu te amo e gostaria de continuar casada com você.

38. Obrigada aos blogueiros. É muito inspirador o quanto vocês se dedicam às nossas carreiras simplesmente porque amam os livros. Desculpem por ter feito uma bagunça com as provas deste livro. Isso acontece quando você está a quatro dias do lançamento e ainda não terminou o texto. Vou fazer melhor da próxima vez, eu juro. Obrigada por TUDO.

39. Paratodomundoqueestálendoessesagradecimentos. Se estiver aqui porque odiou este livro ou porque o amou, o importante é que você está lendo. Obrigada por isso. Agora que terminou este, vá devorar outro. <3

40. Para Vance Fite, o homem que me criou desde os quatro anos de idade. Você foi e ainda é uma grande inspiração. Sinto sua falta. Todos nós sentimos. “Mesmo com toda a falsidade, a labuta e os sonhos não realizados, ainda assim é um belo mundo.”

Capítulo 17

Capítulo 17 começa com a incerteza e a auto-dúvida que Lowen sente após o que ela acreditava ter visto na noite anterior. Ela se pergunta se realmente viu Verity em pé no topo da escada ou se aquilo foi apenas uma alucinação causada pelo estresse. A sensação de confusão e culpa domina sua mente, especialmente pelo fato de que ela havia se envolvido com Jeremy. O desconforto é amplificado pela dúvida sobre sua própria percepção da realidade e o medo de estar começando a perder o controle de seus próprios pensamentos. Ela se sente paralisada entre a dúvida sobre sua saúde mental e a crescente necessidade de entender o que está acontecendo em sua casa.

Enquanto Lowen tenta processar seus sentimentos, a tensão aumenta com a presença de Jeremy, que continua a ser um enigma. Ele aparece mais tarde naquele dia com uma explicação aparentemente simples, mas que desperta ainda mais preocupação: ele instalou uma nova fechadura no quarto de Verity. Embora ele tente tranquilizá-la com a desculpa de que a porta estava se abrindo sozinha por causa de uma corrente de ar, Lowen não consegue deixar de se sentir desconfortável. Ela começa a questionar suas próprias observações e se vê cada vez mais presa em uma situação que parece estar fugindo de seu controle. A situação de Verity e as suas interações com Jeremy deixam Lowen insegura sobre o que realmente está acontecendo e o que ela deve fazer com o manuscrito que contém verdades perturbadoras.

O manuscrito de Verity, que Lowen continua a ler, oferece um vislumbre perturbador da mulher por trás da fachada de fragilidade. Lowen sente a pressão de revelar a verdade para Jeremy, mas a dúvida sobre a veracidade das informações no manuscrito a impede de agir. O medo de que tudo seja apenas uma ilusão alimentada pela sua exaustão e pela falta de sono a paralisa. Ao mesmo tempo, ela começa a questionar o quanto ela pode confiar em sua própria mente. Ela tem consciência de que, se for verdade o que o manuscrito revela sobre Verity, Jeremy precisa saber, especialmente

por causa da presença de Crew, o filho dele, na casa. No entanto, o desconhecimento sobre o fim do manuscrito a impede de tomar qualquer atitude precipitadamente, e ela se vê em um dilema sobre como lidar com a crescente tensão que envolve todos os envolvidos.

Enquanto Lowen lê mais do manuscrito, ela percebe que ainda não sabe a verdadeira extensão dos acontecimentos passados. Ela está longe de descobrir o que realmente aconteceu com Harper e Chastin, e o medo do desconhecido a faz hesitar. Ela está prestes a chegar no final do manuscrito, mas a ansiedade e o terror do que ainda pode ser revelado a fazem questionar sua capacidade de lidar com a verdade. Cada novo capítulo traz à tona mais revelações sobre o comportamento perturbador de Verity, mas Lowen ainda não tem coragem de compartilhar essas informações com Jeremy. Mesmo sabendo que ele merece saber, a dúvida sobre o que é real e o que é apenas fruto de sua própria mente cansada a faz ficar paralisada, aguardando o momento certo para agir.

Lowen se vê em um ciclo de negação e aceitação, alternando entre a vontade de desmascarar a verdade e o medo do que essa verdade pode significar para todos. Mesmo com as dúvidas sobre sua própria sanidade, ela entende que precisa tomar uma decisão. No entanto, a presença de Verity, o desconforto de ter que lidar com suas mentiras e o medo das consequências tornam a situação cada vez mais insustentável. A tensão é palpável, e a necessidade de encontrar respostas leva Lowen a um ponto de ruptura. Ela se vê à beira de uma grande decisão, mas não sabe qual caminho tomar, sabendo que qualquer ação pode mudar tudo para sempre.

Capítulo 8

Capítulo 8 marca um ponto de virada emocional para mim, já que decidi interromper a leitura do manuscrito de Verity. Dois dias se passaram desde o episódio da tentativa de aborto que li, e agora o texto permanece escondido, em silêncio, como um segredo pulsante embaixo de pilhas de objetos. Mesmo não abrindo mais aquelas páginas, sinto sua presença constante no escritório, como se a energia daquelas palavras ainda pairasse no ar. A cada dia, torna-se mais difícil manter a concentração no trabalho que vim fazer, pois o manuscrito, mesmo sem ser tocado, me persegue em pensamentos. Deixá-lo de lado momentaneamente foi necessário para manter o foco e recuperar um mínimo de sanidade. Meu plano ainda é terminar o que comecei, mas precisava de distância para seguir adiante com a continuação da série de livros que me foi confiada.

Percebi que, ao parar de mergulhar no conteúdo sombrio do manuscrito, a presença de Verity passou a me causar menos medo. Ontem, ao sair para tomar um pouco de ar, notei que ela jantava com a família, algo que eu nunca havia presenciado. Nas primeiras noites, sempre permaneci no escritório, talvez por evitar esse tipo de interação. A visão de Verity sentada à mesa com Crew e Jeremy foi perturbadora, mas ao mesmo tempo, banal. Parecia uma cena normal de família, e talvez isso fosse o mais assustador: a normalidade mascarando a tensão. Hoje, com a chegada da enfermeira Myrna, o ambiente se suavizou um pouco. Ela é uma mulher calorosa, com um rosto amigável e palavras gentis, e sua presença trouxe certo alívio àquela casa silenciosa.

Myrna trabalha nos fins de semana, substituindo April, que carrega um ar de desconfiança, especialmente em relação à minha presença perto de Jeremy. Não sei se ela julga mal minhas intenções ou se apenas tenta proteger Verity, mas fica claro que minha estadia aqui a incomoda. Talvez pense que Jeremy e eu tenhamos algo, o que não é verdade — embora, às vezes, eu deseje que fosse. A extensão da minha

estadia, que inicialmente me incomodava, agora se mostrou útil. Consegui avançar nas leituras da série escrita por Verity, e o estilo dela — sempre explorando o ponto de vista dos vilões — começa a fazer mais sentido. Isso me deu ideias claras sobre como continuar a saga, respeitando a voz original da autora. No entanto, por cautela, continuo buscando por anotações ou qualquer pista deixada por ela.

Enquanto estou remexendo uma das caixas no chão do escritório, recebo uma mensagem de Corey. A Pantem havia feito um anúncio oficial me apresentando como coautora da série “As Virtudes Nobres”, algo que me deixou nervosa. O anúncio nas redes sociais de Verity é formal, mas carrega ironias pesadas, como a afirmação de que Verity está entusiasmada com a parceria. Ao ler os comentários dos seguidores, sou atingida por uma avalanche de críticas e desconfiança. Palavras duras como “autora medíocre” e “traição literária” saltam da tela e me atingem diretamente. Desligo o celular e guardo dentro da bolsa, tentando não absorver tanta negatividade.

Jeremy, com sua presença calma, surge na porta me convidando para ir ao mercado. Aceito, mais por necessidade prática do que por desejo de socializar, embora saiba que estar ao lado dele é uma tentação constante. O jipe que ele dirige surpreende — coberto de lama, robusto e completamente diferente do perfil de executivo que eu imaginei. Isso reforça como a imagem que eu tinha de Jeremy está mudando. Ele é prático, real e diferente dos homens com quem me relacionei no passado. A forma como me ajuda a sair do carro, abrindo a porta e segurando minha mão, me desconcerta. É gentil, é raro, e talvez por isso meu corpo reaja de forma intensa e inesperada.

No supermercado, conversamos sobre comida de forma casual. Digo que gosto de tacos, ele sorri, e compramos os ingredientes juntos. Me ofereço para cozinhar espaguete, o único prato que sei preparar bem, e ele parece animado com a ideia. Aproveito a chance de pegar absorventes, além de algumas roupas e itens pessoais. Ainda que não seja um segredo, sinto vergonha, um reflexo da forma como mulheres muitas vezes são condicionadas a se esconderem nesses momentos naturais. Jeremy, no entanto, me parece o tipo de homem que já comprou isso para Verity muitas vezes.

Ele não seria do tipo a julgar.

Na volta, me deparo com duas mulheres conversando com Jeremy perto da seção de sorvetes. São amigas de Verity e, pelo olhar de julgamento, não gostam de me ver ao lado dele. Seus olhares percorrem minhas compras, e os absorventes parecem ganhar atenção especial. A forma como Patricia questiona quem sou, com aquele tom de fofoca disfarçada de interesse, me irrita. Jeremy responde com naturalidade, apresentando-me como colaboradora de Verity, mas o constrangimento já havia se instalado. Patricia, com sarcasmo, menciona Verity como se eu não tivesse o direito de estar ali. Jeremy finaliza a conversa com classe, confundindo propositalmente o nome do marido dela — uma pequena vingança verbal que quase me faz sorrir.

À medida que nos afastamos, percebo como Jeremy consegue se manter firme diante de julgamentos, enquanto eu ainda aprendo a lidar com eles. Esse momento, embora desconfortável, revela que há uma proteção silenciosa da parte dele. E talvez, mesmo que ele não diga, isso signifique algo.

Assim seja

Assim seja

de Verity Crawford

Nota da autora:



O aspecto que mais abomino nas narrativas autobiográficas são as reflexões

Capítulo 23

Capítulo 23 começa com uma atmosfera tensa, quase opressiva, enquanto espero que Jeremy termine de ler o manuscrito. A casa, antes cheia de vida, agora parece imersa em um silêncio profundo, uma calma inquietante que só aumenta a minha ansiedade. Em minha mente, surgem inúmeras questões: será que ele ainda vai querer minha presença depois de tudo o que descobriu? Por tanto tempo, mantive o segredo sobre o manuscrito, e agora tenho medo de que a verdade, embora necessária, tenha destruído tudo entre nós. E, claro, sei que a maior vítima aqui será Verity — jamais será perdoada por suas ações, não importa o quanto Jeremy tente entender ou aceitar.

Enquanto os minutos se arrastam, ouço um som vindo de cima, como se alguém tivesse batido em algo, e então o choro começa, suave, mas angustiante. É o tipo de dor que transparece em cada suspiro, e eu posso sentir em minha própria pele. Jeremy deve estar em choque, processando cada palavra do que leu, e tenho certeza de que ele deve ter pulado para as partes mais dolorosas — as verdades sobre o que realmente aconteceu com Harper. As portas se abrem, e Jeremy aparece no monitor, olhando para Verity, como se estivesse tentando entender o que não podia acreditar.

Ao ver o confronto entre eles, a tensão se torna palpável. Jeremy está prestes a perder o controle, a raiva e a dor transbordando em cada palavra que ele diz. A ameaça de ligar para a polícia paira no ar, mas Verity, com seu olhar impassível, se recusa a admitir a verdade. Ela tenta resistir, mas Jeremy não está mais disposto a permitir que ela se esconda por trás de mentiras. O silêncio do quarto é interrompido pelo som de um soco na porta — uma explosão de raiva que mal consegue ser contida. A tensão entre eles cresce, e as palavras trocadas são tão afiadas quanto lâminas, cortando o que restava de confiança entre o casal.

O confronto se intensifica, e a cena no quarto se torna mais caótica. Jeremy, tomado pela dor e pela traição, acaba usando força para tentar domar Verity. Ela tenta fugir, mas ele não a deixa. O monitor, agora uma janela para a brutalidade do momento, capta cada movimento, cada suspiro de uma luta que nunca deveria ter acontecido. A situação se torna tão tensa que a linha entre raiva e desespero começa a se borrar. Ao tentar intervir, vejo que Jeremy, perdido em sua dor, está disposto a cometer um ato irreversível. As palavras de Jeremy, "Você matou nossa filha, Verity", são ditas com tanta amargura que ressoam no ar como uma sentença de morte.

O horror do que acontece a seguir é quase insuportável. Eu me vejo tentando impedir Jeremy, mas minha mente e corpo estão paralisados pela gravidade da situação. Tento intervir, mas as palavras saem hesitantes, como se eu estivesse tentando agarrar algo que já estava perdido. Jeremy está tão consumido pela dor que não consegue ouvir minha voz. Ele está pronto para destruir tudo, até mesmo o futuro dele e de Crew, por causa da raiva que tomou conta dele. O silêncio depois da luta é pesado, quase ensurdecedor. O ar está carregado de uma tensão quase palpável, e então, finalmente, tudo parece parar.

Aterrorizada, percebo que, de alguma forma, me envolvi em algo irreversível. A ideia de que ajudei a tirar uma vida me consome. Jeremy, embora abalado, não parece compreender completamente o que fez. Ele ainda não processou a magnitude do que ocorreu. E eu, ao contrário, me vejo tentando encontrar alguma forma de justificar o que acabamos de fazer. O que vimos, o que fomos forçados a fazer, não é algo que possa ser facilmente apagado. As memórias de uma noite de decisões desesperadas continuarão a nos assombrar.

Jeremy, em um estado de choque, começa a se mover mecanicamente, enquanto eu fico parada, completamente paralisada, tentando compreender o que realmente aconteceu. As palavras de consolo que eu queria dizer parecem inadequadas diante do vazio que paira entre nós. Em meio a esse turbilhão de emoções, somos forçados a encarar a realidade de que nossas vidas jamais serão as mesmas novamente. Tudo o que construímos até aquele ponto desmoronou em um único momento.

Capítulo 21

Capítulo 21 é repleto de tensões silenciosas, onde as memórias e os segredos de Crew se entrelaçam com os eventos do presente. Lowen, atormentada por suas decisões, reflete sobre os impactos psicológicos do passado de Crew, principalmente em relação ao trauma que ele pode carregar. Mesmo sendo muito jovem, é possível que as memórias de momentos traumáticos, como o afogamento de sua irmã, tenham ficado gravadas em sua mente. Lowen sente um peso enorme sobre si, não apenas pela responsabilidade de cuidar de Crew, mas também por carregar o conhecimento do manuscrito que poderia revelar a verdade que ninguém parece querer enfrentar. Ela se vê dividida entre proteger Jeremy e sua família ou expor a terrível realidade para que o filho doente tenha o suporte necessário para superar suas experiências.

Em um momento de leveza, Lowen tenta aliviar o clima com Crew, mas a conversa a leva de volta ao ponto doloroso do passado. Ao perguntar sobre a canoa e o acidente, Lowen busca respostas, mas Crew não responde de forma clara. Ele parece estar tentando se proteger de reviver algo que, talvez, seja mais traumático do que ele consiga processar. A interação entre eles, ainda que simples, revela a complexidade da mente de uma criança traumatizada. A tensão no ar cresce quando Crew, sem saber, revela um detalhe crucial: Verity lhe disse para não falar sobre o que aconteceu. Essa pequena frase faz com que Lowen sinta o peso da responsabilidade de, eventualmente, confrontar Jeremy com o que sabe, mas também coloca uma camada ainda mais espessa de desconfiança sobre Verity e suas intenções.

Lowen, tentando garantir que o segredo de Verity seja mantido, começa a agir com mais cautela. Sua ação de trancar Verity no quarto e verificar a babá eletrônica no porão mostra o nível de desconfiança que se instalou entre eles. O fato de ela ser obrigada a tomar medidas para garantir sua segurança e controlar a situação ao redor de Verity reflete o quão complexa e perigosa se tornou a convivência na casa.

Enquanto Jeremy está fora com Crew, Lowen fica sozinha, tentando proteger a si mesma e a verdade que ainda está esperando para ser revelada. A cena em que Lowen sobe as escadas com a faca, com o monitor de bebê em mãos, é carregada de uma tensão palpável. Ela sabe que está indo além do limite, mas a necessidade de controlar a situação e a constante sensação de ameaça a fazem agir dessa forma.

A maneira como Lowen lida com o medo e a incerteza também é uma forma de enfrentar seus próprios demônios internos. O peso da verdade, o medo da reação de Jeremy e o desejo de proteger Crew criam um conflito interno que a acompanha a cada passo. A ideia de que ela pode estar tomando as decisões erradas pesa sobre ela, mas o que mais a atormenta é a possibilidade de que, ao deixar de agir, algo ainda mais trágico possa ocorrer. A narrativa nos leva a questionar até onde Lowen irá para garantir a segurança de Crew e confrontar Verity com o que sabe. Ela não apenas enfrenta a manipulação de Verity, mas também a insegurança sobre como as ações que está tomando podem afetar o futuro da família. A tensão psicológica se acumula, levando os leitores a se perguntarem até que ponto os segredos podem ser escondidos e qual será o custo de mantê-los em segredo.

O capítulo não apenas aumenta a tensão, mas também aprofunda a complexidade emocional de cada personagem. A luta interna de Lowen, os traumas não resolvidos de Crew e a descoberta iminente de Jeremy formam uma rede de emoções que transbordam para as páginas. O que parecia ser uma simples convivência entre personagens se transforma em um campo de batalha psicológico, onde cada escolha, por mais simples que pareça, tem um impacto profundo. A decisão de Lowen de intervir, mesmo em um momento de pânico, é crucial para a narrativa, pois marca um ponto de não retorno. O capítulo termina deixando uma sensação de que o futuro da família está em jogo, e a verdade será, eventualmente, o único caminho para a cura ou destruição de todos os envolvidos.

Capítulo 6

Capítulo 6 revela-se com a narradora tentando concentrar no trabalho, mas sendo continuamente distraída pela grandiosidade do escritório de Verity. As janelas de vidro, do chão ao teto, oferecem uma vista ampla e serena, algo que deveria inspirar criatividade, mas que só acentua o contraste com a angústia interna que ela sente. Do outro lado do vidro, Verity está imóvel em sua cadeira de rodas na varanda, como uma figura silenciosa que observa, mesmo que sem reação aparente. O cenário é belo, mas carrega um peso invisível, como se cada raio de sol que entra pelo vidro arrastasse também uma sombra. Enquanto tenta mergulhar nos livros e personagens da série que herdou para continuar, o olhar ausente de Verity parece acompanhá-la, transformando a tarefa criativa em um desafio emocional. Manter o foco entre anotações, esboços e o manuscrito original torna-se cada vez mais difícil quando a presença física da autora original paira como um fantasma vivo.

Ao mesmo tempo em que a narradora tenta entender o universo fictício criado por Verity, ela enfrenta seu próprio enredo real: falta de moradia iminente e dívidas que se acumulam como páginas nunca lidas. Essas pressões invadem seus pensamentos com a mesma força dos personagens que precisa dar continuidade. Jeremy, atento às mudanças sutis em seu comportamento, oferece apoio de maneira discreta, propondo que ela permaneça mais tempo na casa até se organizar financeiramente. Esse gesto, embora generoso, traz implicações emocionais difíceis de ignorar. Ela sabe que esse apoio não vem de um lugar neutro — há gentileza, mas também há tensão. A forma como ele a observa, os momentos de silêncio entre os dois, e os toques sutis na conversa criam uma atmosfera carregada de sentimento não dito. A barreira entre profissional e pessoal começa a se desfazer, pouco a pouco, como a névoa dissipando no calor do dia.

A tensão entre empatia e desconforto cresce à medida que a narradora se envolve com a realidade daquela casa. O estado de Verity, embora clínico, começa a parecer mais ambíguo a cada dia — haveria mesmo ausência total de consciência? Será que aquela quietude era apenas um disfarce? A enfermeira, as expressões no rosto de Verity, até mesmo os movimentos mínimos, alimentam essas dúvidas silenciosas. Conviver com alguém nesse estado exige mais do que compaixão; exige vigilância, interpretação de sinais invisíveis e, principalmente, resistência emocional. A narradora sente que o peso de estar ali vai além de terminar uma obra — trata-se de atravessar um território psicológico cercado por luto, culpa e expectativa. Ela questiona até que ponto Verity entende o que acontece ao seu redor e se, em algum nível, ainda tenta exercer controle sobre o ambiente, mesmo sem mover um músculo.

As conversas com Jeremy revelam mais sobre ele do que qualquer outra interação até então. Ele fala pouco, mas diz muito com gestos. Seu cuidado com Crew, a maneira como organiza o cotidiano da casa e seu esforço em manter tudo funcional mostram um homem exausto, mas resiliente. A narradora começa a enxergá-lo não só como o marido de Verity, mas como alguém que carrega o fardo de uma perda profunda e, mesmo assim, continua seguindo em frente. Isso a faz sentir-se ainda mais dividida. É difícil não se deixar tocar por esse tipo de força silenciosa. Mas é igualmente difícil não se perguntar se essa força vem do amor ou da culpa.

As noites, antes silenciosas, agora são repletas de pensamentos e inquietações. A narradora relê trechos do manuscrito escondido e encontra pistas contraditórias, como se Verity tivesse múltiplas versões de si mesma. Isso a faz duvidar até da veracidade de suas próprias interpretações. Seria Verity uma vítima da mente ou autora da própria ruína? Essa dúvida paira como um véu sobre tudo. Jeremy, embora gentil, evita tocar nesses pontos, o que torna tudo ainda mais misterioso. E essa ausência de respostas alimenta ainda mais o medo. Dormir sob o mesmo teto que alguém que talvez compreenda tudo, mas não diga nada, torna-se cada vez mais insuportável.

E mesmo assim, no meio de tudo isso, surgem momentos de ternura. Um jantar simples, um elogio inesperado, a forma como Jeremy se preocupa com Crew. Esses

fragmentos de vida normal são os fios que impedem a narradora de desmoronar. Ela encontra consolo nos detalhes — o cheiro de café fresco, o barulho da madeira quando alguém sobe as escadas, o riso breve de Crew antes de dormir. Pequenos lembretes de que ainda há humanidade ali, mesmo quando tudo parece imerso em dúvida. A casa, com suas memórias nas paredes e silêncios nos corredores, é um personagem à parte — um que observa tudo e guarda segredos que talvez nunca sejam revelados por completo.



Verity

Verity

Site da autora: 

https://www.colleenhoover.com/

Wikipédia da autora:

https://en.wikipedia.org/wiki/Colleen_Hoover

Facebook da autora:

https://www.facebook.com/AuthorColleenHoover/

Instagram da autora:

https://www.instagram.com/colleenhoover/?hl=pt-br

Twitter da autora:

https://twitter.com/colleenhoover

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/5430144.Colleen_Hoover

Skoob da autora:

https://www.skoob.com.br/autor/9122-colleen-hoover

Livros da autora:

http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6816

É assim que acaba

Hoover, Colleen

9788501113498

368 páginas

Compre agora e leia

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

Compre agora e leia

Herdeira do fogo - Trono de vidro - vol. 3

J. Maas, Sarah

9788501105561

518 páginas

Compre agora e leia

O terceiro volume da série best-seller mundial. Misto de Assassin's Creed e Game of Thrones, a história de Celaena Sardothien, uma assassina a serviço de um rei tirânico, é uma fantasia épica repleta de ação, intriga e cenas de luta inesquecíveis. No terceiro

livro da saga, Celaena ressurge das cinzas ainda mais forte e letal. E parte em uma jornada em busca de uma obscura verdade: uma informação sobre sua herança e seus antepassados que pode mudar sua vida e o futuro de dois reinos para sempre. Enquanto isso, forças sinistras começam a despontar no horizonte e têm planos malignos para dominar o seu mundo. Agora, depende de Celaena encontrar coragem para enfrentar tais perigos, além de seus próprios demônios, e fazer a escolha mais difícil da sua vida.



Compre agora e leia

Reino de cinzas - Trono de vidro - vol. 6

Maas, Sarah J.

9788501117007

938 páginas

Compre agora e leia

A conclusão épica e inesquecível da série Trono de Vidro. Trancada em um caixão de ferro, Aelin luta para permanecer forte e resistir às torturas de Maeve, pois sabe que a sobrevivência de seu povo depende disso. Mas a cada dia que passa, parece mais difícil manter a determinação. Em Terrasen, Aedion, Lysandra e seus aliados se esforçam para conter a ameaça iminente, porém a força dessa aliança pode não ser o suficiente para barrar as hordas de Erawan e proteger Terrasen da destruição total. Enquanto isso, do outro lado do oceano, Rowan não irá desistir de encontrar seu amor, sua parceira, sua rainha. À medida que os fios do destino se entrelaçam no explosivo final da série Trono de Vidro, todos devem lutar se quiserem uma chance de sobreviver.

Compre agora e leia

Trono de vidro - Trono de vidro - vol. 1

J. Maas, Sarah

9788501100573

392 páginas

Compre agora e leia

Nas sombrias e sujas minas de sal de Endovier, um jovem de 18 anos está cumprindo sua sentença. Celaena é uma assassina, e a melhor de Adarlan. Aprisionada e fraca, ela está quase perdendo as esperanças quando recebe uma proposta. Terá de volta sua liberdade se representar o príncipe de Adarlan em uma competição, lutando contra os mais habilidosos assassinos e larápios do reino. Endovier é uma sentença de morte, e cada duelo em Adarlan será para viver ou morrer. Mas se o preço é ser livre, ela está disposta a tudo.

Compre agora e leia

Corte de espinhos e rosas - Corte de espinhos e rosas - vol. 1

J. Maas, Sarah

9788501107114

434 páginas

Compre agora e leia

Ela roubou uma vida. Agora deve pagar com o coração. Nesse misto de A Bela e A Fera e Game of Thrones, Sarah J. Maas cria um universo repleto de ação, intrigas e romance. Depois de anos sendo escravizados pelas fadas, os humanos conseguiram se libertar e coexistem com os seres místicos. Cerca de cinco séculos após a guerra que definiu o futuro das espécies, Feyre, filha de um casal de mercadores, é forçada a se tornar uma caçadora para ajudar a família. Após matar uma fada zoomórfica transformada em lobo, uma criatura bestial surge exigindo uma reparação. Arrastada para uma terra mágica e traiçoeira — que ela só conhecia através de lendas —, a jovem descobre que seu captor não é um animal, mas Tamlin, senhor da Corte Feérica da Primavera. À medida que ela descobre mais sobre este mundo onde a magia impera, seus sentimentos por Tamlin passam da mais pura hostilidade até uma paixão avassaladora. Enquanto isso, uma sinistra e antiga sombra avança sobre o mundo das fadas e Feyre deve provar seu amor para detê-la... ou Tamlin e seu povo estarão

condenados.

Compre agora e leia

Table of Contents

Obras da autora publicadas pela Editora Record

Rosto



Créditos

Dedicatória

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Assim seja

Capítulo Um

Capítulo 5

Capítulo Dois

Capítulo 6

Capítulo Três

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo Quatro

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo Cinco

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo Seis

Capítulo 15

Capítulo Nove

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo Treze

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo Quatorze

Capítulo 20

Capítulo 21

